este cabaz pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 12 DE FEVEREIRO DE 1971 N.º 17 293 ANO 50.º PREÇO 1$50

COMPRE JOGO no CAMPIÃO LOTARIA TOTOBOLA

RELATIVAMENTE AOS MEIOS PEDAGÓGICOS

EXCESSO DE ALUNOS NA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA

—afirmou o prof. Miller Guerra a propósito da reforma do ensino

Referindo-se à Faculdade de Medicina de Lisboa, o prof. Miller Guerra afirmou, esta tarde, na Assembleia Nacional, que existe um «excesso de alunos relativamente aos meios pedagógicos».

O prof. Miller Guerra usou da palavra antes da ordem do dia, fazendo considerações sobre a reforma do ensino, a propósito de dois discursos, o do ministro da Educação Nacional, proferido há três dias, e o do prof. Candido de Oliveira, ao tomar posse do cargo de director da Faculdade de Medicina de Lisboa. Recordando palavras do ministro Veiga Simão («temos de caminhar com segurança,

(Continua na 8.ª página)

HOJE 32 PÁGS.

VISADO PELA CENSURA

À SAÚDE DA MENINA —«ZIP, ZIP, HURRAH»

Alta madrugada, a festa do Tivoli ainda estava no rescaldo. Tonicha, Ary dos Santos e Nuno Nazareth Fernandes não cabiam em si de contentes: o trivencedor compositor provocou novo êxito do poeta. Pela primeira vez uma composição («Menina») recebeu votos de todos os juris regionais. Pela primeira vez mais de 30 pontos separaram os melhores trechos musicais em luta. Pela primeira vez Tonicha aparece no Eurofestival. **Reportagem de Neves de Sousa na pág. 15 e «Canal da Crítica», de Má lo Castrim, nas págs. 7 e 14)**

PORQUE SE UNEM OS JOVENS

A necessidade que os jovens têm de se constituir em grupos é um dos temas tratados hoje no nosso habitual suplemento das sextas-feiras: «MESA REDONDA». Nas suas doze páginas, este suplemento reune artigos, entrevistas e inquéritos sobre os mais variados temas socio-económicos.

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

BEM FÁCIL A FORMA DE PARTICIPAR

PARA SE HABILITAR aos magníficos prémios instituídos para esta fase inicial do programa comemorativo do cinquentenário do «Diário de Lisboa», os nossos leitores apenas têm de preencher o cupão-duplo que publicamos diàriamente e deverá ser preenchido com letra bem legível, enviando-o, uma unica vez, para os serviços administrativos do nosso jornal. Nada mais é necessário para participar na iniciativa que oferecemos aos nossos leitores. Em troca desse cupão-duplo começará, dentro de dias, a ser remetido o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa», que permitirá a identificação imediata, no caso de lhes ser atribuído um prémio.

Trata-se, como é evidente, duma ini-

(Cont. na pág. seguinte)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

(LER NA PÁG. 13)

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

(Continuação da pág. anterior)

ciativa organizada em função da comodidade dos nossos leitores, já que pouco se lhes pede a fim de nela participarem. Munidos dos seus cartões de identidade de leitores do «Diário de Lisboa» com os numeros que os habilitarão ao sorteio dos prémios, os contemplados apenas terão de provar ter permanecido leitores do nosso jornal durante o período compreendido entre 2 de Janeiro e 31 de Março. Mas até esta formalidade foi reduzida á sua expressão mais simples: efectivamente, os leitores apenas terão de conservar na residência indicada no cupão-duplo os «cabeçalhos» (título e data) referentes aos jornais publicados durante aquele período, permitindo-se-lhes ainda uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

Tudo simples e fácil, como se verifica. Salientamos, no entanto, a conveniência dos nossos leitores se não atrasarem no envio dos seus cupões-duplos, cuja prazo de recepção termina, impreterivelmente, (como temos noticiado) no dia 25 de Março. É, pois, da maior conveniência, que se não atrasem no envio do cupão-duplo que poderá, também, por sua vez, provocar demora na remessa do cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa», iniciativa em que estão já inscritos muitos milhares de participantes.

CORRESPONDÊNCIA

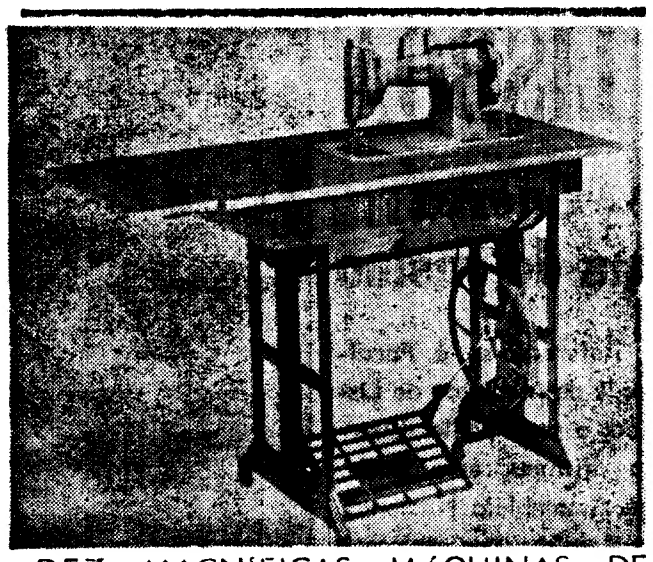
Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões) deve ser dirigida a «LEITOR DO «DIARIO DE LISBOA», Rua Castilho 185 1.º — Lisboa 1

REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.
- O leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa».
- preenchido o cupão-duplo este deverá ser remetido para a Rua Castilho 185-1.º-Lisboa-1 acompanhado de um selo de 1$00 se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio.
- se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa» o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1$00, que se destina, lògicamente, a despesas de correio.
- recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem numerica e altabética O cartão de identidade receberá o mesmo numero do cartão-duplo
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.
- o leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio que lhe for atribuido em sorteio terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitido uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da 1.ª página do jornal donde conste o nome deste e a data da publicação.

PRÉMIO ORIGINAL este que se destina aos participantes da iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa»: uma magnífica «roulote» SPRITE-CADET, sólida, confortável, adaptável a qualquer tipo de carro, ideal para férias e fins de semana. SPRITE-CADET é representada por MARCAMPO — Av. Almirante Gago Coutinho, 56-D — Lisboa.



DEZ MAGNÍFICAS MÁQUINAS DE COSTURA «OLIVA» são, também, prémios da nossa iniciativa. «OLIVA» — máquina de costura portuguesa cuja categoria é reconhecida no país e no estrangeiro — só é possível graças á complexa e moderna organização fabril, orientada pela técnica mais evoluída e apetrechada com maquinaria de incontestável rigor e eficiência. Os já largos anos de presença nos mercados nacionais e estrangeiros e os muitos milhares de máquinas em plena actividade nas mais favoráveis condições de trabalho e rendimento são elementos eloquentes da sua incontestável classe.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se desde já assinaturas pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes

3 meses — 130$00
6 » — 250$00
12 » — 485$00

Pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

RECORTE E ENVIE AO «DIARIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

RECORTE E ENVIE AO «DIARIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERA DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTAO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIARIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1$00

Os fabricantes portugueses não podem concorrer com as empresas da C. E. E.

— diz-se no Boletim da E. F. T. A.

«Portugal está pronto a aceitar a eliminação progressiva de direitos de alfândega nas trocas com o Mercado Comum» — escreve sobre a situação económica do nosso País e o alargamento da C. E. E., J. Vieira de Castro, num artigo publicado no último boletim da E. F. T. A.

«Essas disposições deverão ser completadas por regras especiais para um certo número de produtos sensíveis; com efeito, os fabricantes portugueses não estão em estado de concorrer, de início, com as poderosas empresas estabelecidas nos países do Euromercado» — sublinha o articulista.

«O Governo português está perfeitamente consciente de que as disposições sobre a livre circulação de mercadorias são inseparáveis, no sistema das Comunidades, de regras relativas a diversos outros sectores» — acrescenta J. Vieira de Castro, que escreve em determinado passo:

«Mas o nível de desenvolvimento da economia portuguesa pedirá um regime especial, que ajudará a criar as condições requeridas para a aceitação completa das disposições comunitárias que levem a todos estes domínios. Isso será objecto do acordo a negociar entre Portugal e as comunidades.»

E noutro ponto, afirma J. Vieira Machado:

«Quanto à evolução das negociações, Portugal está inteiramente de acordo com os Seis sobre a necessidade do paralelismo entre as negociações acerca do alargamento das Comunidades e as levadas a efeito com países não candidatos da Associação Europeia de Comércio Livre (AELE).

O articulista chama, também, a atenção para o facto de recentemente a Assembleia Nacional ter dado o seu acordo total aos termos nos quais a posição portuguesa foi formulada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros na sua declaração perante o Conselho das Comunidades e que a Assembleia apoia inteiramente a política governamental no que diz respeito à integração europeia.

Papel de primeiro plano

«Portugal está firmemente convencido da importância do momento presente para o futuro da Europa, e o seu Governo está decidido a contribuir para o alargamento e reforço da solidariedade europeia em toda a medida

(Continua na 16.ª página)

O «HOMEM NA CIDADE» FOI À TV PELA MÃO DE ALDÓNIO GOMES

Dois anos passaram sobre a publicação de um livro insólito a, pelo menos, três títulos: a realidade, colhida na fonte do quotidiano sem história, dava motivo para histórias: a pressa na corrida contra o tempo que é a lei opressiva na Redacção de um jornal, tornava-se lentidão gostosa diante do espectáculo de uma cidade humana; a ausência de preocupações literárias revertia, afinal de contas, no enriquecimento literário.

Referimo-nos a «O Homem na Cidade», *volume constituído pelas crónicas da terceira página do nosso jornal, publicadas num breve e apaixonado período de três meses. Algumas dessas crónicas podem considerar-se verdadeiras obras-primas, embora não tivessem sido escritas com a convicção de o serem; poderão viver longos anos nas antologias da literatura portuguesa, embora nascessem para viver apenas as breves horas da vida de um jornal.*

Os leitores do «Diário de Lisboa» recordam ainda, por exemplo, a humanidade de Os mortos e os fósforos, *de Pedro Alvim; a emoção contida do* «Recado para a família», *de Manuel Beça; o espírito lisboeta do* «Papinho cheio», *de Félix Correia; a poesia em estado de graça de* «Os Dons Robertos», *de Joaquim Letria; a dura atenção ao real no* «Ao soar da salva», *de Torquato da Luz; a profissão transformada em poema de* «O papa tem os olhos azuis», *de Fernando Assis Pacheco; o olhar dorido, mas fortalecido, de* «A cartomante», *de José Carlos de Vasconcelos...*

O livro segue o seu curso, entrou na rotina editorial. Nem sequer dele se falaria aqui hoje caso não se desse um facto insólito a juntar a tantos outros: vê-lo mencionado na Televisão, aproveitado como tema para uma lição de português na TV Educativa.

O dr. Aldónio Gomes, responsável daquela rubrica, considera que o amor da língua portuguesa deve principalmente orientar-se no conhecimento e no amor dos artistas portugueses. Passou o tempo dos gramaticões que é o mesmo que dizer: passou o tempo da análise de uma estética, para se entrar no caminho da literatura que o mesmo é dizer, para se entrar na análise de uma dinâmica. Se uma língua vale pela sua capacidade de expressão, é no povo e nos escritores que devemos procurar a demonstração da sua força.

Assim pensa Aldónio Gomes cuja preocupação na TV Educativa, *consiste principalmente em descobrir, na companhia dos telespectadores, as razões do escritor como tal, ou seja: a sabedoria na utilização da língua portuguesa como material estético.*

Para tanto, o tema da última lição assentou na crónica Um dia difícil, *do nosso camarada de Redacção Manuel de Azevedo, uma das mais belas e vigorosas de todo o livro. Aldónio Gomes destacou a simplicidade de processos do escritor; o seu tom coloquial (característica da prosa realista portuguesa desde Fernão Lopes); o recurso a uma técnica que, pelo seu tom directo, atinge frontalmente o leitor; a sabedoria com que, no território de três páginas, o escritor se movimenta para criar uma exposição, para um desenvolvimento, para um desfecho e finalmente para uma* coda, *habilmente estruturada a fim de deixar o leitor, não frente à crónica, mas frente à vida. E esta humildade do escritor também há-de levar-se à conta de uma virtude literária.*

Tão brilhante e entusiasta demonstração de amor da língua portuguesa faz da rubrica de Aldónio Gomes uma das mais valiosas da Televisão. Que para tanto contribua a actividade do «Diário de Lisboa» e a qualidade literária de um nosso camarada, eis o que não pode deixar de ser matéria de algum natural contentamento como recompensa de um trabalho não inglório. Como se prova.

NOTA do dia

QUANTOS PORTUGAIS?

O MAPA DE PORTUGAL é o primeiro documento para que teremos de olhar de cada vez que tivermos a pretensão de pensar nas coisas políticas do País. Quem diz coisas políticas quer dizer governação, com um fito pode deixar de estar presente e tem um nome que o resume. Chama-se desenvolvimento desde que passou de moda ou fazer engulhos a palavra progresso, porventura tida por alguns como rebarbativa, reivindicativa ou outras coisas terminadas em iva que neste instante não saltam ao bico da pena. Em todo o caso, a palavra permanece como lema na bandeira auriverde do Brasil: «Ordem e Progresso». Diga-se entretanto desenvolvimento, a Maria vai com as outras.

Ora bem: que diz o mapa? A gente olha e vê no pequeno Portugal europeu, quadrilátero no extremo ocidental do continente, duas orlas distintas, o Portugal do lado do mar e o Portugal interior. Pode é dizer-se que é no primeiro que se concentram todas as grandes actividades, as áreas industriais, as grandes sedes judiciais, as universidades, as principais vias de comunicação rodo e ferroviárias, as principais fontes de exportação, as maiores aglomerações urbanas, a maior densidade populacional. E a isto só não acrescentaremos naturalmente os grandes portos, para não fazermos figura de Amigo Banana: não haviam os portos de se situar no interior do País...

O problema é de pôr na altura em que estão na agenda os estudos relacionados com a regionalização, tentada a partir da constituição dos grupos de planeamento regional. E levantou-o também, adequadamente, o deputado dr. Francisco Balsemão, eleito pela Guarda, que é um dos distritos «enteados». Aliás, todo aquele «hinterland» situado um pouco mais ao Sul, que vai de Castelo Branco para Coimbra, é área extremamente pobre de tudo e, porque é um tanto costume mandar corrigir e regar as ruas onde moram os vereadores, não fica mal dizer, para honra de tão destacada vítima, que aí se situam as origens familiares do actual Presidente do Conselho.

Disse aquele deputado: «As boas intenções anualmente anunciadas na Lei de Meios não se concretizam no que respeita ao interior do País. Os notáveis esquemas do sr. subsecretário do Planeamento não começaram ainda a produzir frutos na zona mais pobre da Metrópole. Expressões como «desenvolvimento regional», «incentivos fiscais à indústria», «criação de pólos», «equipamento urbano», «emparcelamento agrícola», etc., vão sendo consideradas letra-morta, porque as pessoas não vivem de teorias e continuam a não ver satisfeitas as suas necessidades mais elementares». Parece necessário sublinhar estas verdades, que para os povos interessados lhes são sentidas na carne, mas que os outros como nós, que estamos longe, poderão recolher com o sabor amargo de revelação.

O pior é que o mal, a que é preciso acudir, ainda assim parece correr riscos de se agravar. Com efeito, o projecto de construção de auto-estradas para que foi aberto e está para decidir o concurso (480 quilómetros delas, 15 milhões de contos, 12 anos) não traz consigo qualquer proposta de correcção a tal estado de coisas. Quase se poderia dizer que o agrava, na medida em que todo o sistema previsto se desenha nas regiões já hoje favorecidas. Onde é que se instalam e com que pretexto os chamados pólos de desenvolvimento? Que espécie de actividades produtoras se deverão animar e onde as localizar? É indispensável pensar nestas coisas, mas pensarmos todos, os que vivemos nas regiões menos ou mais favorecidas. E para descobrir onde fixar os nossos pensamentos bem poderemos usar o «slogan» festivo que nos fizeram aprender: há sempre um Portugal desconhecido que espera por si. Pois há...

Amanhã dois festivais na Imprensa portuguesa

...OU COMO
O FESTIVAL TV DA CANÇÃO
«VIROU» FESTIVAL
DE REPORTAGEM A CORES
EM 10 PAGINAS
DO

SÉCULO ILUSTRADO

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

ANDARES

Vendem-se para rendimento em Lisboa c/ 3 e 4 casas assoalh., hall, coz.ª, desp.ª, 1 e 2 casas de banho, etc. Preços desde 210 000$00. Mostra a port.ª todos os dias no local Rua Eng.º Quartin Graça, n.º 49, à Calçada de Carriche. Trata: F. Fernandes & Costa, Lda. Av. Almirante Reis, 104-2.º. Telefs. 536111/2.

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367441 323172
Rua 1.º de Dezembro, 15

MORADIAS

A estrear. Vendem-se em Carcavelos, Parede, Cascais e Costa da Caparica. — Andar junto Estrada Marginal, na linha do Estoril. — Lotes de terreno para moradias em Cascais. Trata o próprio. Tel. 539773 escr. ou 771664 res., Lisboa.

novo casino estoril

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÁS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

THE HEARTS OF SOUL

VEDETAS HOLANDESAS DO "MUSIC-HALL" MUNDIAL

NORM NIELSEN
ILUSÃO E FANTASIA

HELENA TAVARES
com ANTÓNIO LUÍS GOMES e RAÚL SILVA

LES BALLETS DE

GEORGES REICH

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

Angie Bubbles
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÁS 23,30 H.
maiores de 17 anos
NO WONDER BAR Á 1,0H. maiores de 21 anos

novo casino estoril

Charlie Bubbles
"UM HOMEM E A SUA HISTÓRIA"
de
Albert Finney

RECONHEÇO, DEFENDO SEM HESITAR O PRIMEIRO FILME DE ALBERT FINNEY.
A CAPITAL

O FILME CAPTA CADA VEZ MAIS A NOSSA ADESÃO À MEDIDA QUE IMPÕE O SEU TOM E AS SUAS INTENSÕES.
POSITIF

OBRA INTELIGENTE E CHEIA DE SENSIBILIDADE.
D. POPULAR

DESEMBARAÇADO DOS SEUS REALIZADORES FINNEY PARECE VALER MAIS DO QUE ELES.
cahiers du CINEMA

DEPOIMENTO IMPRESCINDÍVEL SOBRE UMA REALIDADE HUMANA E SOCIAL.
D. LISBOA

2.ª SEMANA! VOX
TECHNICOLOR · M/12 ANOS

«A MORENINHA»

REALIZAÇÃO — Glauco Mirko Laurelli, 1970 (Brasil).
ARGUMENTO — Miroel Silveira e Claudio Petraglia, segundo o romance de Joaquim Manoel de Macedo.
INTÉRPRETES — Sónia Braga, David Cardoso, Nilson Conde, Claudia Mello Roberto Orosco, Tony Penteado, etc.
CINEMA IMPÉRIO — 8 de Fevereiro de 1971.

Lisboa vai assistir, entre 8 e 10 de Março próximo, a uma importante mostra de cinema brasileiro que se realizará nos cinemas Império e Estudio, e conta com o patrocínio da Embaixada brasileira no nosso País. «A Moreninha», de Glauco Mirko Laurelli, apresentado agora em antestreia, foi lançado «*assim como o primeiro sinal da presença cinematográfica do Brasil*» entre nós. E o programa do festival acrescenta: *Isto é, presença do chamado cinema novo, praticamente desconhecido em Portugal*».

Acontece que «A Moreninha» não tem nada a ver com o *cinema novo brasileiro* e não é sequer um exemplo brilhante de cinema brasileiro. Por isso se estranha a sua selecção para abrir um certame que promete (sabe-se lá se as promessas se cumprem, sabe-se lá se efectivamente veremos os filmes de Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Ruy Guerra, Carlos Diegues, Paulo Tiago, Walter Hugo Khory, Jorge Jonas ou Joaquim Pedro de Andrade...) transformar-se num acontecimento de primeiríssimo plano no panorama cultural português (espera-se que o festival não se limite a Lisboa...).

Posto isto, «A Moreninha», que é filme musical de grande espectáculo, baseado no romance romantico e ingénuo de Joaquim Manuel de Macedo, não ultrapassa os limites da obra comercial que faz marchar uma industria. Acontece, porém, que determinadas comparações que então se fizeram nos parecem excessivamente abusivas e não tem em conta realidades palpáveis que o filme de Glauco Milko Laurelli testemunha inegávelmente. Assim, comparar «A Moreninha» ás comédias de Marisol ou a quaisquer «Sarilhos de Fraldas» é algo que se nos afigura injusto. Existe, por parte dos responsáveis de «A Moreninha», uma intencionalidade cultural e uma probidade intelectual, que os outros casos citados nem de perto, nem de longe justificam.

Glauco Milko Laurelli construiu um espectáculo que se baseia na *Comédia del Arte*, da qual manteve até á tessitura cénica (o que foi pena), procurando recriar um mundo romantico e ridículo (caricaturado em excesso, na linha de um teatro que em Portugal teve em Carlos Avilez um cultor em «A Maluquinha de Arroios» ou «O Comissário de Policia», que referenciava á ingenuidade *naive* de uma idade de ouro do senhorialismo, mas que também o era da escravatura e do colonialismo.

Tudo isto é dito a traço grosso, sem grandes subtilezas (antes carregando as cores, excedendo as regras), mas a verdade é que «A Moreninha» é um filme com um certo tom caricatural e meia duzia de achados curiosos. É também uma película com um fundo musical muito apreciável e com uma reconstituição de interiores que se nos apresenta muito cuidada e de um gosto plástico que oscila entre o apuramento de certos interiores e o mau gosto intolerável de certas meninas cantando empoleiradas em rochas olhando o mar.

Enfim, meia duzia de actores aceitáveis (referência especial para a vivacidade coquete de Sónia Braga, a moreninha) dão o tom burlesco e brejeiro a este espectáculo inconsequente que, em si mesmo, não justifica reparos de maior. Quando o fazem passar por cinema novo, aí é que as coisas fiam mais fino. Mas de quem será as culpas?...

LAURO ANTÓNIO

a mão pode ter mil rostos

PODE ACARICIAR... PODE MATAR... PODE SACIAR... E, QUANDO SEM VIDA, AINDA PODE ACUSAR...

ADULTOS

NATHALIE DELON MICHEL DUCHAUSSOY HENRI SERRE
A INTERPRETE DE LIÇÃO PARTICULAR
UM FILME DE HENRI GLAESER

A MÃO
'THE HAND'

com PIERRE DUX ELEONORE HIRT PINO CARUSO ROGER HANIN
Argumento HENRI GLAESER Diálogo HENRI GLAESER & PAUL PARISOT Produtora Associada CHRISTINE GOUZE-RENAL Produtor Executivo JULIEN DERODE
Exclus. Astória Filmes EASTMANCOLOR WARNER BROS

HOJE — ESTREIA
SÃO LUIZ às 21.30 e ALVALADE às 21.45

NO TIVOLI Às 18 e 30
M. 17 anos
O GRUPO 4 APRESENTA
NOS DIAS 17, 18 E 19 FEV.
A PEÇA DE E. MANET

as irmãzinhas
DESCONTO DE 50 % A ESTUDANTES

Quem manda nc Hot-Clube

Foram eleitos os novos corpos gerentes do Hot-Clube de Portugal, agora em fase de rearranque. O Conselho Directivo é presidido pelo eng.º Manuel Correia de Figueiredo.

ÀS PORTAS DO CARNAVAL O CASINO ESTORIL ESTREOU NOVO «SHOW»

A dez dias do Carnaval (para o qual tem já preparado um espectáculo condigno), o Casino Estoril estreou um novo «show» que corresponde, no seu conjunto, aos requisitos tradicionais: bom nível artístico, excelente cenografia e ritmo apreciável.

Desta vez as vedetas são holandesas, três jovens cançonetistas que formam um afinado agrupamento vocal cujo nome de guerra—«The Hearts of Soul» — está já popularizado nos principais centros de «music-hall» de todo o Mundo.

Cantam bem, são bonitas e elegantes, trazem um reportório agrdável. Têm, portanto, todos os trunfos para agradar. E agradam mesmo.

A parte coreográfica do espectáculo está a cargo de «Les Ballets de Georges Reich», agrupamento cuja classe é já nossa conhecida. Os bailados que apresentam são de uma exuberancia que casa perfeitamente com a necessidade de cor e ritmo inerentes á função de divertimento visual.

Ainda integrados no novo «show» do Casino estão Helena Tavares, categorizada interprete do fado, e Norm Nielson, ilusionista exímio.

Os maiores de 21 anos poderão ver este mesmo espectáculo no «Wonder-Bar», ali enriquecido com a presença escultural de Angie Bubbles.

IONESCO EM ALGÉS — Prossegue esta noite, no clube de teatro Primeiro Acto, em Alges, a carreira da peça «A cantora careca», de Ionesco, que tem sido seguida habitualmente de debates com e entre o publico. Espectáculos também amanhã e domingo, sempre às 22 horas

O TEATRINHO TÍCO-TICO VAI AO BAIRRO PADRE CRUZ

O Teatrinho Tico-Tico vai amanhã á tarde, ao salão de festas do Bairro do Padre Cruz representar «A pérola maravilhosa», fantasia infantil em dois actos e seis quadros com musica de Alves Coelho e Castro Silva.

O espectáculo, promovido pelo Municipio, destina-se ás crianças do populoso aglomerado.

VIDA MUSICAL

Banda

Continuando a série de concertos organizados pela F. N. A. T. em colaboração com o comando-geral da G. N. R., a banda desta corporação, dirigida pelo capitão Silva Dionísio, realiza no domingo, ás 11 horas, no Teatro da Trindade, o quarto concerto da presente temporada.

Fazem parte do programa obras de Verdi, Canongia, Don Gilis, Domingos Brandão, Moszkowsky e Puccini.

Duas óperas francesas no São Carlos

Terminada a série alemã a temporada de ópera do São Carlos prossegue no dia 18, com o primeiro espectáculo da série francesa, em que serão apresentadas duas obras do moderno repertório francês: «*Medeia*», de Darius Milhaud — que tem agora a sua estreia em Portugal — e «*Hora espanhola*», de Ravel.

IMAGEM DO DIA

Hoje, estreia no TIVOLI de um filme célebre: «A PROMESSA», extraído de novela de Romain Gary, que obteve o Prémio Goncourt e nos conta a vida de Nina Kacev, a mãe de Romain, interpretada com virtuosidade fabulosa por Melina Mercouri.

«A PROMESSA» é uma realização admirável de Jules, que fez um filme ao mesmo tempo enternecedor, sentimental, violento, hilariante e até, por vezes, burlesco.

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
TODAS AS NOITES, ÀS 21.45
AMANHÃ, TARDE POPULAR
com a mesma tabela dos noites de 5.ª-feira
Balcão: 10$, 15$ e 30$
Plateia: 30$00 e 50$00

IGREJAS CAEIRO protagonista de um êxito que o público está a promover recomendando

o inocente
Os jovens dos 17 aos 24 anos, aos sábados à tarde e nos dois espectáculos de domingo têm, nas normas habituais, 50% de desconto
(Maiores de 17 anos)

12.ª SEMANA
CONCERTO EM DIÁLOGO J. M. P.
Faça-se sócio da JUVENTUDE MUSICAL PORTUGUESA e assista à SÉRIE FONSECAS E BURNAY:
Sete Concertos em Diálogo. Domingo às 11 horas, abertura desta Série. Informações, 553131, das 18 às 20 h.
MAIORES DE 6 ANOS

COLISEU
HOJE, AS 21.30
(Maiores de 12 anos)
1.ª GRANDE COMPANHIA DE CIRCO 1971
UM ÊXITO TOTAL!
As maiores atracções
AMANHÃ
À TARDE, entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos
À NOITE, podem assistir crianças a partir dos 6 anos
O GRANDIOSO CARNAVAL DO COLISEU
é o grande Carnaval de Lisboa

UM AUTÊNTICO "FESTIVAL" DE GARGALHADA!

ADULTOS
SÃO JORGE
PROGRAMAS RANK
HOJE
Selva Mulheres & Macacos
às 21,30 ...É O FIM DA "MACACADA"!
FRANKIE HOWERD · SIDNEY JAMES · CHARLES HAWTREY · JOAN SIMS · TERRY SCOTT · KENNETH CONNOR · BERNARD BRESSLAW

O GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL apresenta
TEATRO VILLARET
QUINTAS e SÁBADOS, às 18.30 horas
DOMINGOS, às 11 horas
M/6 A
EMÍLIO E OS DETECTIVES
PEÇA INFANTIL
Espectáculo para jovens de todas as idades
HOJE TEATRO DO JOVEM ESPECTADOR
BREVEMENTE: A peça de ARTHUR MILLER
DEPOIS DA QUEDA
AFTER THE FALL
Direcção de ARTUR RAMOS (Maiores 17 anos)

TEATRO VARIEDADES TELEF. 326037
HOJE, 2 SESSÕES, ÀS 20,45 e 23 HORAS
(ADULTOS)
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO APRESENTAM A COLOSSAL SUPER-REVISTA
● ...E O ZÉ FAZ TUDO!...
com ● SALVADOR ● FLORBELA ● CARLOS COELHO
Colaboração especial de MARIEMA
E, PELA 1.ª VEZ EM REVISTA
● MARIA DO CÉU GUERRA
À FRENTE DE UM EXCEPCIONAL ELENCO!
DOMINGO A TARDE ÀS 16 H.

TEATRO LAURA ALVES
T. 864756
HOJE: ESTREIA às 21,45
«O SANTO e a PORCA»
de ARIANO SUASSUNA
com: RUI DE CARVALHO ● CANTO E CASTRO ● ÂNGELA RIBEIRO ● LISETE FRIAS ● GRAÇA VITÓRIA ● BENJAMIM FALCÃO e HENRIQUE SANTOS
— MAIORES 12 ANOS —
● 12 ÚNICOS DIAS ●

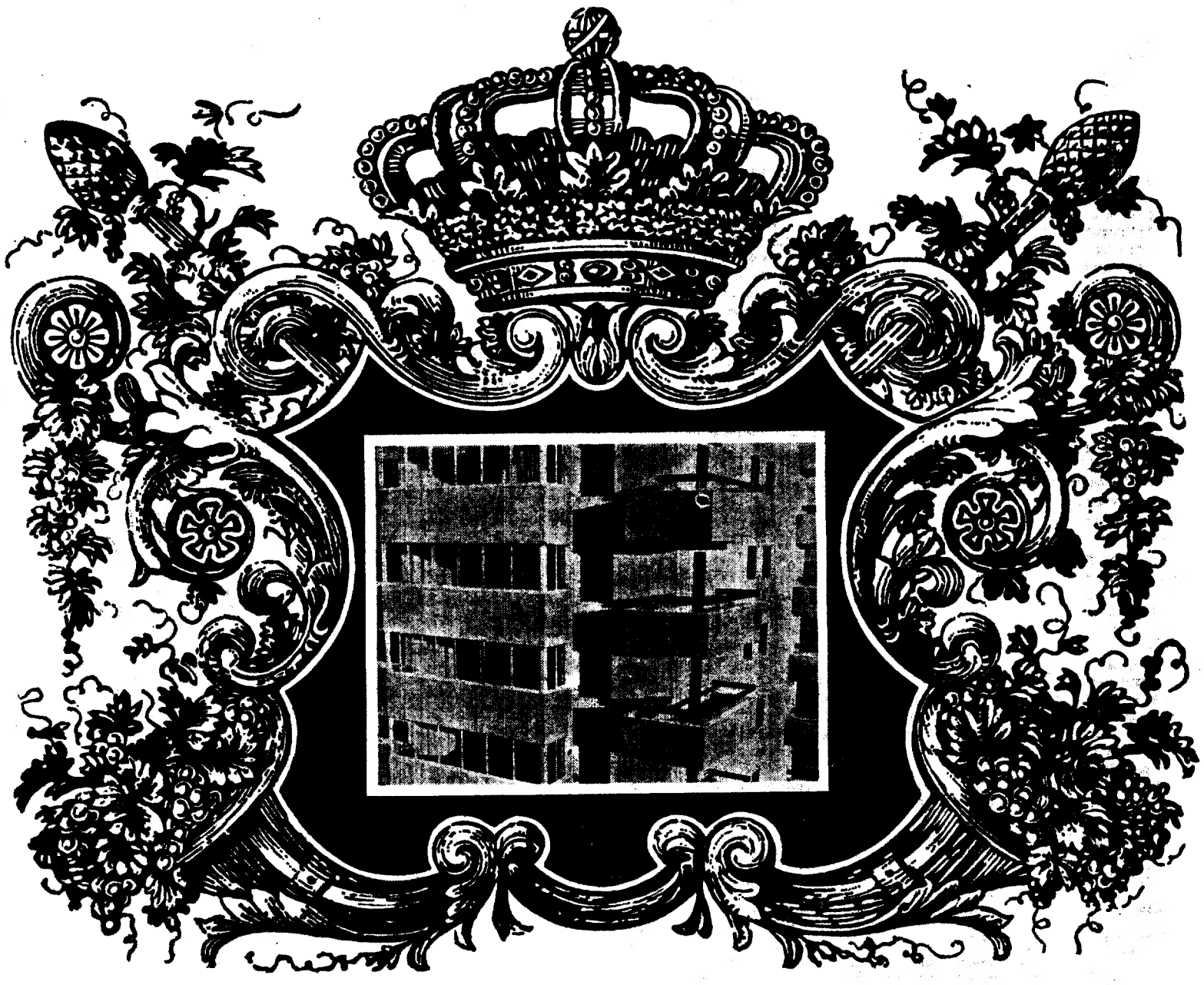
TEATRO CAPITÓLIO
T. 327493
HOJE, às 21,45 h.
(M/ 17 anos)
VASCO MORGADO APRESENTA
LAURA ALVES
na espantosa comédia de ANDRÉ ROUSSIN
A QUERIDA MAMÃ
(LA MAMMA)
com Carlos Duarte, Aida Pinto, Rolando Alves, Luís Alberto, António Rama, Ana Le Mattre e o par romântico Helena Isabel - Octávio Borges — Encenação de António de Cabo — Cenas de Hermani Lopes
Domingo: à tarde, às 16 h.

TEATRO MONUMENTAL
T. 555133
HOJE, à noite, às 21.45 h.
(M/ 17 anos)
VASCO MORGADO APRESENTA
A CASA DAS CABRAS
com MILU na protagonista. Armando Cortez, Mário Jacques, Guida Maria, Luís Pinhão, Óscar Caetano, Norberto de Sousa, António Machado, António Semedo
Amanhã: 2 sessões às 21 e às 23 h.
Domingo: «matinée» às 16 h.

TEATRO MARIA VITÓRIA TELEF. 361740
HOJE, 2 SESSÕES, ÀS 20.45 e 23 HORAS
(ADULTOS)
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO APRESENTAM EM TRIUNFAL 5.º MÊS A SENSACIONAL REVISTA
● PIMENTA NA LÍNGUA!...
com
● JOSÉ VIANA ● AIDA BAPTISTA
● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
● ANA ROSMANINHO ● RONY VALY
E NO «COMPÈRE»
● OCTÁVIO DE MATOS
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA!
● DOMINGO: A TARDE ÁS 16 HORAS

A FURNA A FURNA A FURNA A FURNA A FURNA A FURNA A FURNA A FURNA A FU
matinées dançantes no sabado e domingo de carnaval maiores de 17 anos matinées dançantes no

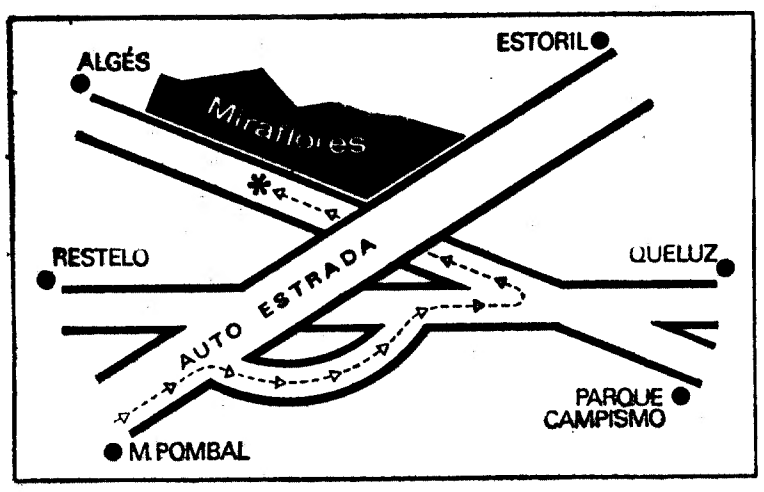
A nobreza duma zona central está em "Miraflores-Lux"!



Andares em

Miraflores Lux

cidade residencial



Miraflores — a solução exacta para o seu meio ambiente. Um local de excepção para gente de nível.

Miraflores — qualidade de construção, apuro de acabamentos.

Miraflores — piscinas, jardins, parques infantis e desportivos, centro comercial, escolas, garagens, parques públicos, clubes.

Miraflores — mar e serra, a 5 minutos do Marquês de Pombal e 6 minutos do Terreiro do Paço.

Miraflores — prestígio em cada metro quadrado.

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, S.A.R.L.
Informações e vendas:
Avenida Principal — Parque Residencial e Turístico de "Miraflores" (Norte)
Telef. 21 57 56 - 21 53 46

CANAL DA CRÍTICA

POR MÁRIO CASTRIM

MENINAS E ADOLESCENTES NÃO FAZEM (AINDA) FESTIVAIS ADULTOS

Henrique Mendes aí está com a habitual verdoreia para anunciar o *grande premio TV da canção*. A câmara hesita entre a imagem do locutor e do público: decide-se finalmente pela primeira. Ficamos a saber, entre outras coisas salutares, que à organização deste festival preside «*o intuito de estimular o aparecimento de novas canções*». Seria preferível que se estimulasse o hábito de cantar, coisa que não acontece com os presentes festivais da Eurovisão: os poemas acabam por ficar pelo caminho como se fosse um lastro inútil, as canções reduzem-se à expressão mais simples e maníaca do assobio. Em vez de música ligeira, deveríamos chamar-lhe música comercial, assim definindo aquela música em busca do maior público e que tem (ou julga ter) necessidade de aligeirar as palavras incómodas. A outra música ligeira aquela que sabe do seu tempo, fica relegada para os círculos restritos de consumidores, quando muito para as espirais dos discos guardados nas prateleiras de baixo.

Mas bom. O festival aí está a concitar as atenções do País inteiro. Assim como o futebol é a amante cara de um país pobre, assim o festival é a amante alegre de um país triste. Diz o festival à comunidade: *choraste? Pois canta agora!*

Isto aconteceu, na expressão de Henrique Mendes depois de «*meses de luta, de canseiras, de trabalho...*»

As palavras podem ser exageradas. Não são. Na Televisão portuguesa há a preocupação de fazer tudo bem feito, que é que querem, cada qual tem as suas manias. Se ontem o som continuou de quando em quando a abrir brechas, se a orquestra continuou a afogar a voz dos cançonetistas, se a imagem esteve longe da desejada nitidez — tudo isso se fica a dever à natural contingência deste género de trabalhos, não é verdade? Depois o Tivoli não oferece as condições ideais e a Avenida da Liberdade também não. Temos de continuar a usar da máxima compreensão para um organismo como a Televisão portuguesa que vai *apenas* no 14.º ano de existência. Uma adolescente portanto.

Henrique Mendes não trabalha só. Acompanha-se de Ana Maria Lucas, comunica-nos que «Ana Maria é apadrinhada pela RTP e um poucochinho também por ele». E como se vê, é isto: nunca mais fugimos do círculo dos padrinhos e dos afilhados... A verdade é que a nova apresentadora «*em meia dúzia de dias conseguiu...*» Pois folgamos muito. E pergunta-se. Mas vamos a um supônhamos. Sim, não custa nada sonhar, o sonho, às vezes, é mais do que «uma constante na vida», é uma urgência, é uma respiração. Vamos supor que a canção ontem premiada ganhava em Dublin. Por muitas razões, isso era o pior que nos podia acontecer. Eu quero, no entanto, só perguntar se, nesse caso, Ana Maria Lucas seria a apresentadora ideal do programa...

Ainda aqui continuamos a usar remendos. Está mais que visto: somos um País pobre.

●

A CORRENTE DOS CONCORRENTES

Daphne, com ph, esteve sempre muito preocupada com o cabelo. Tinha pouco mais com que se preocupar. Mal ou bem, mais mal do que bem, a voz lhe ia saindo. Nervosa até às amígdalas, Daphne começava a assentar precisamente no instante em que a canção terminava. Meu Deus, como é que, no nosso tempo, um cabelo tem tempo para crescer tanto? É claro, Daphne para cuidar do cabelo não pode cuidar da voz. Resultado à vista.

Tonicha, em segundo lugar, e de branco, confundia-se com o cenário. Se a câmara se afastava um pouco, Tonicha já não existia. Tudo, no seu comportamento, pareceu estudado, menos isso. Foi pena. Neste País ainda se continua a jogar muito na cor única. Aprenda-se que o mimetismo não é televisivo. É preciso jogar no contraste. Um vestido, em televisão, não é luxo: é ciência.

Para além disso, se se pretendeu dar na figurinha angelical da Tonicha uma representação física da melodia, a verdade é que no referente à capacidade de interpretação, Tonicha teve altos e baixos. Falta-lhe nitidamente poder para uma elevação mais convincente.

E se é certo que a sua presença de menina em dia de primeira comunhão poderá ter certo impacto nos meios da província julgo, no entanto, que a canção nasceu para ser cantada por um homem. Cantada, isto é: saboreada.

O grupo *Intróito* não foi feliz nas *palavras abertas* ou as *palavras abertas* não haviam nascido para o *Intróito:* as palavras ficaram fechadas, o *Intróito* não soube resolver o problema. A palavra *empastelamento* define a actuação do grupo.

Terão sido mais felizes, na medida em que procuraram maior simplicidade, os componentes do *Efe 5*. Certamente a canção se ajustava melhor às muitas vozes; no entanto, a incipiência, a imaturidade do conjunto foram notórias.

Hugo Maia Loureiro continua a remar contra a maré, mas de maneira um tanto anárquica. Confundiu oralidade com solenidade e o bigode fez o resto. A sua dicção continua a não ser

(Continua na 14.ª página)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 45 m — 665 kc/s. — MF 1 — 95,7 mc/s.) — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude 7 e 30: Vida e trabalho; 18 e 05: Ao encontro da melodia; 18 e 30: Conjuntos ligeiros;, 18 e 50: Melodias do cinema; 9 e 16: Passatempo musical; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um instrumentista, Eugen Cícero; 20 e 30: 30 Episódio do Folhetim «Encruzilhadas». 21: Momento 71; 2' e 20: Ao sabor da fantasia; 22: Música da Europa; 23 e 05. Grande desfile; 24: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Ciclo do Barroco italiano — obras de Vivaldi; 16 e 45: Música de vanguarda — Chronoch omia (Messiaen), pela Orquestra Sinfónica da BBC, dirigida pelo maestro Dorati; 17 e 05: Música de piano; 17 e 30: O Compositor do mês: Benjamin Britten; 19: Música e Músicos Portugueses por Nuno Barreiros; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Suite d'Hommages (Asencio), em viola debilhada por Nocisa Yepes; 20 e 30: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia sob a direcção de Friedrich Wilhelm Vemer preenchido com obras de Schutz, Buxtehude e Gruger e realizado na igreja de S. Roque, em Lisboa. Ao órgão, Maria Celeste Silva; 20 e 45: Sinfonia Clássica de Prokofieff; 21: Concerto sinfónico — 1.ª parte: 21 e 50: Canções de Mozart, pelo soprano Margot Guilleaume, acompanhada ao piano por Fritz Neumeyer, em clavicórdio; 22: Concerto sinfónico — 2.ª parte: 22 e 58: Fecho

Programa estereofónico — MF 2 — 94,3 mc/s — Às 21: Música ligeira; 23: Música de câmara; 23 e 43: Canções pelo tenor Richard Verreau, acompanhado ao piano por John Newmark 0 e 02. Música instrumental; 0 e 50: Abertura da ópera «O Navio Fantasma» (Wagner), pela Orquestra Sinfónica de Bamberg, dirigida por Hans Lawlein; 0 e 58: Resumo do programa; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C D C., 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: 45 Rotações; 20 e 30: Semana 7: 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 03: Orquestros ligeiros; 21 e 15: Música para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05. Grande roda; 0 e 02: «P B X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 02: Talismã

Emissor de Miremar — 363,6 mc/s — 782 kc/s — Às 16 e 02: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Eto e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral, 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-rádio; 21 e 40. Orquestras; 21 e 45. Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Em destaque; 22 e 15: Novos de alegria; 23 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Programa; 18 e 05: Marcha Tha; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: A vida é uma coisa maravilhosa; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios, 22: Quando o telefone tocar; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada 23: A 23.ª hora

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Relógio; 18: Marcha Tha; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: A vida é uma coisa maravilhosa; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora.

FEMSA

MATERIAL ELÉCTRICO DE ORIGEM PARA AS MARCAS:

FIAT
RENAULT - SIMCA
PEUGEOT - VAUXHALL
ALFA ROMEO - DATSUN

Revendedor Autorizado

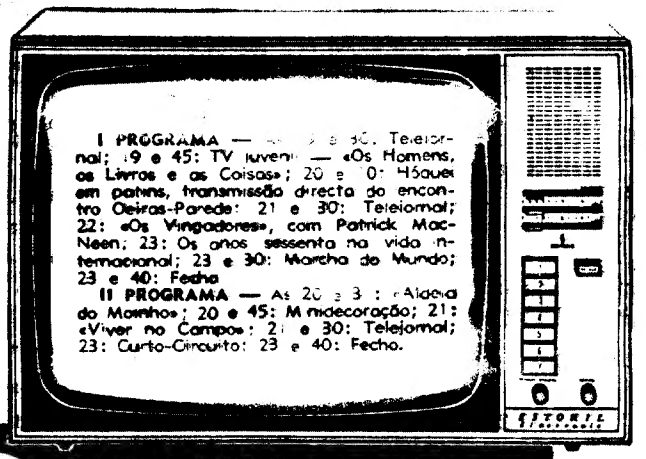
CARLOS EDUARDO TROVÃO, Lda.

Av. João XXI, 68, A-C Telefs. 77 02 85 - 77 10 14

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CIANE

TV dia a dia

HOJE PODE VER..



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — Às 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 12 e 58: O Caso da Semana. Apresentação de Luís Filipe Costa; 13 e 15: Os Meus Sobrinhos; 13 e 45: Telejornal; 14: Dó Lá Si; 14 e 25: Universidade na TV; 15 e 30: TV Infantil; 15 e 15: As Flores e o seu Mundo; 16 e 15. Programa feminino; 16 e 45: Os Sete Mares; 17 e 35: Estúdio sem marcação; 18: Teledesporto; 18 e 25: Cartaz TV; 18 e 45: Ponto de vista; 19 e 30: Telejornal: 19 e 45: Série juvenil; 20 e 10: «E a vida continua...»; 20 e 25: Ensaio, programa de João Martins; 21 e 30: Telejornal; 22: Folhetim, «Sebastian e Marie Morgane», 1.º episódio; 22 e 30: Estúdio setenta e um. Um programa musical; 23 e 30: Marcha do mundo; 23 e 40 Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura: 20 e 31: Filme infantil; 20 e 45: O caso da semana. Apresentação de Luís Filipe Costa; 21: Filme de série «Os Meus Sobrinhos»; 21 e 30: Telejornal; 22: Eurovisão. Programa especial dedicado à montagem da ópera Aida, de Verdi, no Palácio do Gelo, de Helsinquia; 23: Hollywood Playhouse. Com Ronald Reagan e Kevin McCarthy; 23 e 30: Fecho.

A SOCIEDADE IMOBILÁRIA FAMÍLIA GONÇALVES, S. A. R. L. RESPONDE AO DESPACHO DO PRESIDENTE DA CÂMARA

Com pedido de publicação recebemos da Sociedade Imobiliária Família Gonçalves, S.A.R.L. a seguinte carta:

«Sr director: A Sociedade Imobiliária Família Gonçalves, S.A.R.L., tendo tomado conhecimento, através da Imprensa do despacho do sr. presidente da Camara Municipal de Lisboa, de 2 do corrente, que mereceu foros de nacional, sobre a reversão de um lote de terreno na Avenida dos Estados Unidos da América, por esta Sociedade arrematado ao Município, entende de seu dever vir esclarecer publicamente a verdade dos factos a que o referido despacho se reporta. Assim.

1. É verdade que esta Sociedade arrematou em hasta publica, nos termos do despacho do sr. presidente da Camara o lote de terreno no mesmo despacho identificado. Mas, lamentàvelmente, o despacho do sr. presidente, que tão minucioso se revela em relação ás condições da hasta publica, omite uma cláusula essencial dessas condições especiais publicadas segundo a qual a Camara forneceria ao arrematante o projecto aprovado, acrescentando o seguinte:

«...quaisquer alterações a propor pelo arrematante ao projecto fornecido, deverão ser submetidas á apreciação e aprovação da Camara antes do início da construção.»

E depois:

«*Para este lote a Camara permitirá uma utilização diferente* desde que seja justificada no entanto se for para habitação não poderá ser aumentado o numero de fogos por piso.» (condição 4.ª).

2. As perspectivas abertas por esta cláusula influiram decisivamente na arrematação, e foi com base nela que a Sociedade apresentou posteriormente um novo projecto, da autoria do mesmo arquitecto que havia executado o projecto fornecido pela Camara, o falecido e prestigioso arquitecto Castro Freire, o qual, na altura, antes de dar início a este novo projecto, e conquanto as condições já transcritas sejam perfeitamente claras, teve o escrupulo de ir pessoalmente aos competentes serviços camarários tirar dúvidas a tal respeito.

3. Por este novo projecto, pretendia-se dar ao imóvel uma função mais lata, prevendo-se a ocupação por entidades de profissões liberais. A volumetria do edifício era perfeitamente respeitada, não obstante as condições de arrematação permitirem elasticidade a tal respeito; aumentavam-se as áreas de parcagem; e mantinha-se a unidade do conjunto arquitectónico, em tudo se respeitando as condições da praça.

4. Não sabemos porque estranhos desígnios, que influências ou interesses ou maldades haja em tudo isto, mas o certo é que o projecto foi devolvido sem aprovação e sem sequer se informar a Sociedade interessada de que outro destino poderia dar ao imóvel ou até qual outro destino o Município reputaria mais conveniente. No entanto, esta Sociedade já havia suportado, além das prestações normais de pagamento do terreno e pagamento do projecto fornecido pela Camara e o pagamento deste segundo projecto sisa, imposto de selo, cálculos de estabilidade e início das obras de desaterro e terraplanagens, mediante legal licenciamento camarário. Nisto, consumiram-se alguns milhares de contos.

5. Quando, em 7 de Novembro do ano findo, a Camara Municipal oficiou a esta Sociedade, chamando-lhe a atenção para a situação existente e que em 23 do mesmo mês respondemos, expondo os factos que acabam de se referir, e terminando-se:

«Nesta ordem de ideias, e sempre dentro do espírito de colaboração com a Ex.ma Camara Municipal, *é em virtude de nunca nos ter sido informado que outro destino conviria dar ao imóvel, encetámos, por nossa iniciativa e correndo o risco de novas e grandes despesas, a elaboração de novo projecto com vista a um hotel. Sabe-se que esta zona da cidade está carecida de ampliar a sua capacidade hoteleira...*, etc.».

Este projecto encontra-se praticamente concluído, e a resposta que recebemos, depois de todos estes silêncios da Camara Municipal, foi a que os jornais nos trouxeram com a publicação do despacho sensacionalista a que nos referimos.

6. Sentimo-nos vítimas de uma injustiça, fazendo-se tábua rasa de um direito que a condição especial quarta da hasta publica nos consigna, não se nos indicando concretamente nenhum destino para o imóvel, nem sequer definindo se a Camara desejava ou impunha que o imóvel se destinasse a habitações, o que, aliás, seria abusivo e ilegítimo em face das condições da hasta publica.

7. Acreditamos que o sr. presidente da Camara tenha agido no desconhecimento de todo este passado deplorável, o que não nos admira. Se mandar juntar num unico processo, devidamente ordenado, todo o expediente deste caso — a verdade tornar-se-lhe-á mais transparente. Sabemos, aliás, do espírito cívico de S. Ex.ª, que respeitamos, que supomos avesso a fáceis demagogias e, por isso mesmo, pronto a reparar os agravos que porventura sem intenção pratique. É isso que esperamos.

Desde já muito gratos pela publicação, se subscreve de V. Ex.ª, atenciosamente, a) *Sociedade Imobiliária Família Gonçalves, S. A. R. L.*

Bispos de quatro países vão estudar em Lisboa problemas da emigração

As Comissões Episcopais de Migrações de Espanha, França, Itália e Portugal vão reunir se na Casa de Retiros do Bom Pastor, á Buraca. A reunião, de 16 a 18 deste mês, destina-se a estudar problemas pastorais relacionados com a emigração nos países representados.

Estarão presentes quase todos os bispos que constituem as referidas comissões, assim como os sacerdotes que nelas trabalham num total de três dezenas e meia de pessoas. Conta-se com a presença de quatro bispos franceses, três italianos, dois espanhóis e quatro portugueses. Para assistir á reunião desloca-se ainda a Lisboa o pró-presidente da Comissão Pontifícia para a Mobilidade das Populações, D. Emmanuell Clarizio.

A Comissão Episcopal Portuguesa de Migrações, que já existe em vários anos, é constituída pelo bispo titular de Madarsuma e pelos bispos da Guarda, Vila Real e Faro.

O afundamento do cacilheiro

Algumas pequenas falhas encontradas no aparelho de radar do rebocador «Átomo» não parecem capazes de justificar o abalroamento desta embarcação com o «cacilheiro» «Rio Alva», que se afundou num quarto de hora depois, há dias, como noticiámos. Este foi o primeiro juizo de uma comissão da Capitania do Porto de Lisboa, que esteve ontem a bordo do rebocador e lá voltou hoje, na sequência do inquérito a que está a proceder. Os inquiridores concluiram haver algumas deficiências, mas elas não impediam um operador de ter imagens reveladoras da proximidade de outro barco. De qualquer modo, acentuaram que, de acordo com o edital 40 da Capitania, em casos de avarias no radar uma embarcação deve parar imediatamente.

PROBLEMAS DO ENSINO DEBATIDOS NA ASSEMBLEIA

Continuação da 1 página

mas acompanhando a velocidade das transformações que se operam por esse mundo fora em todos os sectores da vida dos povos»), o deputado Miller Guerra comentou. «*Eis uma linguagem que gostávamos de ouvir repetida noutros domínios da actividade nacional, a ver se nos acabam de pregar que a velocidade do progresso é a nossa perdição.*»

A seguir, o orador citou o prof Cândido de Oliveira que há dias, afirmou: «A Faculdade de Medicina de Lisboa já há muito que não comporta o número de alunos que a frequenta. É preciso que urgentemente se faça outra ou mesmo outras, a exemplo do procedimento das metrópoles civilizadas por essa Europa fora» A propósito, o prof. Miller Guerra concluiu: «*Há semanas, defendemos aqui a fundação de uma nova Faculdade de Medicina, aproveitando para o efeito o Hospital que se projecta ed ficar no Restelo. À nossa avançada voz, junta-se agora a palavra autorizada do novo director que não descortina outra solução para o encaminhamento da Faculdade, a não ser uma ou mais Faculdades novas*».

Ao iniciar a sua intervenção, o prof. Miller Guerra salientou o interesse (inacostumado, como disse) provocado pelas providências tomadas pelo ministro da Educação. E acrescentou: «*É claro que quando falo de interesse, refiro-me ás concordancias, ás objecções e ás críticas, mesmo ás críticas demolidoras, se as há, pois desde que a apreciação é livre, tanto direito tem de falar o que aprova tudo, como o que tudo rejeita. Assim é que se entende a liberdade de opinião e que, de forma alguma, é a simples faculdade de aprovar ou discordar sob condições. A uniformidade de opinião é prejudicial para a cultura da inteligência e do saber, sobretudo quando resulta de um «contrôle» prévuamente estabelecido. No domínio do pensamento os monopólios asfixiam a capacidade criadora*».

Duas figuras algarvias

Antes da ordem do dia, falaram ainda os deputados Jorge Augusto Correia («Duas figuras algarvias»), Temudo Barata («Timor»), Brás Gomes («Médicos de Goa») e Barreto de Lara («Inválidos de Guerra»).

Na ordem do dia, usaram da palavra os deputados Cotta Dias e Neto de Miranda.

O deputado Jorge Correia, num discurso parpoético evocou as figuras do bispo algarvio D. Marcelino António Maria Franco (cujo primeiro centenário do nascimento se comemora este ano) e do escritor e presidente da República, Manuel Teixeira Gomes.

FORÇA NAVAL DA NATO NO TEJO

Cerca de 135 oficiais e 1970 sargentos e praças constituem as guarnições dos doze navios (da Stanavforlant, alemães e outros) da força naval N.A.T.O. que hoje entraram no Tejo.

Aqueles navios participam nas manobras da organização, que vão decorrer ao largo da nossa costa.

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 536080
AMANHÃ
FEIJOADA A PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ DE PATO NO FORNO
Diàriamente SARRABULHO

PROGRESSO
Restaurante ✲ Snack-Bar
✲ Pastelaria
Barata Salgueiro
Telef 40 5
Aos domingos especialidade do caso
ENSOPADO DE ENGUIAS
COELHO A CAÇADOR
SERVEM-SE LANCHES
DE CASAMENTO

JANTE NA TARANTELA
EM AMBIENTE FAMILIAR
Largo D. Estefânia 22
SALA NO ANDAR PARA LANCHES DE CASAMENTOS

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 ● TELEFONE 79 02 11
JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Maiores de 15 anos
Premiado pelo SNI

DISCOS ZIP
ZIP-MÚSICA
Av. Fontes Pereira de Melo, 30-7.º, Lisboa — Rua de Santa Catarina, 789-5.º esq., Porto

PRÉDIO
CAMPO DE SANTANA
Construção antiga, em alvenaria, com obras feitas, composto por 3 pisos, hab. 8 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa e corredor.
PREÇO — 1.650.000$00
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefones 339334/5/6 - 328232/3 - 361756

GALERIA REAL

SINTRA
(S. PEDRO)
Tel. 98 16 61
RESTAURANTE — BAR — SALÃO DE CHÁ
Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, sábado, 13, a Sala da Lareira está reservada para um LANCHE DE CASAMENTO.
Servimos os habituais Almoços, Chás e Jantares na «SALA DA GALERIA»
Aceitamos reservas para os Jantares até às 22 horas.

A Televisão vai concentrar-se no Parque Florestal de Monsanto

A Radiotelevisão Portuguesa vai finalmente ficar instalada em terreno e edifícios próprios, em S. Domingos de Benfica, na base da encosta da serra de Monsanto.

A escritura de venda já foi assinada, nos Paços do Concelho, e sabe-se que o terreno tem uma área de 132 mil metros quadrados, confinando com a quinta do Palácio Fronteira.

A zona passará a ter boas comunicações, sobretudo quando for construído o prolongamento da Avenida da Liberdade.

A primeira fase da construção terá de estar concluída no prazo máximo de cinco anos. Assim, devem surgir primeiro, um estúdio com 644 metros quadrados, dois grupos de estúdios-gémeos, com 364 metros quadrados cada um e um estúdio próprio para o telejornal, anexo à redacção dos noticiários.

As instalações, segundo se prevê, vão ocupar uma área total de 30 mil metros quadrados.

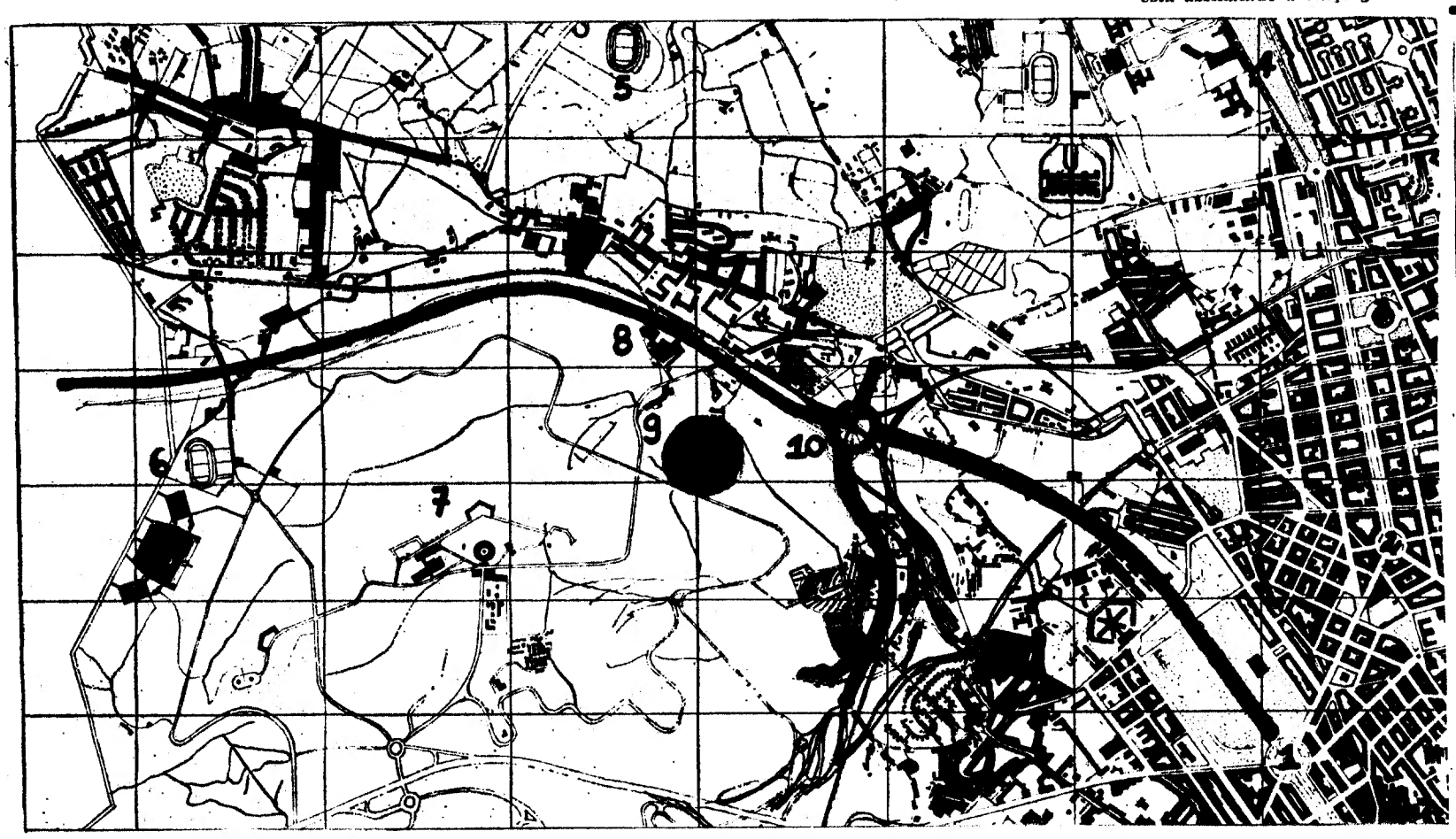
O eng. Francisco Conceição, director-geral da R. T. P., afirmou que não há a ideia de se construir um «Palácio da Televisão», mas, sim, instalações funcionais e amplas, com possibilidades de expansão no futuro. Os materiais prefabricados devem ser aproveitados no máximo.

A distribuição dos edifícios depende do estudo do terreno (bastante inclinado) e, durante o corrente ano deve concluir-se uma boa parte do projecto, começando-se ainda com a construção das infra-estruturas. O complexo permitirá, por outro lado, agrupar todos os serviços da R. T. P., que, actualmente, se encontram dispersos por sete locais da cidade.

Ainda no respeitante aos acessos, uma vez concluída a sede da TV ficará em boa situação relativamente ás saídas de Lisboa para Sintra e para o Estoril, bem como perto da 2.ª circular. Estão asseguradas, também, boas ligações com o actual aeroporto de Lisboa e com o futuro, pelos acessos rápidos (através de Monsanto) à ponte sobre o Tejo.

Como ficou dito, não foram descurados quaisquer pormenores, no tocante á localização da sede da TV. Embora ainda não haja projecto, fazem-se os traços gerais da obra, tudo como deve ser. Achamos que os responsáveis da R. T. P. agem com as devidas cautelas e isso só beneficiará, certamente, o futuro complexo.

Reproduzimos o mapa de Lisboa, assinalando a localização das novas instalações da R. T. P. (1) Marquês de Pombal. (2) Saldanha. (3) Campo Pequeno. (4) Campo Grande. (5) Estádio da Luz. (6) Estádio do Casa Pia. (7) Cadeia de Monsanto. (8) Pupilos do Exército. (9) Terreno onde vai ficar instalada a Televisão. (10) Cruzamento da parte que vai ser prolongada da Avenida da Liberdade. Este prolongamento está assinalado a traço grosso no mapa



CONCURSO DE TEATRO AMADOR

A Direcção Geral da Cultura Popular e Espectáculos compartimentou de modo mais racional o chamado Concurso de Teatro Amador (das Colectividades de Cultura e Recreio e dos Grupos Dramáticos Independentes), agora aberto com um prazo de inscrições que se estende até 31 de Março.

Segundo o novo esquema haverá duas categorias, A e B, tal como em anos anteriores, mas diferentes na sua composição. À categoria A têm acesso os grupos que, em qualquer dos concursos anteriores, tiverem obtido o primeiro prémio das antigas categorias A ou B. Entretanto, os grupos desta categoria poderão ser dirigidos por um profissional de teatro, á sua livre escolha e encargo.

Quanto á categoria B, engloba os restantes grupos acomodados em duas subdivisões: B-1 — dirigidos por profissionais de teatro; e B-2 — dirigidos por encenadores amadores.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis ✲ **Consumo mínimo 60$00 ✲ R. das Taipas, 14 ✲ Tele. 327256.**

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25$00 **(á noite) ✲ Consumo mínimo 40$00—Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 213259 ✲ Encerra ás quartas-feiras.**

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zília Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva, Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Morsés Campelos. Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto **— Cons. mín. 40$00 ✲ Travessa da Espera 8. — tel. 35464 ✲ Encerra ás 5 da madrugada.**

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Coelho de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Rua da Rosa, 219 ✲ Telef. 368579.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Cidália Moreira, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 860816.**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda. Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramin. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português ✲ **Cons. mín. 50$00. R. da Barroca, 133 ✲ Telefs. 369760 e 30532 ✲ Encerra ás terças-feiras.**

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Trav. da Queimada, 10-16 ✲ Telefones: 362889-328503.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira, Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs. 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira.**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) e Rua Gilberto Rola 24 ✲ Telefones 676655-672431.**

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernanda Pinto, Francisco Martinho, Maria Amélia Proença, Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos, António Proença ✲ **Rua Diário de Notícias, 107 ✲ Telefone 328307 ✲ Encerra aos domingos.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADÁGGIO

Pop—Soul e Underground ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h. ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Musica constante **✲ Av. Marechal Carmona, 2 — Campo Grande — Telef. 790177 ✲ Encerra ás 3.30 horas.**

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

vá jantar ou cear À FURNA
rua ferreira lapa, 38 D
a duque de loulé-lisboa

BARBARELA

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

ARCHOTE CLUBE-BAR

Cocktail-Bar — Salon — Boite — Clube ✲ Ultimas novidades em disco, recebidos directamente dos E. U. A. e Inglaterra ✲ Rua D. Filipa de Vilhena, 6-D ✲ Telef. 49960.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs. 264521 - -264526-264596-264621-264946.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerrada aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

COIMBRA: DA CRISE À REFORMA

HISTÒRICAMENTE VENCIDAS AS FORÇAS DO IMOBILISMO

• DEPOIMENTO DO DR. SANTANA MAIA

Regressando aos depoimentos de professores da Universidade de Coimbra, publicamos hoje o do dr. Carlos Alberto Santana Maia, assistente da Faculdade de Medicina, que se debruça sobre a reforma em geral, e suas atinências com outros sectores da vida nacional.

Como foi anunciado ao País pelo ministro da Educação Nacional, vai o ensino ser alvo de profunda reforma, após longo período de estagnação, em que apenas se verificaram pequenos arranjos, sempre superficiais e parcelares.

Elaborada em curto prazo, facto que importa realçar, a reforma sai como consequência lógica do reconhecimento geral da necessidade de profunda modificação no sector do ensino, considerado caduco e obsoleto face ás rápidas mutações do mundo actual.

Pela sua efectivação se vêm batendo desde há anos num movimento de amplitude e profundidade crescentes, largos sectores da opinião publica, todos aqueles afinal que, discordando do sistema educativo vigente por razões doutrinárias ou utilitaristas, pugnavam pela sua estruturação em novos moldes, mais ou menos radicais.

Desde os movimentos ocorridos no seio das Universidades até á constatação da fraca rentabilidade do ensino, uma série de factores colocou o problema em constante discussão, de tal modo que sobre ele convergiram as atenções gerais da Nação.

EMIGRAÇÃO E EDUCAÇÃO

O próprio fenómeno emigratório contribuiu, decisivamente, para que o processo de renovação agora anunciado se tornasse inadiável; na realidade, se a emigração maciça foi, de início, menosprezada por uns, esquecida voluntáriamente por outros e até desejada por alguns que não se cansavam de apontar as suas vantagens, a verdade é que ela se tornou a curto prazo alarmante entrando claramente no domínio das preocupações oficiais, por se ter entendido que resultará no agravamento do motivo que a determinou — o desfasamento da economia nacional em relação á de nações próximas.

No campo do ensino, fácil foi concluir que, por pequenos que fossem os investimentos, eles seriam perdidos na sua quase totalidade e, assim surgiu mais este factor de vulto a determinar o envolvimento imperativo nesta «batalha da educação» integrada, de resto, numa

Dr. Santana Maia — Interrogações pertinentes

perspectiva mais ampla e que abrange outros sectores, como os da saude e segurança social, nos quais se vislumbram já, igualmente, tendências reformistas; trata-se, no conjunto, de seguir na eseira dos países com os quais se pretende a associação no caminho de uma via europeia, unica saída possível do subdesenvolvimento dentro do condicionalismo geográfico a que se não pode fugir.

É, afinal, o que tem vindo a acontecer em Espanha e que Portugal, por maioria de razão, teria de seguir, processo este traduzido, no sector do ensino, pelo alargamento substancial do campo de recrutamento de mão-de-obra qualificada, indipensável á construção de uma sociedade tecnológicamente avançada a que se quer aderir, dirigida por quadros competentes e caracterizada, globalmente, por uma alta capacidade de produção e consumo.

Atingido, portanto, o tempo em que ninguém pode já desejar mais educação para si e menos para os outros, a via da reforma tortrando-se históricamente vera si e menos para os outros a via da reforma tornou-se irreversível, encontrando-se históricamente vencidas as força's do imobilismo, por mais poderosas que ainda sejam. E a prova disto está em que nenhuma destas forças veio ainda combater a reforma, utilizando a possibilidade de a criticar de viva voz, como o próprio ministro da Educação sugeriu a todos os portugueses, numa atitude de indesmentível saude intelectual, de desejável concretização.

Apoiar a Reforma implica, por outro lado, acreditar na sua viabilidade e desejar os seus resultados previsíveis. Neste ponto se situam algumas das interrogações que julgamos da maior pertinência.

É verdade que da leitura dos textos programáticos anunciados não ressalta apenas um desejo de maior eficiência da máquina do ensino; a declaração de que «a educação do indivíduo é a finalidade primeira do sistema educacional e que todos, em regime de igualdade de oportunidades, devem encontrar nesse sistema as vias que garantam o seu inalienável direito á educação», mostra claramente, na intenção do Minisro, preocupações de outra ordem.

INTERROGAÇÕES SOBRE A REFORMA

Mas será possível realizar uma verdadeira democratização do ensino no contexto da actual sociedade portuguesa?

Como se irão assegurar as mesmas condições de educação pré-escolar a todas as crianças e mesmo estender a escolaridade obrigatória de 8 anos (mínimo europeu) a todo o País, com a necessária cobertura de escolas, de meios de transporte até elas e, sobretudo, de professores competentes?

Como irão ser encarados os estabelecimentos de ensi-

(Continua na 12.ª página)

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

DOCUMENTOS DOM QUIXOTE

Informação factual. Documentação fotográfica. Os dados básicos para uma posterior abordagem crítica. Preço de cada volume: 7$50. Finalidade fundamental: colocar a informação ao alcance do grande público.

VOLUME 4

Canadá com ou sem Quebeque

Porque estremece o Canadá? A história; a geografia; a economia, as raízes da crise; o filme dos acontecimentos; o separatismo e aquilo que o move, a Frente de Libertação do Quebeque; o futuro.

Volumes anteriores:

Camboja/Irlanda (s) — Católicos contra protestantes?

Chile — Reformismo da revolução?

publicações dom quixote
RUA LUCIANO CORDEIRO, 119 - LISBOA

SANTOS & NASCIMENTO
AVENIDA DA LIBERDADE, 177 — LISBOA

CONTINUA COM OS SEUS EXCEPCIONAIS SALDOS

AGORA TAMBÉM NA SUA FILIAL DA

AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS
(A PARTIR DE SÁBADO DIA 13)

INSTITUTO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA
TRAVESSA DO POÇO DA CIDADE, 26-1.º — LISBOA-2

FOTOGRAFIA PARA AMADORES

CURSO ELEMENTAR — Dedicados a amadores já iniciados. Quatro horas semanais de aulas, das 21 às 23 h. Segundas e sextas-feiras durante 3 meses. A começar dia 15 próximo.

CURSO DE INICIAÇÃO — Conhecimentos elementares de fotografia e de composição. 5 horas de aulas às quintas-feiras pelas 19 horas. A começar dia 19.

Diminuiu nos concel

Vila Nova de

A população dos concelhos de Aljustrel, Vila Nova de Poiares e Alpiarça diminuiu nos ultimos dez anos, segundo os apuramentos preliminares do Instituto Nacional de Estatistica, com base do censo do ano passado.

No concelho de Aljustrel, distrito de Beja, constituído por quatro freguesias, o

decrésc
foi de 2
concelh
nha 17
1960 e
13 784
e 6966
decrésc
(34%)
guesia
menor
João d
de 1%
-1960 o
cional

Quan
Vila No
trito de
cimo p
do nest
de 14
quatro

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Em dia com A MODA

«Manteiga-Leite» foi uma das muitas criações de Mary Quant que recentemente apresentou a sua colecção para a próxima Primavera, a qual, pela primeira vez, inclui malhas. Trata-se de um verdadeiro «Babygro», moldado ao corpo, a que um cinturão como este, tipo pistoleiro, dá um ar simultâneamente gracioso e agressivo

VILA REAL: PROGRAMA CARNAVALESCO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 12. — O programa das festas de Carnaval nesta vila inclui os tradicionais corsos (batalhas de flores) nas tardes dos três dias, das 15 á 19 horas, corsos para os quais já se conta com duas dezenas de carros ornamentados a preceito e em que cada clube, ou instituição, procura pôr uma nota efectiva de arte e bom gosto. Intervêm inumeros foliões e os característicos gigantes e cabeçudos. Haverá concursos de estudantinas, de trajes carnavalescos para crianças até 10 anos e de trajes humorísticos para crianças ou adultos cujos resultados serão conhecidos na tarde de terça-feira «gorda».

Nas três noites haverá bailes na pista do ex-Casino Oceano de Monte Gordo, abrilhantados pela orquestra «Época-69», de Sevilha, com sete executantes. O Casino, como é de norma, apresenta ao publico um completo serviço de restaurante. Estão assegurados transportes de e para aquela praia, desde Vila Real de Santo António.

A receita das festas destina-se integralmente á Santa Casa da Misericórdia vilarrealense, para beneficiações no hôspital

iu a população
ncelhos de Aljustrel
de Poiares e Alpiarça

decréscimo populacional foi de 21 por cento. Aquele concelho, efectivamente, tinha 17 542 habitantes em 1960 e, em 1970, apenas 13 784 (sendo 6818 homens e 6966 mulheres). O maior decréscimo populacional (34%) verificou-se na freguesia de Messejana, e o menor na freguesia de S. João de Negrilhos (cerca de 1%). No decénio 1950-1960 o decréscimo populacional fora de 2 por cento.

Quanto ao concelho de Vila Nova de Poiares, distrito de Coimbra, o decréscimo populacional verificado nesta ultima década foi de 14 por cento. Todas as quatro freguesias que constituem este concelho apresentam decréscimos populacionais que se situam entre 11 por cento na freguesia de Santo André (Poiares) e 25 por cento na freguesia de Lavegadas. Já no período compreendido entre 1950-1960 este concelho apresentara um decréscimo populacional de 10 por cento.

Verifica-se, igualmente, que a população presente do concelho de Alpiarça, distrito de Santarém, diminuiu, nos ultimos dez anos, mas só de 4 por cento. No decénio de 1950-1960 tinha-se, porém, verificado neste concelho um aumento de população de 4 por cento.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

novas condições de DEPÓSITOS A PRAZO

6 meses renovável.... 4,75 % AO ANO

1 ano renovável..... 5,25 % AO ANO

15 meses renovável.... 5,75 % AO ANO

PARA OS DEPÓSITOS A PRAZO JÁ EXISTENTES, AS NOVAS CONDIÇÕES APLICAM-SE A PARTIR DA SUA RENOVAÇÃO

IMPORTÂNCIAS MÚLTIPLAS DE 1000$00 COM O MÍNIMO DE 10 000$00

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos nos termos da lei.

O Estado assegura a restituição de todos os depósitos efectuados na Caixa, mesmo em casos fortuitos ou de força maior.

OS PEANUTS

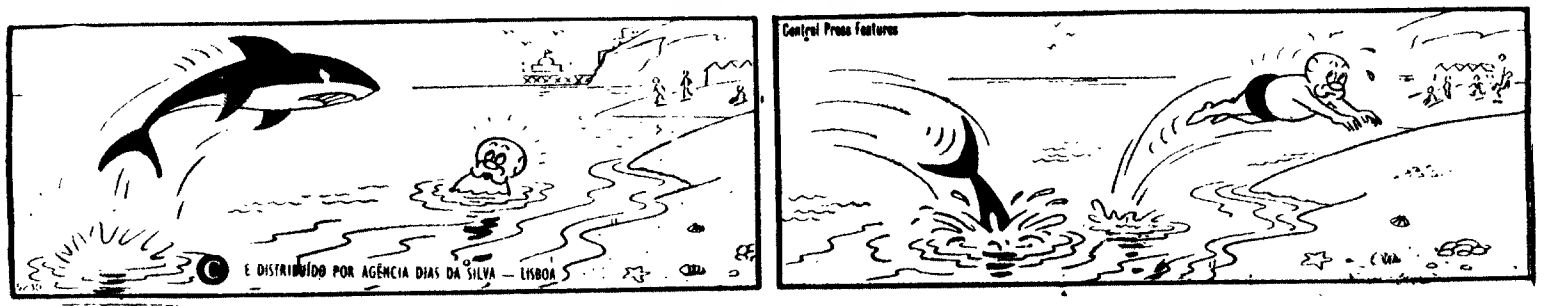
CAROL DAY

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 12 de Fevereiro de 1941 publicava:

«**A tradição de heroísmo dos guerreiros da Albânia remonta a milhares de anos. Raça alpestre, conduzida por príncipes que se batem até á morte, com ela se viu sèriamente atrapalhado o célebre «Gran capitan», Gonzalo de Córdova. Ao fim de muitos meses de assédio ao castelo de S. Jorge, no arquipélago de Cefalónia, conseguiu o lendário conquistador de Granada apoderar-se daquela posição-chave do mar Adriático quando dos seus defensores só restavam oitenta, feridos ou doentes. O resto da guarnição, comandada por Gisdar e avaliada em trezentos homens, preferiu morrer depois de empregadas contra elas quantas artes a guerra de então permitia. Agora, Rok-Doda, príncipe dos Mirditas, guerrilheiro da velha têmpera, acaba de morrer como morrem os melhores batalhadores albaneses.**»

AVENTURAS DO TIO CARLOS



O voo das aves

Escreve-nos o sr. José António Sena Nunes da Silva, residente na Avenida Poeta Mistral, 11, 1.º, em Lisboa, a comunicar que abateu um tordo (em Sousel) portador de anilha com a seguinte inscrição: «Brit-Museum — London SW 7 — CS 37489».

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 5803

HORIZONTAIS: — Disponha em camadas. Leitos. 2 — Sofreguidão. Irmão de Moisés. 3 — Monarca. Passeie ostentosamente nas ruas. 4 — Prefixo de negação. Conduzirá para cá. Preposição. 5 — Junte peculio. Prefixo que designa ar. 6 — Fio de latão. Circular. 7 — Ninho. Mexerico (f.g.) 8 — O sono das crianças. Rio de França e da Alemanha. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor) — 9 — Cada um dos caracteres de alfabeto. Caminha. 10 — Governo (f.g.). Prescreve. 11 — Encolhes (f.g.) Nome de frutos.

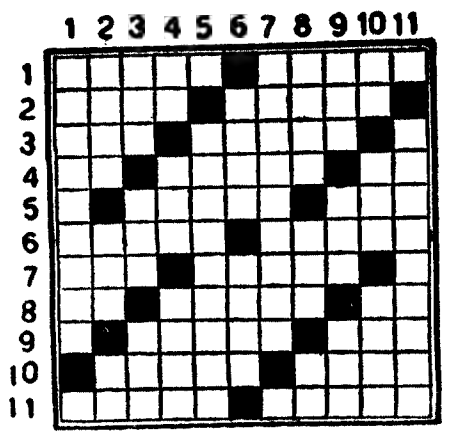
VERTICAIS: — Naturais de Africa. 2 — Fritrem. Curso de água natural e abundante. Rádio (sg) 3 — O mesmo que àmio. Freguesia do concelho de Esposende. Ver. 4 — Pronome pessoal. Ruído. Secura. 5 — Leilões. 6 — Lavrar. Vagueia. 7 — Enchera. 8 — Espantadiço (Brasil.). Passai. Preposição. 9 — Origem. Arara. Caminhar para cá. 10 — Preposição e artigo definido. Feminino de deão. Brenha. 11 — Portas ferraduras em.

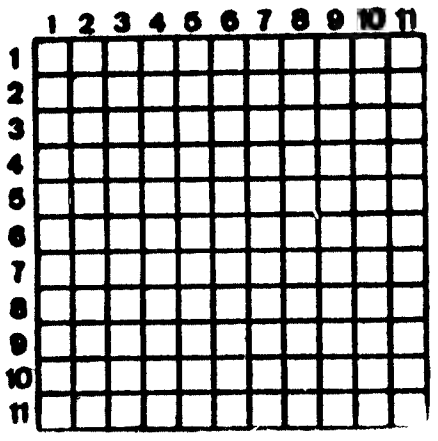
(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9646

HORIZONTAIS: 1 — Roubam (pop.) Remam para trás. 2 — Cidade do estado de S. Paulo. Retira. 3 — Espécie de tatu. Montões. 4 — Ligues. Olhas atentamente. 5 — Mil cento e um em romano. Nome de jogo. 6 — Em partes iguais. Covis. Estrépito de desmoronamento. 7 — Tarimbas. Caminhar para cá. 8 — Guarda da mão, na espada. Qualquer pedra preciosa. 9 — Plantas do pé. Antiga cidade do Lácio. 10 — Queridas. Deusa hindu, personificação do mito da Terra. 11 — Apelido. Várias espécies de peixes de água doce (Bras.)

VERTICAIS: 1 — Aqui. Artigo indefinido (pl.). Chiste. 2 — Adianta. Cabeleira. 3 — Roçai. Pegar. 4 — Apelido. Parque cerrado. 5 — Viscosa. 6 — Cânhamo de Manila. Nome de frutos. Apelido. 7 — Feminino de primos. 8 — Tombaras. Pingo. 9 — Mano. Vigiar. 10 — Prendes. Versejara. 11 — Ruins. Límpido. Arsénio (s. q.)





Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

HORIZONTAIS: 1 — Costumam. Lá. 2 — Renas. Cem. 3 — SS. MEL NOVO. 4 — Por. Calar. 5 — Emas. Core. 6 — Marcaras. 7 — Varai. Ária. 8 — Moras. Ano. 9 — Elis. Mac. Ar. 10 — Chá. VINHO. 11 — Ao. Semearas.

VERTICAIS: 1 — Cospem. Meco. 2 — Som. VELHO. 3 — Sr. Ramona. 4 — Tem. Saras. 5 — Unem. Ras. Vê. 6 — Mal. CCI. Mim. 7 — As. Goa. Gane. 8 — Narra. Chã. 9 — Coleara. Or. 10 — Leva. Sina. 11 — Amora. Auros.

Provérbio: MEL NOVO; VINHO VELHO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9645

HORIZONTAIS: 1 — Coto. Amas. 2 — Apago. 3 — Tilva. Leyem. 4 — Ia. Vi. Ag. Dá. 5 — Amião. Oásis. 6 — Os. Se. 7 — Mas. Voa. Ufa. 8 — Art. Risco. Er. 9 — Rumor. Ácida. 10 — Tais. Odor. 11 — Airão. Isara.

VERTICAIS: 1 — Catia. Marta. 2 — Opiar. Atuai. 3 — Tal. Más. Mir. 4 — Ogivas. Rosa. 5 — Oaio. Vir. 6 — Nós. 7 — Alão. Aca. 8 — Alegas. Ocos. 9 — Mas. Seu. Ida. 10 — Acedi. Fedor. 11 — Somas. Anara.

DEPOIMENTO DO DR. SANTANA MAIA

(Continuação da pag. central)

no particular? Não haverá que distinguir, para já, entre os que podem desempenhar uma função supletiva do ensino oficial, insuficiente de certo ainda por longo período, daqueles que apenas visam uma marcada tendência lucrativa e ou aristocrática?

E a continuação da aquisição de conhecimentos para além da escolaridade obrigatória ficará, mais uma vez, ao sabor da selecção económica? As própórias bolsas de estudo serão distribuídas com que critério?

Como virá a ser equacionado o complexo problema dos métodos de avaliação dos conhecimentos?

E o próprio ensino, na sua forma e conteúdos, como vai ser reformado? Procurar-se-á, sobretudo, ensinar a aprender e aprender ensinando, o que implica profunda mudança nos métodos pedagógicos, nomeadamente nas relações habituais professor-aluno?

Será pretendido e conseguido que o ensino, a par de propiciar um alto grau de especialização hoje indispensável, crie também em todos os portugueses uma verdadeira educação, isto é, um conhecimento integral do mundo e uma atitude consciente perante ele?

No que toca mais particularmente á Universidade, se é de elogiar sem reservas a sua anunciada autonomia administrativa e pedagógica, como virá esta a processar-se? Quem fará os estatutos e que estatutos surgirão?

E como serão resolvidos os problemas candentes da gestão universitária e da legislação circum-escolar?

Estas são algumas interrogações que nos ocorrem e a que a Reforma terá de responder.

Que a situação do ensino em Portugal melhorará é indubitável, vindo-se a alargar, pelo menos, um círculo que até aqui se tem mantido demasiado fechado.

Por isso, procurar entravá-la parece-nos atitude condenável, por negativa, e errada por votada ao malogro.

Sendo a educação uma forma de estar no mundo, apreendamos conscientemente a sua realidade e, perante as condições objectivas de momento, sigamos o caminho que permitirá maior receptividade aos valores que verdadeiramente definam o homem e lhe dêem a dignidade que a própria sociedade terá de respeitar e defender.

Como diz Morin: «em lugar de uma certeza profética temos para o futuro exigências, a começar pela exigência de lucidez: a consciência do real é, no fim de contas, mais tónica que todos os elixires ideológicos e poupa-nos a desesperos que lançam fora do combate os místicos desiludidos».

Actualidade internacional

ESTADO DE EMERGÊNCIA NO REINO DO LAOS

VIENTIANE, 12 — (F. P.) — O Governo laociano proclamou o estado de emergência em todo o território do reino do Laos a partir das zero horas de hoje, anuncia um comunicado oficial publicado pela agência Lao Presse.

A agência publicou igualmente uma ordem assinada «em nome de sua majestade o rei do Laos», pelo príncipe Souvanna Phouma, primeiro-ministro e ministro da Defesa Nacional, no sentido de o general Uane Rathikune, comandante-chefe das Forças Armadas Reais, «prestar a colaboração necessária á segurança geral em todo o território do reino até que a ordem seja ali restabelecida».

Foi também distribuído um comunicado do Governo afirmando que «a recente entrada das tropas sul-vietnamitas no Laos, embora contrária aos acordos de Genebra de 1962, é consequência das violações que as tropas norte-vietnamitas continuam a cometer no Laos».

AMERICANOS COLABORAM NA INVASÃO?

WASHINGTON, 12—(R.) — Soldados americanos, envergando uniformes do Exército sul-vietnamita, poderão encontrar-se no Laos a combater, segundo revelou o repórter Howard Tuckner da cadeia americana de televisão A. B. C.

APELO DE SOUPHANOUVONG

HONG-KONG, 12 — (R.) — O dirigente do Pathet-Lao, príncipe Souphanouvong apelou hoje para a União Soviética e para a Grã-Bretanha para que agissem no sentido de pôr cooro á incursão dos sul-vietnamitas na região meridional do Laos.

Numa mensagem urgente, publicada hoje pela agência noticiosa do Pathet-Lao, o dirigente da facção pro-comunista laociana afirma que a referida incursão constitui a mais flagrante violação do acordo de Genebra de 1962.

Como se sabe, a União Soviética e a Grã-Bretanha são co-presidentes da conferência de Genebra que tornou o Laos um país neutral.

A mensagem informava que os Estados Unidos estavam a tentar salvar-se de uma situação desastrosa ao recorrerem á invasão do Laos com o objectivo de ataque ás linhas de abastecimento comunistas ao longo da «pista Ho Chi Minh».

O príncipe Souphanouvong, meio irmão do primeiro-ministro do Laos, repetiu a acusação feita pelo Vietcong na conferência de Paris, segundo a qual operavam na invasão do Laos 10 batalhões americanos, além de unidades do exército do país invadido e da Tailandia.

O PRESIDENTE GEORGES POMPIDOU, que está a visitar alguns países africanos de expressão francesa, quando se encontrava na capital do Senegal, o segundo país no calendário da sua viagem

«Coletes-de-forças» para bebés

ROMA, 12 — (R.) — A Polícia revelou a noite passada que morrera uma criança no lar para a infância cujo encerramento foi ordenado, após uma garota, de 21 meses, ser encontrada com 33 marcas de dentadas no corpo.

As autoridades disseram que um magistrado pronunciará acusações de homicídio involuntário contra pessoas desconhecidas, após investigar a morte da criança no lar.

A instituição, utilizada por mães que trabalham, é dirigida por uma suíça, que tomava conta de cerca de 50 crianças de tenra idade.

A criança que morreu sofria de bronquite, mas prosseguem as investigações para apurar se a alimentação, á base de fornecimentos de latas de conserva, velhas, contribuira para o óbito.

A Polícia efectuou ontem uma rusga ao lar, após queixas de pais, e anunciou que fora encontrada outra criança que mostrava marcas de dentadas infligidas durante um período de vários meses.

As crianças eram deitadas em berços, em sacos de dormir, de plástico, muito apertados, que restringiam os seus movimentos e tinham o efeito de coletes de forças — acrescentou a Polícia.

Fim da visita de Pompidou

LIBREVILLE, 12 — (F. P.) — O presidente da República Francesa e sua esposa terminam hoje em Libreville a viagem que empreenderam ao continente africano.

Na recepção oferecida na Camara Municipal de Libreville, será oferecido ao presidente Pompidou uma chave simbólica da cidade, uma enorme chave de ouro maciço do Gabão, pesando cerca de um quilograma.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

O SISMO NA CALIFÓRNIA RELACIONADO COM OS ENSAIOS ATÓMICOS AMERICANOS

OTTAWA, 12 — (A. N. I.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros canadiano, Mitchell Sharp, declarou que o recente sismo na Califórnia mostrou dramáticamente que os Estados Unidos deviam ter prestado atenção aos protestos do Canadá contra as experiências atómicas nas ilhas Aleutas.

O ministro acrescentou que o Canadá «protestaria ainda mais violentamente» contra a continuação das experiências marcadas para o Outono na ilha de Amchitka, ao largo da costa do Alasca, e sublinhou que o sismo de Los Angeles «foi uma prova clara da instabilidade da área: este sismo não parece estar relacionado com qualquer explosão atómica, mas se houver outro, depois de uma explosão nuclear de certo as pessoas culparão a experiência mesmo que não haja provas científicas de que tenha sido a causa directa».

QUASE TRÊS DIAS SOB OS ESCOMBROS

LOS ANGELES, 12 — (R.) — O número de vítimas do terramoto que atingiu Los Angeles subiu, hoje, para 57 ao mesmo tempo que um homem era milagrosamente encontrado com vida debaixo dos destroços de um hospital, onde se encontrava há quase três dias.

Frank Carbonari, ajudante de cozinha do hospital, refugiou-se debaixo de um lavadouro de louça na cave do edifício, e foi retirado com vida, depois de removidas toneladas de destroços que o cobriam. Sofreu, apenas, um pulso fracturado.

Até agora foram recolhidos 39 cadáveres nas ruínas do hospital, mas há, ainda sete pessoas desaparecidas.

Persiste a tensão em Amã

AMÃ, 12 — (F. P.) — Persiste a tensão nesta cidade. Durante a noite ouviu-se tiroteio esporádico e rajadas de metralhadora pesada.

Pelas 4 e 15, TMG, ouviram-se tiros de canhão, que pareciam vir do exterior da cidade.

NOVAS PROPOSTAS DE JARRING

CAIRO, 12 — (R.) — Jornais cairotas publicam hoje com grande relevo, mas sem comentários, as novas propostas para uma solução no Médio Oriente, atribuídas ao enviado de paz da ONU, dr. Gunnar Jarring.

O «Al-Gomhouria» anuncia que o principal delegado egípcio junto da ONU, dr. Mohammed Hassan El-Zayyat, recebera uma nota do dr. Jarring quando se avistaram os dois na segunda-feira passada. O conteúdo da mensagem não foi, porém, divulgado.

APROVOU A NACIONALIZAÇÃO DE PARTE DA ROLLS-ROYCE

LONDRES, 12 — (R.) — A Camara dos Comuns concordou hoje em nacionalizar a maior parte da firma Rolls Royce após um debate que se prolongou por mais de 12 horas.

A proposta de lei, nos termos da qual o Governo tomará conta das fábricas de motores de avião e marítimos da companhia, passou sem oposição á sua terceira leitura e segue agora para a Camara dos Lordes para o debate final, na segunda-feira, devendo entrar em vigor com força de lei já na próxima semana.

PEDIDA A INTERVENÇÃO DE NIXON

BURBANK (Califórnia), 12 — (F. P.) — O Sindicato dos Trabalhadores da Aeronáutica pediu ontem ao presidente Richard Nixon que intervenha directamente no caso Lockheed-Rolls Royce para que a sociedade americana não seja forçada a reduzir o seu pessoal.

Com efeito, a Lockheed anunciara na véspera que, devido á falta de execução do seu contrato de 135 milhões de dólares com a Rolls Royce para a construção do motor do seu novo avião comercial Tristar, se veria forçada a despedir cerca de 6500 operários.

Actriz-reitora

LONDRES, 12 — (A. N. I.) — Goldie Hawn, a jovem actriz norte-americana que se deu a conhecer ao mundo com a sua interpretação no filme «Flor do cacto», foi elevada á dignidade de «reitora» da Universidade escocesa de Dundee — título simbólico anteriormente exibido pelo actor inglês Peter Ustinov.

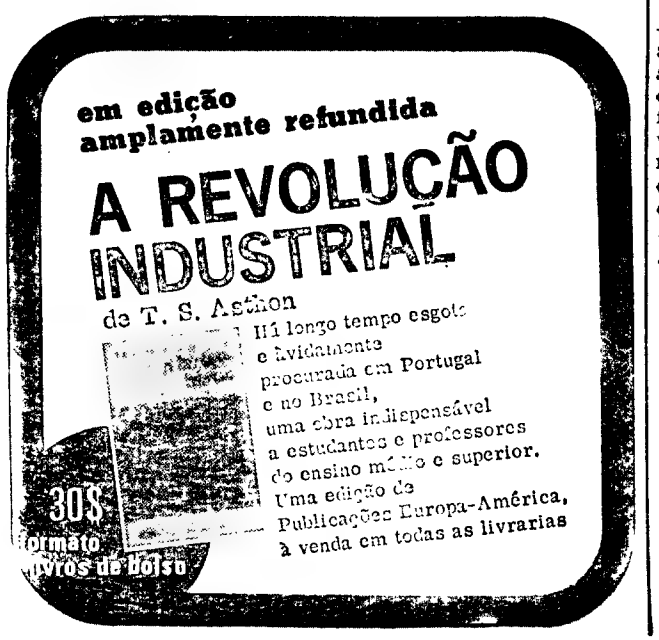
Um padre católico italiano e uma assistente social acusados no Brasil de actividades subversivas

SÃO PAULO, 12 — (F. P.) — O Procurador da República acusou perante o tribunal militar, o padre católico italiano Giulio Vicini e a assistente social brasileira Yara Spadini de se haverem dedicado a actividades subversivas com o fito de «indispor a população contra as autoridades constituídas».

Por outro lado, numa nota publicada ontem, o secretariado da Segurança do Estado de São Paulo anunciou que, antes da difusão do protesto apresentado no sábado por monsenhor Arns contra a sorte reservada aos dois acusados vai proceder-se a inquérito para determinar se os factos revelados são exactos e, se assim for, tentar identificar os responsáveis.

Monsenhor Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, afirmara publicamente que o padre italiano e a assistente social brasileira tinham sido torturados pela Polícia política de São Paulo.

A nota oficial acrescenta que se as acusações feitas por monsenhor Arns se revelarem verdadeiras, os culpados serão punidos, pois a luta contra o terrorismo e a subversão não implica a liberdade de atentar contra a integridade física dos réus.



CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 7.ª página)

cuidada: eram sérias as palavras que tinha para nos dizer. Mais para *nos* dizer do que para nos cantar. Ao descurar a clareza das palavras, prejudicou a canção.

Paulo de Carvalho foi, como se esperava já, o melhor intérprete. Para tanto nem precisou de se empregar a fundo. Assistimos a uma interpretação de rotina, com os tiques da rotina.

Quanto a Lenita nada mais se pode dizer além de que esteve igual a si própria. Por sorte, a canção à sua guarda era excessivamente fraca. Seria muito cruel ver a Lenita, ou a Daphne ou os Efe 5 cantar em Dublin.

Algumas palavras de agrado pela exibição dos dois últimos cançonetistas, Fernando Tordo e Duarte Mendes. Este, embora na linha de um Paulo de Carvalho, constituiu uma surpresa pela agilidade, pelo empenho e pela capacidade de seguir uma linha melódica, talvez a mais difícil do festival, na medida em que exigia muito da participação criadora do intérprete.

Fernando Tordo, esse, na posse de um poema que o público teria gosto em conhecer, esforçou-se, no máximo para dar as palavras em corpo inteiro. Para as dar, não para as moldar. Continua, no entanto, a impressionar o tom ausente, alheado, com que canta.

Essa característica, vendo bem, parece contagiosa. Apenas Maia Loureiro (faz pouca chama, mas arde muito) e Tonicha deram a ilusão de perceber a sua própria voz. Os restantes, incluindo Paulo de Carvalho, tinham muito o ar dos boletineiros que entregam, a sorrir, telegramas que dão pêsames.

●

MINHA RICA MENINA

Claro, sabe-se de há muito. O festival não é de intérpretes, mas de canções. A frase não tem sentido. Festival de canções seria aquele que apresentasse no «écran» a pauta correctamente rabiscada. Ora, os próprios cuidados a ter com as orquestrações, prova bem como o êxito de uma canção depende da forma como é apresentada.

Algumas canções, com outros intérpretes, poderão vir a revelar qualidades que o grande público, ontem, não atingiu. Não se andará muito longe da verdade se apartarmos, como as melhores, *Menina*, *Flor sem tempo*, *Cavalo à solta* e *Adolescente*. À espera de uma segunda oportunidade, teremos a *Crónica de um dia*. As outras talvez não se fale mais delas. Claro que mesmo nas canções do melhor lote são notórias certas influências (em especial no *Cavalo à solta*). Não é porém, caso raro ver no comércio produtos de características muito semelhantes.

Há anos fez-se um inquérito junto de escritores e estudiosos estrangeiros, conhecedores da nossa língua, para se determinar qual era, na opinião deles, a mais linda palavra da língua portuguesa. A mais votada foi a palavra *Menina*.

Começou, pois, por jogar bem a canção de José Carlos Ary dos Santos. A táctica utilizada na construção do poema também não o foi à toa: consciente das características dos meios de onde provinha o grosso da votação, Ary dos Santos orientou a sua linguagem para o ruralismo. O poema da «Menina» está cheio de palavras e expressões de sabor campestre: «*menina cheirando a feno casado com hortelã*», «*menina de andar de linho com um ribeiro à cintura*», «*minha selva dos pinheiros*», «*água de sede dos olhos, pão que não foi amassado*», «*brisa do alto da serra*», etc., etc.

A verdade é que não se pode falar, no nosso País, de uma tradição de proletariado activo e significativo, a não ser, ainda, no campo rural com o proletariado do Alentejo. O folclore português é o da província, é o da aldeia.

Tal facto havia de se reflectir na produção da música dita comercial, mesmo quando destinada a ser consumida (e é-o quase sempre) nos meios citadinos — dado que a expressão «meio citadino» em Portugal, é uma expressão quase sem sentido.

Orientada, pois, para a simpatia da província e para a reserva provinciana habitante das cidades; construída com uma sabedoria poética que está a milhas

Tonicha sob os olhares do seu empresário (Artur Pereira) toma, às três da madrugada, a única refeição em 18 horas

dos costumeiros e ultra (muito ultra) conhecidos fabricantes letristas; servido por uma melodia de extrema simplicidade não envergonhante dos ouvidos, com aquela pitada de mel tão própria de um País de flores; apoiada numa orquestração que sublinha ainda o seu ar campesino — «Menina» possuía todas as condições para vencer.

Digamos que venceu quem o merecia.

●

PARÊNTESIS INDISPENSÁVEL

Eis que se organiza um festival de música ligeira. Eis que lança aos quatro ventos um grupo de canções para consumo de todos os dias. E eis que, em nenhuma dessas canções se notam os mais ligeiros sinais as mais ligeiras pegadas do nosso tempo. A verdade é que não temos a eternidade para viver. Para viver temos o tempo de hoje, o tempo aqui. Como pode ser que nem ao menos uma canção reflicta as nossas preocupações, os nossos anseios, a nossa angústia? Cantar é uma forma de estar vivo. Um pássaro morto não canta. Empalhado, não canta. É a sua vingança. Os homens, porém, querem ser cadaverezinhos e querem cantar. Querem estar empalhadinhos e querem cantar. Dessa necessidade nascem as chamadas «canções» que nada dizem, que nada significam, que são, apenas, uma forma activa de estarmos calados.

●

A PONTUAÇÃO FINAL

1.ª — «Menina» (Tonicha)	103	pontos
2.ª — «Flor sem tempo» (Paulo de Carvalho)	69	pontos
3.ª — «Cavalo à solta» (Fernando Tordo)	42	pontos
4.ª — «Crónica de um dia» (Hugo Maia de Loureiro)	26	pontos
5.ª — «Palavras abertas» (Introito)	13	pontos
6.ª — «Rosa roseira» (Efe-5)	6	pontos
7.ª — «Verde Pino» (Daphne)	5	pontos
8.ª — «Adolescente» (Duarte Mendes)	4	pontos
9.ª — «Anda ver o Sol» (Lenita Gentil)	2	pontos

REALIZAÇÃO: NUM COLETE DE GESSO

De Henrique Mendes já dissemos o bastante para se concluir quanto se passa rasteiras a si próprio, através de «discursos» que se não compadecem com improvisações. Ana Maria Lucas tem aceitável metal de voz, mas faltou-lhe um mínimo de naturalidade, tão cara à Televisão: em vez de falar gritou, em vez de dizer os títulos das canções e nomes dos intérpretes, apregoou-os. Em televisão não é assim. E ninguém lho disse. Ana Maria não fez melhor do que qualquer uma das locutoras do quadro que, pelos vistos, têm de reaprender a fazer «tricot».

A realização de Herlander Peyroteo não enriqueceu o espectáculo. Reportagem foi coisa que não houve. A realização soube, apenas, olhar para a frente. Como se estivesse metida num colete de gesso. Que, em televisão, é a melhor maneira de se meter numa camisa de onze varas.

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

AGÊNCIA DE VIAGENS
Empregado/a com conhecimentos gerais de balcão, turismo, elaboração de programas.
Para Empresa do Porto, admissão imediata. Guarde sigilo. Resposta com máximos pormenores e ordenado pretendido a este jornal ao n.º 717.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO S. A. R. L.
TEM O PRAZER DE COMUNICAR A TODOS OS EX.mos CARREGADORES, TRANSITÁRIOS, DESPACHANTES E CLIENTES EM GERAL QUE ACABA DE CONFIAR A
NORTEMAR – AGÊNCIA MARÍTIMA DO NORTE, LDA.
A AGÊNCIA DE TODOS OS SEUS NAVIOS, E ESPERA PODER CONTINUAR A MERECER A PREFERÊNCIA QUE ATÉ ESTA DATA LHE TEM SIDO CONFIADA.

SOCIEDADE GERAL DE COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES, S. A. R. L.
TEM O PRAZER DE COMUNICAR A TODOS OS EX.mos CARREGADORES, TRANSITÁRIOS, DESPACHANTES E CLIENTES EM GERAL QUE ACABA DE CONFIAR A
NORTEMAR – AGÊNCIA MARÍTIMA DO NORTE, LDA.
A AGÊNCIA DE TODOS OS SEUS NAVIOS, E ESPERA PODER CONTINUAR A MERECER A PREFERÊNCIA QUE ATÉ ESTA DATA LHE TEM SIDO CONFIADA.

NORTEMAR
AGÊNCIA MARÍTIMA DO NORTE, LDA.
TEM A SATISFAÇÃO DE COMUNICAR TER SIDO NOMEADA AGENTE GERAL DAS EMPRESAS
Companhia Nacional de Navegação, S. A. R. L. e Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes, S. A. R. L.
ESPERANDO PODER CONTINUAR A RECEBER A PREFERÊNCIA QUE AS MESMAS VINHA SENDO DADA PELOS EX.mos CARREGADORES, DESPACHANTES, TRANSITÁRIOS E CLIENTES EM GERAL.
Rua Infante D. Henrique, 63 — PORTO — Apartado 52
Telefones: 23316/8 - 22438/9 - 27070 - 35688 - 30596 — End. Telegráfico - NORMAR — Telex:02-752 — NORMAR P

RESCALDO DO FESTIVAL-TV DA CANÇÃO PORTUGUESA

MENINA ANDOU DE MADRUGADA A FESTEJAR A VITÓRIA

As oito horas da madrugada Nuno da Nazareth Fernandes explodia junto ao telefone:

— Gracias, Algueró, muchas gracias!

Do lado de lá, Augusto Algueró deve ter dito algo que merecesse esta resposta do melodista de «Menina»:

— Claro. confiamos em ti. Agora, vamos por aí fora...

Hoje, ainda antes do almoço, Tonicha («Menina») assinou contratos para actuar, esta temporada, nos festivais de Split, Atenas e Malta. Mais: a 27 do corrente estará na Rádio Berlim, com Raul Nery e Júlio Gomes. «Cachet»: 2000 dólares (56 contos por duas actuações. O êxito paga-se

E o êxito bateu, esta noite, á sua porta.

— *Não. Não ao P. B. X. «Sim» a todos os outros programas do Rádio Clube: nada para vocês. Não lhes perdoo.*

Tonicha, exaltadissima, verberava Paulo Cardoso. Saíra do palco (a inédita votação favorável de todos os júris, a inédita diferença favorável em relação á melhor concorrente) e estendiam-lhe um microfone:

— *Veja* — diz-me —. *Fizeram de contas que eu não existia. Nós* (aponta João Viegas) *pedíamos um disco meu. Por pedido até gravávamos o telefonema. E brincavam comigo. Não transmitir, é um direito; gozar á minha custa, não admito.*

Cala-se. Está rubra de (pequena) cólera:

— *Por isso, dedico o êxito da minha canção a todos quantos realmente me ajudaram. A admirável equipa «Zip»: desde o Solnado que me telefonou do Porto até ao Carlos Cruz, ao Fialho, ao Manuel Vieira, ao Augueró e ao meu empresário Artur Pereira. Consegui o que queria: a porta aberta para uma carreira internacional. Por que não hei-de estar alegre? Vamos por aí fora!*

Para nós, Tonicha confidencia ou baixinho enquanto decorria — no restaurante «Arraial», até ás 6 da manhã — a festa-«Zip»:

— *Gostei muito da canção do Paulo de Carvalho. E a do Tordo tem um poema admirável. Também apreciei a do Hugo. Mas, aqui para nós, nada me fez temer...*

Sobre a carreira:

— *Um dia voltarei a cantar folclore. Entretanto só penso em Dublin. Não cantarei mais em Portugal antes de ir á Irlanda.*

Rubro, encolerizado, aparece José Carlos Ary dos Santos:

— *Oh filha, fala do público do Tivoli. Se não queres, falo eu. Ainda bem que certos rabanetes burgueses, com patinhas de burro, não chegam ao céu...*

Ainda comentando a patetada pós-votação:

— *Apesar do critério de votação, não temi a derrota. O público do Tivoli pode enganar-se, mas o Povo nunca vai em conversas. E eu confiava no Povo. Com razão, como se viu.*

Com três canções no certame qual a preferida de Ary? Responde o poeta:

— *As três por igual. É como se uma mulher tivesse três filhos: um com cabelo ruivo, outro de cabelo preto, outro de madeixas castanhas. Gémeos. E lindos!*

Num desabafo:

— *Esta noite nem tudo correu bem. A orquestra irlandesa, com todo o respeito por Jorge Costa Pinto, deve ser melhor do que a portuguesa...*

À gargalhada:

— *Deste Festival, graças a Deus!, ausentaram-se os dois letristas e os senhores compositores de meia idade, por auto-internamento pessoal. Foi o melhor que fizeram...*

— *Em que vai gastar o dinheiro dos seus prémios?*

— *Num passeio a Paris e Londres. Quero ver gente...*

DISSERAM ELES (ELAS)

Hugo Maia de Loureiro, com excelente «self-contrôle»:

— *A clasificação ficou ao gosto do público.*

— *E, de si?*

— *Repito: só do público.*

O dr. António Bivar, da R. T. P.:

— *Podemos ir a Dublin de cara levantada...*

Nuno da Nazareth Fernandes, triunfador de festivais da R. T. P.:

— *Foi a primeira coisa que ganhei depois do casamento: esta é a minha prenda para a mulherzinha* (abraça a esposa) *Ainda não fiz as contas deste mês, e não sei se poderemos gastar a «massa» que «limpei»...*

Depois:

— *Tonicha cantou muito bem e o Paulo* (de Carvalho) *foi sensacional. Marcou a canção dele com uma força tremenda!*

Fialho Gouveia, eufórico:

— *No ano passado, nós* (a «Zip») *estivémos sózinhos em campo, na luta pela melhoria das composições. Vejo, hoje, que o exemplo deu frutos. E os produtores e editores já não fazem, apenas, contemporizações com o público de menor nível.*

Daphne, um bocadinho triste:

— *Pois é, Tonicha tem muito «mètier»...*

PAULO NO CONTRA-ATAQUE

Fernando Tordo (de copo na mão, ainda nos bastidores do Tivoli) dizia:

— *Não comento. Até ver...*

Já o melhor intérprete masculino (Paulo de Carvalho) não cabia em si:

— *«Menina» é uma canção popularuncha. Nunca lhe daria um ponto. Em contrapartida, as três melodias que se classificaram a seguir são muito boas. Quanto a «Flor sem tempo», cheguei a ter muitas esperanças: perdi-as quando chegámos a Vila Real...*

Puxa de um cigarro:

— *Não acredito na melodia vencedora. Não é a melhor do festival. A melhor música era a do Tordo («Cavalo à solta»).*

A publicidade feita á «Menina» resultou em cheio: a da minha canção foi (talvez) menos bem feita, porque pensávamos que as pessoas eram suficientemente educadas e inteligentes para não irem em conversas tolas.

Tristemente:

— *«Isto» não afecta a minha carreira internacional. Acha que nos Estados Unidos sabem que existe a R. T. P.?*

Mais para diante, e ainda sobre «Menina»:

— *Nem a orquestração do Algueró era sensacional: prefiro as do Osório, Thilo e Dennis Farnon. E repito: a música do Tordo («Cavalo á solta») foi a melhor. O júri não estava a par do que se faz no Mundo. Olhe: até o Duarte Mendes foi excepcional, bem melhor do que a Tonicha que, aliás canta bem. Se eu fosse do júri, «Menina» não tinha sucesso em Dublin.*

Sussurando:

— *O Nuno tem, de há anos para cá, a medida exacta do que interessa e agrada ao público de festivais. E pronto!*

*

Voltando ao início do certame, á sala do Tivoli: público a entrar no decorrer das interpretações, muitos lugares vagos na plateia, péssimo som, todos os «Zips» de flor na lapela, gargalhadas para a vestimenta de Lenita Gentil (mangas e saia de tecido vermelho às tiras), vaia á votação conforme acelerava o progresso de «Menina».

— *É um dos dois mais felizes da minha vida — garante Tonicha.—Um grande passo em frente para o meu profissionalismo no estrangeiro.*

Hoje, ás 18 e 30, os responsáveis por «Menina» concentram-se na R. T. P. Vão programar o assalto a Dublin. Resultará? A 4 de Abril damos a resposta

NEVES DE SOUSA

Artur Pereira, Nuno da Nazareth Fernandes, Tonicha e Carlos Cruz: os sorrisos da vitória

POSSIBILIDADE APONTADA À INDÚSTRIA E À AGRICULTURA

INVESTIMENTOS EM PORTUGAL ATRAVÉS DA F.A.O.

A vantagem de Portugal se associar ao «Programa de Cooperação F. A. O. — Indústria» foi defendida pelo dr. Lopo Cancela de Abreu, presidente da Comissão Nacional da F. A. O., durante uma reunião que decorreu na Associação Industrial Portuguesa.

A reunião destinada a «trocas de impressões acerca do programa F. A. O. — Indústria, estiveram presentes ainda, o eng. J. Pereira Reis e, da parte da industria, o eng. Luís Rodrigues Balbino, da C.U.F.; Jorge Seguro, da Secil Sampaio Ribeiro, da Casa Hipólito e Francisco Parreira Rosado, da Sociedade de Metais e Fundições, Lda.

Presidiu o prof. Salazar Leite, vice presidente da direcção da Associação, que tinha á sua direita o dr. Lopo Cancela de Abreu.

Na sua intervenção, o dr. Cancela de Abreu fez uma síntese das actividades da comissão que dirige, salientando o papel de ligação entre a F A. O e as outras organizações das Nações Unidas, os poderes publicos e as empresa. agro-industriais. Falou das vantagens da ligação com a F.A.O., para a industria e para a agricultura portuguesas, mercê de possível política de investimentos.

«O programa da F.A.O. — Industria criou no seu seio — disse— vários subgrupos, como, por exemplo, o que se ocupa das industrias agro-químicas, o das industrias de transformação e comercialização de frutas alimentares, das industrias ligadas aos produtos florestais, o da aproveitamento dos subprodutos da agricultura, o da utilização sem perigo dos pesticidas, o do aproveitamento das farinhas, etc

Acrescentou que o papel da F.A.O consiste também em ter os industriais informados acerca das necessidades e das possibilidades de investimento, ao mesmo tempo que o de procurar ajudar o Governo a estabelecer contacto com empresas estrangeiras que, nesses países, desejam fazer investimentos.

O programa permite estabelecer entre os seus membros um diálogo permanente, que facilita fecundas trocas de ideias e de conhecimentos sobre problemas técnicos e económicos de interesse comum.

Do ponto de vista financeiro, o programa ajuda os seus membros a conseguir investimentos para as suas industrias, ou a colocar os seus capitais em empreendimentos agro-industriais de outros países.

Explicou que podem fazer parte deste organismo os dirigentes de sociedades que participem directamente na expansão das industrias ligadas á agricultura, especialmente Disse ainda que actualmente é de cerca de 90 o numero de empresas inscritas no programa.

Finalmente pediu aos industriais que estudassem o problema e dessem depois a sua opinião, que poderiam exprimir noutro encontro.

Falaram ainda os srs. eng. Pereira Reis, Jorge Seguro, eng. Luís Rodrigues Balbino e Sampaio Ribeiro.

IRÁ À PRAÇA O TEATRO AVEIRENSE?

O Teatro Aveirense está ameaçado de ir á praça para venda do imóvel e a notícia não pode deixar de interessar a cidade de Aveiro e toda a região. Trata-se de recinto de grandes tradições artísticas e cívicas, por cujo palco passaram os maiores nomes da cena portuguesa.

No Teatro Aveirense se realizaram muitas das grandes reuniões políticas e sociais de Aveiro e algumas até de projecção nacional. Lembremos os dois ultimos Congressos Republicanos cujas sessões ali se efectuaram.

Vem hoje no «Diário do Governo» a convocatória da assembleia geral para o dia 14 do corrente mês, ás 11 horas, a fim de deliberar sobre a venda do imóvel, com todos os seus pertences e direi os de exploração, ou a organização de uma sociedade entre credores e accionistas, nos termos da lei.

Esperemos que o Teatro Aveirense continue a servir a cultura e as altas tradições cívicas da cidade de Aveiro, a pátria de José Estevão, «essa politizada Aveiro», como se lhe chamou já.

ENCONTRADA A MÃE DA CRIANÇA ABANDONADA

A Polícia Judiciária já descobriu a mãe que, há dias, abandonou um filho de 3 meses nos braços de uma ama da Rua Moraes Soares.

Trata-se de Maria Fernanda Monteiro — e segundo explicações prestadas ás autoridades *procedeu assim «a* fim de poder arranjar um emprego que desse para sustentar a criança».

Foi mandada em liberdade, e já recolheu o filho.

Adiada para 17 a sentença do pároco de Macieira da Lixa

PORTO, 12 — Estava marcada para hoje, ás 17 horas, no Tribunal Plenário do Porto, a leitura da sentença do julgamento do padre Mário Pais de Oliveira, pároco da freguesia de Macieira da Lixa, acusado de actividades subversivas Todavia, a leitura do importante acórdão foi adiada para o próximo dia 17, também ás 17 horas.

Abelaira falou num Colégio sobre o romance

Augusto Abelaira esteve ontem no Colégio Moderno para falar sobre o romance.

No colóquio participaram alunos dos anos mais adiantados, que ouviram o autor de «A Cidade das Flores» discorrer sobre a sua experiência de ficcionista, romance em geral e tendências do romance moderno. Seguiu-se um animado diálogo.

Visita de estudo às instalações fabris de importante empresa de Aveiro

Realiza-se hoje em Aveiro, com a presença do governador civil do distrito, uma visita de estudo ás instalações fabris da firma industrias de João Nunes da Rocha, no decorrer da qual será apresentado um novo material destinado á construção civil.

Na visita tomaram parte, além de numerosos elementos ligados à construção, altos funcionários do L. N. E. C. e de vários departamentos governamentais. No Grémio do Comércio em Aveiro, e no âmbito desta visita de estudo, realizar-se-á um colóquio no qual tomarão parte todas as individualidades presentes.

Damos os primeiros passos na educação para a saúde — afirmou-se nas Jornadas da Associação dos Enfermeiros

A dr.ª Maria Rosália Ferreira, médica educadora de saude publica pela Faculdade de Saude Publica de São Paulo, iniciou, esta manhã, na Direcção-Geral da Assistência, as Jornadas de «Educação para a Saude», promovidas pela Associação das Enfermeiras e dos Enfermeiros Portugueses, com uma palestra que intitulou «O que é a Educação para a Saude — objectivos e métodos».

A dr.ª Rosália Ferreira, na sua alocução, falou de alguns processos educacionais que produzem maior conhecimento sobre saude e melhoram atitudes e práticas sanitárias, referindo a educação sanitária como análogo á medicina.

Durante a discussão do tema proposto, em que participaram alguns dos 40 profissionais de enfermagem (só um do sexo masculino) presentes, foi dito que no nosso País se estão a dar os primeiros passos no capítulo da educação de saude publica.

SOCULTURAL

Sociedade Promotora de Cultura, S. A. R. L.

VIEIRA DE LEIRIA

Assembleia Geral Ordinária

CONVOCATÓRIA

De acordo com os estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade para reunir no dia 6 de Março de 1971, às 21 horas, na Secretaria do Externato Técnico-Liceal da Beira-Mar, sede provisória da mesma Sociedade e com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1.º Discutir, modificar ou aprovar o relatório e contas da Administração e o parecer do Conselho Fiscal referidos ao exercício findo em 31-12-1970.

2.º Eleger um Membro do Conselho de Administração e um Membro no Conselho Fiscal.

3.º Tratar de qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade.

Vieira de Leiria, 4 de Fevereiro de 1971

O Presidente da Assembleia Geral
José Benfica Dinis

OS COMERCIANTES PORTUGUESES E A C. E. E.

(Continuação da 3.ª página)

compatível com as condições particulares do País. A adesão foi eliminada como solução prática. Seria com efeito, impossível para Portugal, no estado actual do seu desenvolvimento económico, suportar o rigor das regras comunitárias». diz J. Vieira Machado, que acentua: «É preciso sublinhar a dependência económica do País ao estrangeiro, nomeadamente à Europa ocidental. O comércio exterior cresce em importância para a economia portuguesa; as trocas com os países da Europa ocidental desempenham um papel de primeiro plano». E prossegue o artigo:

«Basta dizer que as exportações do Portugal metropolitano constituem 17 por cento e as importações 26% do Produto Nacional Bruto. As exporações são destinadas 72 por cento para a CEE e AELE e 69% de importações em contrapartida. Estes numeros não deixam nenhuma dúvida sobre a importância primordial que Portugal atribui a estas negociações».

J. Vieira de Castro não se esquece de sublinhar:

«Ninguém ignora a diferença considerável, expressa no rendimento por habitante, que existe entre Portugal e os Estados membros da C. E. E. Apesar do surto de industrialização, este é ainda mais fraco do que no Mercado Comum. A maior parte das industrias são novas e a despeito dos esforços para edificar as infra-estruturas necessárias, elas encontram-se nas dificuldades que as colocam em estado de inferioridade em relação às suas concorrências estabelecidas nos países da C. E. E.. Esta situação exige que seja identificado o esforço de industrialização considerado pelo Governo como o primeiro factor dinâmico no *processus* de elevação do nível de vida em Portugal.

Inaugurada uma fábrica de porcelanas

ALCOBAÇA, 12 — Com a presença do secretário de Estado da Industria, inauguraram-se hoje, nesta vila, as instalações da Sociedade de Porcelanas de Alcobaça. Aquele membro do Governo foi recebido pelos administradores daquela empresa, pelo governador civil de Leiria e pelos presidentes dos Municípios de Alcobaça e Nazaré.

ATENÇÃO A COMERCIANTES E PARTICULARES
HOJE, 6.ª-FEIRA, ÀS 15 E ÀS 21 H.
E AMANHÃ, SÁBADO COM O MESMO HORÁRIO

LEILÃO
DE
ANTIGUIDADES

E MUITOS E VARIADOS OBJECTOS DA ÉPOCA ROMÂNTICA, CURIOSIDADES — MISCELÂNEAS — VELHARIAS — UTILIDADES, ETC., NO TOTAL DE CERCA DE 800 LOTES

Cujos bens se transferiram de uma importante cidade da província para os salões de pregão, á RUA LUZ SORIANO, 53-1.º (Antigo Palácio Ficalho) — LISBOA, onde se efectua a almoeda, sendo TUDO PARA VENDER PELOS MAIORES LANÇOS OBTIDOS.

A CARGO DA FIRMA
SOARES & MENDONÇA, LDA.
Tel. 321312/3 - 369880 — LISBOA

MANUEL JOSÉ LOPES TRIGOSO

FALECEU

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

A DIRECÇÃO DO EXTERNATO MARIA TERESA, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento no passado dia 6, do pai da sua antiga Directora, recentemente falecida Ex.ma Senhora D. Maria Teresa Eusébio Trigoso Moreira da Cruz e que amanhã, dia 13, às 16 horas, na Igreja de S. João de Brito, será celebrada missa pelo eterno descanso de sua alma, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar-se a este piedoso acto.

AGÊNCIA MAGNO - T. 534167

MANUEL JOSÉ LOPES TRIGOSO

FALECEU

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Sua família, cumpre o doloroso dever de participar o seu falecimento no passado dia 6, e que amanhã, dia 13, às 16 horas, na Igreja de S. João de Brito, será celebrada missa pelo eterno descanso da sua alma, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar-se a este piedoso acto.

AGÊNCIA MAGNO - T. 534167

ARRENTELA

José da Costa Junior

FALECEU

Maria Salomé Bandeira Costa, filhos, noras, netos e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações o falecimento do seu extremoso marido, pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realiza amanhã, pelas 15 horas, da Igreja Paroquial de Arrentela para o cemitério local.

AGÊNCIA SALGADO
DE ALMADA — Tel. 270132

DESPORTO

AS SELECÇÕES DE FUTEBOL

• ESTRUTURADAS AS EQUIPAS «A» E DE PROMESSAS • FORMADA A DE JUNIORES

As selecções de futebol voltaram a trabalhar ontem: «A» e «Promessas», no Estádio Nacional; Juniores, na Tapadinha.

Os «AA» treinaram contra o Barreirense, a quem «venceram» por 8-1. «Jogo» com alguns lances agradáveis «conseguidos» pelo seleccionado, mas haverá (e houve, com certeza, por parte dos responsáveis) que ter em atenção as facilidades oferecidas pela equipa treinadora, que não forçou a nota.

Pelo que se viu, o «esqueleto» da selecção deverá ser: Damas; Malta da Silva, Humberto Coelho, José Carlos e Hilário; Pavão, Rui Rodrigues e Peres; Eusébio, Vítor Baptista e Simões. Foi a formação do primeiro tempo. No segundo, entraram José Henrique para o lugar de Damas, Rebelo para o de Malta da Silva, Rolando para o de José Carlos, José Maria no de Peres e Guerreiro substituiu Vítor Baptista.

Dirigiu a sessão, na presença do seleccionador Gomes da Silva, o treinador José Maria Pedroto.

•

As «Promessas» treinaram com uma equipa do Sporting, sob as vistas de Armando Ferreira.

O seleccionado mostrou-se pouco afinado no conjunto, mau grado um ou outro lance bem conseguido. O Sporting «venceu» por 3-2, sendo os golos da selecção marcados por Lemos e Chico.

A formação inicial da selecção: Bento; Artur, Alhinho, Bastos e Toni; Octávio, Vítor Martins e Marques; Chico, Lemos e Dinis.

No segundo tempo do treino, Quinito jogou no lugar de Marques.

Esta tarde, «AA» e «Promessas» têm treino individual no Restelo.

Formada a selecção de juniores

A equipa de Juniores, que é a primeira a entrar em acção (amanhã, com a França, na Tapadinha) fez o seu ensaio geral, jogando contra um misto do Atlético.

Treino muito agradável dos jovens futebolistas que «ganharam» por 9-2, revelando bom entrosamento e boas individualidades. Neste particular, evidência para Nando (autor de 5 golos), Fidalgo, Sheu, Alves e Ibraim.

No final, o seleccionador Peres Bandeira mostrava-se naturalmente satisfeito.

Contra a França, a selecção deverá ser, salvo qualquer imponderável: Fidalgo; Martinho, Casquinha, Vítor Pereira e Rodolfo; Sheu, Eurico e Alves; Ibraim, Gregório, Freixo e Nando.

CLUBE DE FUTEBOL «OS BELENENSES»

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA
CONVOCATÓRIA

Nos termos e para o efeito do disposto nos artigos 90.º e 94.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária, do Clube de Futebol «Os Belenenses», a reunir no dia 26 do corrente mês de Fevereiro, pelas 20 horas e 30 minutos, no Pavilhão dos Desportos Náuticos (Espelho d'Água) em Belém, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Eleger, para um mandato de dois anos, os seguintes membros dos Corpos Gerentes:

a) — Presidente da Assembleia Geral;

b) — Vice-Presidente da Assembleia Geral;

c) — Presidente da Direcção,

e

d) — Presidente do Conselho Fiscal.

Se à hora marcada não estiver presente a maioria dos associados a Assembleia reunir-se-á, com qualquer número de sócios, uma hora depois, no mesmo local e com a mesma «ORDEM DE TRABALHOS».

Para efeitos de votação, funcionarão Assembleias de Voto:

a) — Na própria Assembleia Geral;

b) — No dia imediato, entre as 10 e as 18 horas, nos seguintes locais:

— Secretaria do Clube, no Estádio Almirante Américo Thomaz;

— Delegação do Clube, na Av. da Liberdade, n.º 105, 3.º andar.

O escrutínio final será feito às 19 horas, na Delegação do Clube.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1971

O PRESIDENTE
DA ASSEMBLEIA GERAL

ESTREIA NOS AÇORES

Benfica: 12-0 ao Santa Clara

Recebido, festivamente, em Ponta Delgada, o misto do Benfica brindou, com uma exibição magnífica, o publico micaelense, no jogo que efectuou com o Desportivo de Santa Clara, na estreia da sua digressão açoriana.

Ao intervalo os benfiquistas venciam por 4-0 resultado que subiu até á duzia, perante o entusiasmo do publico, rendido á verdadeira classe dos lisboetas.

Marcaram os golos: Torres (6), Águas (5) e Diamantino.

Hóquei em patins

BELENENSES PUNIDO

A Associação de Patinagem de Lisboa, ao debruçar-se sobre os incidentes verificados no ultimo jogo Belenenses-Sporting, da fase de qualificação para o «Metropolitano» resolveu punir, com falta de comparência, os Belenenses, pelo que os dois pontos respectivos foram atribuídos ao Sporting.

Punidos, também, os jogadores «azuis» Borges (6 jogos) e José Saraiva (1 jogo).

Por outro lado, foi também suspenso (com 4 jogos) José Carlos, do Cascais, que, no encontro do seu clube com o Parede, tentou agredir um espectador.

Andebol

SPORTING-GUMMERSBACH DATAS MARCADAS

Anotadas as datas dos jogos Sporting-Gummersbach, da Alemanha Ocidental, para as meias-finais da Taça dos Campeões Europeus de Andebol de Sete.

Primeira mão, em Lisboa, no dia 27; segunda mão, em Dortmund, no dia 4 de Março.

VOLEIBOL

O Benfica venceu o Técnico isolando-se no comando

Com o encontro Benfica-Técnico a contar para o campeonato de Lisboa, em seniores, concluiu-se a 5.ª jornada da competição.

A vitória pertenceu ao Benfica por 3-1 (15/3; 15/10; 7/15; 15/13) e sob a arbitragem de Machado Bento e Oliveira Dias, as equipas formaram:

BENFICA — Moisés Nobre, Carlos Figueiredo, Artur Monteiro, João Campelo, António Neves, João Soares, Daniel Dias e Vítor Caroço.

TÉCNICO — André Mendes, Carlos Poppe, Raul Carregoso, Carlos Canas, Costa Reis, Luís Briz e Corte Real.

Excelente vitória do Benfica que se mantém invicto e infligiu a primeira derrota ao Técnico, nesta competição.

A superioridade do Benfica foi manifesta no início do encontro mas os «engenheiros» reagiram, acertaram o seu jogo e ofereceram boa réplica nas duas ultimas partidas durante as quais melhoraram consideràvelmente a sua defesa.

Com a sua vitória, os encarnados isolaram-se no comando da prova e em excelente posição para alcançarem um triunfo final.

TÉNIS DE MESA

Triunfo do Sporting (5-0) sobre o Benfica

Não se esperaria (o volume do resultado) mas está perfeitamente de acordo com a produção das duas equipas.

Técnicamente o encontro não correspondeu, mas mais *por culpa* dos «encarnados», que se apresentaram muito abaixo do que podem. Assim os leões puderam desenvolver uma toada de franca supremacia que os levou até a uma vitória indiscutível e por resultado não muito habitual nos embates com os velhos rivais.

Em particular evidência, Luís Amaro que venceu os dois mais votados adversários.

Resultados: Luís Amáro (Sp.) — José Alvoeiro (Bf.) 2-0, com 21-19 e 21-7; Delfim Soares (Sp.)—Nelson Cunha (Bf.) 2-1, com 9-21, 21-7 e 21-18; Óscar Lameira (Sp.) — João Rui (Bf.) 2-0, com 21-19 e 21-18; Delfim Soares — José Alvoeiro, 2-1, com 18-21, 21-9 e 21-14; e Luís Amáro — João Rui, 2-1, com 18-21, 21-17 e 21-12.

Outros resultados: Paço de Arcos-Centro Católico, 3-5; Ateneu-Ávila, 5-0; e Belenenses Intendente, 5-1.

O Sporting continua, invicto no comando da classificação, agora com mais 3 pontos que o Benfica.

organizações LUSOBOX

Coliseu dos Recreios

(RING AO CENTRO DA PISTA)

SEXTA-FEIRA, 26 DE FEVEREIRO

(Às 21,45 horas em ponto)

GALA INTERNACIONAL DE BOXE

CARLOS ALMEIDA (10 ROUNDES)

★

COSTA RODRIGUES (8 ROUNDES)

★

JUVENAL (6 ROUNDES)

(M/ 17 anos)

MADEL

o aglomerado de madeira e cimento que constrói a render

Nos maiores empreendimentos, MADEL ajuda a construir o futuro.
MADEL—em placas de dimensões rigorosas acabamentos perfeitos e fáceis de aplicar, significa economia de tempo, material e mão-de-obra.
MADEL—mais leve, versátil e resistente: não arde, não apodrece, não é atacado pela formiga branca.
MADEL—aglomerado de fibra de madeira e cimento para tectos, paredes, pavimentos, estufas, coufragem e decoração.
MADEL—isolamento térmico e absorvente sonoro. Recebe todos os tipos de acabamentos.
Pode serrar-se e moldurar-se.

Exija pormenores técnicos —sabemos responder

João Nunes da Rocha — Apartado 21 - Aveiro

Electrodomésticos IBELSA

*** Qualidade sinónimo de garantia

detergente recomendado

DISTRIBUIDORES GERAIS:

MONTEIROS & REYNOLDS, LDA.

DIVISÃO ELÉCTRICA: TELFS. 838170 - 42495

À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Sem Fiador

ALTA FIDELIDADE

DISCOTECA
RADIOS
T. V.
GIRA DISCOS
GRAVADORES
MAQ. LAVAR
LOUÇA E ROUPA
FRIGORÍFICOS
FOGÕES
ASPIRADORES
ATÉ 36 MESES

CASA MAX

193 R. D. Estefânia, 193-F

MINISTÉRIO DA SAUDE E ASSISTENCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSOS PARA O ANO DE 1971

ACESSÓRIOS PARA APARELHAGEM DE LABORATÓRIO — Conc. Público n.º 35/71

MATERIAL DE EXPEDIENTE — Conc. Público n.º 37/71

MATERIAL DE SUTURA-SEDAS E CUT-GUTS — Conc. Público n.º 38/71

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 às 12,30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas tera lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 9 de Fevereiro de 1971

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

a) Manuel Brioso Pina de Jesus

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 3 3/4%	—	—	500$
Consolidado 4%	—	—	495$
Consolidado 5 1/4%	—	—	612$
Centenários 4%	—	—	1.400$
Obrig. Tesouro 5%	—	—	1 000$
Externo série	—	580$	—
Externo série 6	600$	580$	—
Externo 3.ª Série	—	680$	—
Externo 3.ª Série 6	—	—	800$
Cautelas 3.ª Série	—	60$	—

OBRIGAÇÕES	Efec.	Compra	Venda
Aguas Lisboa 5%	—	870$	—
A. L. 5% 56	—	870$	—
A. L. 5% 58	—	835$	—
C. P. 4 1/2% 65	—	—	—
C. P. 5 1/2% 67	930$	930$	940$
C. U. F. 6%	920$	920$	925$
C. U. F. 6% 68	845$	842$	—
Gás Elect. 4% 48	—	850$	—
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	850$	—
Gás Elect. 5% 54	—	740$	—
Gás Elect. 5% 55	—	740$	750$
Gás Elect. 5% 59	—	940$	—
Gás Elect. 5% 62	—	925$	—
Gás Elect. 5% 63	—	—	—
Gás Elect. 5% 65	—	940$	955$
Gás Elect. 5% 67	—	790$	—
H. E. Alentejo 5%	—	—	745$
H. E. Cávado 5%	—	945$	950$
H. E. Douro 5%	—	745$	—
H. E. Douro 6%	950$	945$	950$
H. E. Norte Port. 5%	—	—	—
H. E. Estrela 6%	—	—	—
H. E. Zezere 5% 55	—	760$	—
H. E. Zezere 5% 57	—	760$	—
Lisnave 6%	925$	910$	930$
Metropolitano 4%	—	890$	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	680$	—
Nac. Elect. 5%	735$	730$	740$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímico 5%	—	—	—
Port. Celul. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	945$	—
Sacor 5% 60	—	860$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	730$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	730$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	730$	—
Sonefe 5%	—	700$	—
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	—
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—
U. E. P. 4%	—	88$	—
U. E. P. 4 1/2%	—	90$	—
U. E. P. 5%	71$	70$	72$
U. E. P. 5% 60	—	700$	715$
U. E. P. 5% 63	840$	840$	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua do Ouro 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7

Teleg. ALMEIRO — Telex 47 ALAP P

ACÇÕES — Bancos	Efec.	Compra	Venda
Agricultura	2.840$	2.820$	2.840$
Alentejo	1.225$	.220$	1.230$
Angola	4.030$	4.000$	4.050$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	7 700$	7 700$	7.750$
E. Santo	6.900$	6 890$	6 900$
E. Santo n	—	—	—
Fonsecas S. B.	—	24.000$	—
Fomento	—	—	2.900$
L. S. Açores B	—	—	—
L. S. Açores n	—	—	—
B. Atlântico B	6.600$	—	6.700$
Portugal n	3.300$	3.250$	3.320$
Portugal B	4.300$	4.250$	4 320$
Totta S. Açores	5 900$	5.900$	5.920$
Ultramarino n	3.940$	3.940$	3.970$
Ultramarino B	4 260$	4.250$	4,300$
Seguros			
Alentejo	149$	148$5	149$
Douro	—	—	—
Mundial	1.070$	1.065$	1.075$
Sagres	—	2.400$	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	780$	785$
Ag. Cassequel	—	600$	610$
Ag. Incomati	—	—	2.200$
Ag. Neves	—	—	—

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	225$
Boror	—	120$	50$
Buzi	—	72$	73$
Cabinda	233$	23[illegible]$	234$
Diamantes Angola	2.3[illegible]0$	2.300$	2.330$
H. E. Revué	—	6 300$	6.600$
Inc. do Príncipe	—	—	800$
Moçambique	95$	94$	97$
Sonefe A	—	427$	—
Sonefe B	437$	435$	439$
Zambézia	—	73$5	—
Diversas			
Crédito	6 850$	6.800$	6.900$
Cim. Leiria	—	4 700$	4.750$
Cim. Tejo	—	7 800$	8.000$
C. Navegação	—	.500$	550$
[illegible]	—	1.500$	.580$
Ins. Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	—	4 [illegible]00$	4. 50$
Petroquímico	—	1.580$	600$
Port. e Colónias	—	.305$	—
Port. Celulose	—	4.100$	4 [illegible]0$
Port. Pesca	—	1.100$	.150$
Port. Tabacos	—	665$	670$
Sacor	4 50$	4. 30$	4. 80$
Siderurgia Nac.	—	2.500$	2 550$
Soc. [illegible]	3 580$	3 580$	3.590$
Tabacos de Portugal	—	—	600$
Tabaqueira	—	6.400$	6.600$
U. Azoto	—	735$	760$
Agua Elect. e Gás			
Aguas Lisboa P	—	—	—
Aguas Lisboa 54	—	415$	—
Aguas Lisboa 56	—	400$	—
C. P. Electricidade	1.127$	1.226$	1. 28$
C. P. Electricidade nom	1.2 0$	.209$	.210$
C. P. Electricidade 969	—	—	—
Elect. Beiras	.700$	700$	.705$
Gás Electr.	450$	450$	450$5
H. E. Alto Alentejo	85$	85$	85$5
H. E. Norte Portugal	—	230$	235$
H. E. Estrela	—	—	—
Nac. Electricidade	—	—	—
U. E. P.	202$	200$	202$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	206$5	213$
F. I. D. E. S.	—	27$	[illegible]

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	5/2/71	11/2/71	12/2/71
GERAL	158,2	158,6	158,1
METROPOL.	153,5	154,0	153,5
ULTRAM.	192,9	192,3	191,7

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
America		
—Dólares de ...	27$90	28$40
— de 5 a 40	28$30	28$70
— de 50 a 000	28$40	28$80
Argentina — Peso Novo	5$50	7$00
Austria — Schilling	[illegible]	$ 6
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40	$4,5
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Italia — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirhan	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$ 5
Suecia — Coroa	5$35	5$65
Suiça — Franco	6$58	5$78
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	290$00	3 0$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	36$60	38$60

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de credito

RUA DO OURO, 72 Tel. 231278

PRÉDIO

À LAPA

Construção antiga, composto por 3 pisos, hab. 4 e 5 div. soalhadas, cozinha, marquise e casa de banho. Pode-se entregar um andar vago.

PREÇO — 800.000$00

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefones 369334/5/6 - 328232/3 - 361756

HOJE

(21 H 45)

BOXE

PAVILHÃO DOS DESPORTOS

A sessão que todo o público aguarda com enorme ansiedade!

★

A verdade do boxe em toda a sua plenitude e dimensão!

★

Seis homens que rompem o seu caminho através dos punhos!

★

A estreia, em ringues lusos, daquele que se espera venha a ser, a partir desta noite, o grande ídolo do boxe português: **KAKÁ!**

KAKÁ, o «peso médio» cabo-verdiano, cujo poder ultrapassa a categoria. Sobre Parragã limitou-se a dizer: «Ele que venha...»

PARRAGÃ, «challanger» ao título de Espanha

OS COMBATES PROFISSIONAIS

- **KAKA**, poderoso, agressivo, ambicioso, joga o seu futuro no boxe, frente a **MARTIN PARRAGA**, «challanger» ao título de Espanha. Combate em 10 assaltos de 3 minutos.
- **CARLOS ANJOS** («ele só é calmo até ao momento de ser atingido...») contra **JULIAN ROSELL**, «vedeta» do pugilismo espanhol. 8 assaltos de 3 minutos.
- **TONY REBELO**, um dos mais temperamentais «boxeurs» portugueses, frente a **GUILHERME PEREZ**, tido como a ultima grande revelação do País vizinho. 8 assaltos de 3 minutos.

AMADORES

- A sessão abre com dois combates entre amadores **GOUVEIA** contra **GALVEIA**; **BELARMINO** contra **ROMANO**

(Para maiores de 17 anos. Bilhetes à venda na A. B. E. P. (Restauradores) e nas bilheteiras do Pavilhão dos Desportos).

Uma organização

LISBOABOXE

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita, consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

NAZARÉ

AMÁVEL SILVÉRIO MAFRA FIDALGO

Agradecimento

Sua viúva e mais família manifestam o seu profundo agradecimento a todos aqueles que directa ou indirectamente os acompanharam na sua grande dor.

Laura Freire da Silva Fidalgo
Maria Cecília da Silva Fidalgo de Oliveira Leandro
Capitão Alfredo João de Oliveira Leandro
Laura Maria da Silva Fidalgo Marques Damas
Comandante Manuel Duarte Freire Marques Damas
Engenheiro Lélio da Silva Fidalgo
Dr.ª Maria Júlia Silva Cabral Fidalgo
Capitão Fernando da Silva Fidalgo
Maria Amália Rodrigues Fidalgo
Jaime da Silva Fidalgo
Anabela Paiva Marques da Silveira Fidalgo
Élio da Silva Fidalgo
Dr.ª Maria Fernanda Martins Vaz da Silva Fidalgo

C. P.—INTERCONTAINER

TRANSPORTES INTERNACIONAIS DE TRANSCONTENTORES POR CAMINHO DE FERRO

A COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, além de ter aderido à **INTERCONTAINER**, organização internacional com Direcção-Geral em Basileia, Suiça, assumiu também a sua representação em Portugal, pelo que está apta a efectuar transportes internacionais de grandes contentores por caminho de ferro.

Para o trasporte do seu transcontentor em tráfego directo — import/export — entre os principais paises da Europa, consulte:

GABINETE DO TRAFEGO DE CONTENTORES

Departamento Comercial da C. P.

Rua Vitor Cordon, 45 — LISBOA-2

Telef. 367226 / 367236 / 367237 / 366935 e 366945

SR. CAPITALISTA

Faça progredir o seu capital com um bom e seguro rendimento, investindo-o com sólidas e reais garantias em HIPOTECAS de propriedades.

ORCOSI

Rua 1.º Dez.º 45-3.º, Esq. — Lisboa — Tel. 323172/367444

PRÉDIOS

Vendem-se 2 no Barreiro. 1.000 contos cada. 4 pisos. 8 inquilinos. Acabados de construir. Todos alugados.

Trata o próprio:

Pelos telefs.: 236822 (às horas de expediente)
[illegible] (depois das 20 h.)

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54158
HOJE, ÀS 21.30 — ESTREIA
Um «Festival» de Gargalhada

SELVA, MULHERES E MACACOS

Às 15.15 e 18.15 — Últimas exibições — (M. 12 anos)
AVENTURAS DE GERARD

DOMINGO DE MANHÃ
ÀS 11 HORAS
CINEMA COM CRITÉRIO
«WEST SIDE STORY»
(Amor Sem Barreiras)
Bilhetes à venda: 15$00
Patrocínio do Cine Clube Católico (M. 17 anos)

MONUMENTAL

(Adultos) Tel 555131
Às 15 e 21 horas
8.ª SEMANA
Uma historia de amor filmada por David Lean

A FILHA DE RYAN

com Robert Mitchum

QUINZENA
NOVOS REALIZADORES

Hoje — M. 12 anos — 18.45 h.
MILIE, RAPARIGA MODERNA, de George Roy Hill com Julie Andrews e James Fox

BERNA

(M. 12 anos) Tel 776098
Às 15.15, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA DE ÊXITO!
John Philippe Law, Mimsy Farmer e Claudio Gora vivem nas famosas estepes russas uma grande e inesquecível historia de amor

STROGOFF

Panavision e Technicolor
Nova versão do imortal romance de Julio Verne
(À Av. Marquês de Tomar)

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel 326305
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
UM FILME DE VIOLENTA ACÇÃO ESPECTACULAR

O VINGADOR

com Anthony Steffen e Evelyn Stewart
A justiça da sua pistola só acabou quando reaperou o seu nome e a sua mulher...
— Eastmancolor —

CONDES

(Adultos) Tel. 322523-326710
ESTREIA — Às 21.45

HERÓIS POR CONTA PRÓPRIA

com Clint Eastwood, Telly Savalas, Donald Sutherland
Às 14, 16.30 e 19 horas:
O CARNICEIRO (Adultos)

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Um «western» diferente, no bom estilo americano
JAMES GARNER em

VIAGEM PARA O INFERNO

(C/ Aman Jalled Sledge)
Technicolor

AVIS

(Adultos) Tel 47163
Às 15.30 e 21.45
7.ª SEMANA
O filme que divorciou Vadim de Brigitte Bardot

E DEUS... CRIOU A MULHER

Jean-Louis Trintignant e Curd Jurgens
EASTMANCOLOR SCOPE

ODEON

(M. 12 anos) Tel 320263
EM 2.ª SEMANA
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Joselito e Camardiel no filme musical

AVENTURA NA CIDADE

Hoje no palco — só á noite
«JOSELITO SHOW»
com o conjunto angolano
AFRICAN'S BOYS
e o guitarrista de flamengo
AQUILINO SAAVEDRA

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
CASAMENTO À AMERICANA
DEZ MIL DÓLARES PARA UM MASSACRE

LIDO

(M. 17 anos) Tel 44459
Às 21.30 h
Em continuação de Estreia, o filme de Claude Chabrol

O CARNICEIRO

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
ESTREIA — Hoje, ás 21.30
Eastmancolor
NATHALIE DELON em

A MÃO

Às 15.15 e 18.15 — Últimas exibições — (Adultos)
«O RÉPTIL»

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480
ESTREIA — Hoje, ás 21.45
Eastmancolor
NATHALIE DELON em

A MÃO

Às 15.45 — Últimas exibições
«O RÉPTIL» — (Adultos)

ROMA

(Adultos) Tel 727778
Às 15.30 e 21.45 h.
3.ª SEMANA
Um filme de emoção

ÚLTIMO DOMICÍLIO CONHECIDO

com
Marlene Jobert Lino Ventura
Eastmancolor

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
Em continuação de estreia, hoje, ás 21.30
ANTHONY QUINN em

O ÚLTIMO GUERREIRO

Às 15.15 — Última exibição
MONTE WALSH (M/12 anos)

SÁBADO E DOMINGO
Às 18.15 — Matinées Infantis
(M. 6 anos)
Rir até ás lágrimas
FESTIVAL TOM E JERRY
em Cinemascope
As melhores, as mais alegres, as mais sugestivas e hilariantes façanhas dos célebres Tom e Jerry, o rato e o gato

VOX

(M. 12 anos) Tel [illegible]
Às 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA TRIUNFAL!
Albert Finney, Colin Blakely e Lita Minnelly num dos mais qualificados e apaixonantes filmes da temporada!

UM HOMEM E A SUA HISTÓRIA

(o famoso «Charlie Bubbles»)
em TECHNICOLOR
Junto à Av. de Roma

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50505
Às 9.30 da noite
MELINA MERCOURI
no célebre filme de Jules Dassin

A PROMESSA

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel [illegible]
Às 15.30, 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
Um filme romântico

O SILÊNCIO DO AMOR

com Marie Dubois e Matthieu Carrière
EASTMANCOLOR

ROYAL

(M. 17 anos) Tel [illegible]5937
Às 21 horas
O FALHADO
com Oliver Reed e Orson Welles
BRIGADA ANTIGANG
com Robert Hossein

RESTELO

(M. 17 anos) Tel 6103075
Às 21.30

O SENHOR DAS ILHAS

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
A maioria dos homens a deseja... mas há um que a quer matar!
RAQUEL WELCH em

PERSEGUIDAS NA ESCURIDÃO

Metrocolor

ESTÚDIO

(Adultos) Telef 555121
6.ª SEMANA
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Segundo a obra de Dostoiewski — Um filme de Robert Bresson

UMA MULHER MEIGA

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos)
Às 17 e 21.30

JOGO PERVERSO

com Anthony Quinn, Claudice Bergen, Michael Caine e Anna Carina
Amanhã, ás 15.30 (M/6 anos)
Matinée Infantil — Obras-primas de Walt Disney
OLÁ AMIGOS

MUNDIAL

(Adultos) Telef 538748
Às 15.15, 18.30 e 21.45
5.ª E ÚLTIMA SEMANA!
Julie Andrews e Rock Hudson pela primeira vez juntos numa alta comedia musical

DARLING LILI

Panavision e Technicolor
O mais surpreendente sucesso da nova temporada

Metro Estação Picoas

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 18560
OS CAVALOS TAMBÉM SE ABATEM
LOUCA JUVENTUDE

LUMIAR

(Adultos) Tel [illegible]
Às 21 horas
JOHN E MARY
UM MALUCO EM ÓRBITA

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel 320917
PROVEM O SANGUE DE DRÁCULA
COM A MINHA MULHER NÃO!

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «O Inocente» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A Casa das Cabras» (17 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A Cozinha» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo» (6 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Santo e a Porca» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «O rei está a morrer» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Querida mamã» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «O Espadachim da Capa Negra» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Um lugar no Inferno» (17 anos)
ARCO IRIS — Às 21: «A víbora amarela» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: Mark Donen, agente Z 7 (12 anos).
PARIS — Às 21: «Nunca foram vencidos» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Sugar Colt» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «O passageiro da chuva» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Milagre de Milões» (12 anos)
PARIS — Às 21: «Nunca foram vencidos» (12 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Gigantes do Inferno» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Jogo Perverso» (17 anos)
ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30: «Olhos na noite» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «My Fair Lady» (12 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Stiletto» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 45: «Dois Contra o Texas» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Os 6 Invencíveis» (12 anos)

● Outra banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Doutor Jivago» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Com a Corda na Garganta» (17 anos)

● PORTO

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «O Preço».

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «O último adeus» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Mais morto que vivo» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «A filha de Ryan» (17 anos)
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «O Escroque» (12 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Quatro casos de amor» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «Os outros têm cometa» (12 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «O Processo» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Luadere Jose» (anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Cada bala tem um nome» e «Os guerreiros do Sahara» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Estes simpáticos cavalheiros do gatilho» (17 anos)
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «O Bom Pastor» (12 anos).
NUN'ALVARES — Às 21 e 30: «Para além das montanhas» (17 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «A vida íntima de Sherlock Holmes» (17 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «Requiem para um desconhecido» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Nunca foram vencidos» (12 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

ALCÂNTARA — Vieira, Rua Prior do Crato 74 (tel 660187).

ALFAMA — Pereira Suc., Rua do Paraíso, 88-100 (tel 863224)

ALMIRANTE REIS — Cândido Monteiro, Avenida Almirante Reis, 2-B (tel 45751); **Góis Suc.**, Rua dos Anjos, 2-C (tel 840101).

ALTO DO PINA — Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (tel 728277)

ALVALADE — Senex, Avenida da Igreja, 31-C (tel 776905); **Aeroporto**, Avenida Almirante Gago Coutinho, 01-D (tel 722384); **Rio de Janeiro**, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (tel 72409)

AMEIXOEIRA — S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, (ás Galinheiras) (tel. 790969)

AREEIRO — Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel 777478)

AVENIDAS NOVAS — Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (tel 44995); **Cruz Nunes**, Praça Duque de Saldanha, 4 (tel 418845); **Novais**, Avenida Luís Bivar, 11 (tel 44324)

BAIRRO ALTO — Pinheranda, Rua da Rosa, 94 (tel 32534).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascensa, Rua 27 n.º 4 (tel. 31216)

BAIXA — Lima Amaro, Praça da Alegria, 27 (tel 321149); **Veledas**, Rua da Madalena, 235 (t 326260); **Cortez**, Rua de S. Nicolau, 93 (Tel 325378)

BELÉM — Gomes, Rua da Junqueira, 326 (tel 638193); **Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (tel 61454)

BENFICA — Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-A (tel 704828); **Ribeira**, Estrada da Luz, 199 (tel 780969)

CAMINHOS DE FERRO — Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (tel 381279)

CAMPO GRANDE — Cabrita, Campo Grande, 220 (tel 772397)

CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131 (tel 686640); **Urbano de Freitas**, Rua Silva Carvalho, 5 (Telef 662838); **Elma**, Rua Maria Pia, 358-A (tel. 686176)

CAMPOLIDE — Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (tel 684424)

CONDE REDONDO — Sales, Rua Luciano Cordeiro, 73 (tel 42239)

ENTRECAMPOS — S. Miguel, Praça Francisco Morais, 1 (tel 771469)

ESTEFÂNIA — S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A e 32-B (tel 534027).

ESTRELA — Tagus, Praceta da Rua Possidónio da Silva, 62-A (tel 669485); **Rodrigues & Aires**, Rua da Lapa 54 54 (tel 662246)

GRAÇA — Branquinho, Rua de Sapadores 87 (tel 842725

LUMIAR — Central, Rua do Lumiar, 77 (t 790480)

MARQUÊS DE POMBAL — Ribeiro & Castro, Lda., Rua Braamcamp, 52-C (tel 43409)

OLIVAIS — Antunes Rosas, Praça Cidade do Luso, lote 199 (Olivais-Sul) (tel 318610); **Central**, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7 C (Olivais-Norte) (t 315539)

PALHAVÃ — Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (tel 761035).

PAMPULHA — Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16 (tel 69059)

PICHELEIRA — Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (tels. 728395-720703)

RESTELO — Belém, R. Tristão Vaz, 10-A (á encosta do Restelo) (telefone 612248)

SANTO AMARO — Dilema, Rua Aliança Operária, 49 A (tel. 636620); **Costa**, Rua dos Lusíadas, 32 (tel 636704)

S. BENTO — Confiança, Praça das Flores 59 (tel. 327790)

S. PAULO — Africana, Rua Bernardino Costa 45 (tel 327901).

S. PAULO — Africana, Rua Bernardino Costa, 45 (tel 36920)

SETE RIOS — Curie, Av. Madame Curie, 15-A (tel 778439)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto Silva 8 (Telef. 212048)

CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro [illegible] (Tel 4[illegible])

PAÇO DE ARCOS — Inês de Castro [illegible] 186 (Tel 2432034)

OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis 98 (Tel 2430090

PAREDE — Assit. B. das Caixas de Previdência, Bloco A (T 2472948)

ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Telef 26186

MONTE ESTORIL — Ostende — R. de Sagres, 1 (Tel 260391).

CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento 19, n.º 14 (T 280 4[illegible]) * **Cascais**, R. Conde de Monte Real 9 (Tel [illegible])

S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (Tel 263052)

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora — P. 28 de Maio, 3-A (Tel 935518); * **Carmelo** — R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel 933303); * **Helénica** — R. Elias Garcia, 2 (Tel 933613); * **S. Jorge** — R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (Tel 938703)

DAMAIA — [illegible], R. [illegible] (T [illegible])

QUELUZ — Zeller — R. [illegible] (Tel 950045) * **Correia** — Largo do Mercado (T 950905).

CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (Telefone 2940034

MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins 285 (Tel 29 00 2[illegible]).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456).

SINTRA — Misericórdia — L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel 98039)

COLARES — Colares — Azenhas (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — R. Coronel Ramos da Costa [illegible] (Tel 234 37)

ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa 8 (Tel [illegible])

ALMADA — Mesquita Henriques — R. Bernardo Francisco da Costa [illegible] (tel 271297).

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Estrada Nacional, 14 (Tel 224302

BARREIRO — Marta — R. do Lavradio 11-C (T 22[illegible]4)

COVA DA PIEDADE — Atlântico, Junto do Pombal (Tel [illegible]436)

MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga (Telef 239025)

MONTIJO — Montepio — [illegible] (Tel 30045.

SESIMBRA — Lopes — Rua Cândido dos Reis 5 (Tel 229028)

SETÚBAL — Bocageana — R. [illegible] (T [illegible]3425 * **Barros** — B. Santo Nicolau (Tel 23330)

SEIXAL — Soromenho, Rua Paiva Coelho, 38 (Tel 2218560)

PORTO

Aliança, Rua da Conceição, 2 (Tel 24203) * **Bonfim**, Rua do Bonfim, 13 (Tel 52444) * **Cardosos dos Santos**, R. D. Manuel II (Tel 27 88) * **Correia**, P. Mouz. de Albuquerque, 50 (Tel 60869 * **Cosme**, Rua Costa Cabral 584 (Tel. 4[illegible]) * **Ferreira**, P. D. Afonso V, 55-B (Tel 681975) * **Ferreira de Carvalho**, Rua do Bonjardim, 354 (T 27640) * **Gomes Ferreira**, Rua Faria Guimarães, 449 (Telefone 41907) * **Henriques**, P. da Batalha, 64-64-A (Tel 25173) * **Lemos Francesa** Rua de Sá da Bandeira, 140 (Tel 26134) * **Moreno, Lda.**, L. de S. Domingos, 44 (Tel 23545) * **Porto**, P. da República 22 (Tel 20294) * **Prelada**, Rua Central de Francos 316 (Tel 643121) * **S. Diniz**, R. de S. Diniz, 428 (Tel 4228) * **Campos**, R. P. L. Cabral, 943 (Foz) (Tel 680113).

● COIMBRA

Cruz Viegas — Rua do Brasil (tel 22961) * **Donato** — Rua Ferreira Borges (tel 22603) * **Rainha Santa** — Rua da Figueira da Foz (tel. 24737).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O funeral de Lima Basto constituiu sentida manifestação de pesar

Muitas centenas de pessoas de todas as categorias sociais incorporaram-se esta manhã, no funeral do prof Lima Basto. O féretro saiu do Instituto Português de Oncologia (de que o extinto era director clínico) para o Cemitério Inglês.

A urna com os restos mortais do presidente da Liga Portuguesa contra o Cancro, era precedida por um veículo funerário que transportava dezenas e dezenas de coroas de flores, algumas das quais enviadas de distantes pontos do País.

Foi necessário mais de uma hora para o escoamento dos automóveis que, do I. P. O., se dirigiram para o cemitério acima mencionado.

O sr. almirante Américo Thomaz fez-se representar no funeral pelo secretário-geral da Presidência da República, dr. Luís Pereira Coutinho, e o Presidente do Conselho pelo dr. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação.

Do Governo estiveram presentes os ministros da Educação Nacional, das Corporações e das Finanças (este representado pelo secretário); secretários de Estado da Saúde e Assistência e da Aeronáutica; etc.

Quase todo o corpo diplomático acreditado em Lisboa se fez representar no funeral.

Estiveram também presentes, entre outras individualidades, o presidente da Câmara Municipal e o chefe do distrito; dr Oliveira Carvalho, juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça; dr. Pinto Barbosa, administrador do Banco de Portugal; directores de vários bancos; dr Ramiro Valadão presidente do conselho de administração da R. T. P.; dr. Francisco Cortez Pinto, pela Associação Industrial Portuguesa; brigadeiro Fernando de Oliveira; profs António Palma Carlos, Celestino da Costa, Ducla Soares, Barahona Fernandes, etc.

Outros nomes: dr. Rafael Ribeiro, director da Zona Hospitalar do Sul; dr. Bruto da Costa; dr. Cancela de Abreu, director do Instituto Nacional do Sangue; e dr. Francisco Cambournac, director da Escola Nacional da Saúde Pública e de Medicina Tropical, e dr. Ribeiro dos Santos.

Muitos eram os jornalistas incorporados no funeral bem como homens da Rádio e da Televisão.

Parte do pessoal do Instituto Português de Oncologia aguardou a urna no Cemitério Inglês, com flores nas mãos e lágrimas nos olhos.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava pouco nublado ou limpo excepto no Algarve onde estava muito nublado. O vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Lisboa, 6°,7; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, —3°,6.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 3°; Penhas Douradas 3°; Coimbra, 0°; Portalegre, 9°; Lisboa, 10°; Faro, —; Funchal, 5°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera: 11° na água do mar: 13°,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Nas regiões do Norte e Centro, céu limpo ou pouco nublado; formação de geada nas terras abrigadas do interior; nas regiões do Sul, céu com períodos de muito nublado, possibilidade de aguaceiros fracos; em todo o território vento fraco ou moderado de Leste.

Amanhã
Nascer ás 8 e 32
Ocaso ás 19 e 11

Dia 18 Dia 25 Dia 4 Dia 12

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 5 e 51 (4,6 m), 08 e 09 (3,8 m) **Dia 13** — 6 e 20 (3,9 m); 18 e 29 (3,7 m) **Dia 14** — 6 e 43 (3,8 m); 18 e 58 (3,6 m).

BAIXA-MAR: **Hoje** — e 21 (1,0 m); 23 e 18 (1,0 m) **Dia 13** — 11 e 38 (1,0 m); 23 e 45 (1,0 m) **Dia 14** — 12 e 04 (1,1 m).

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Só é possível uma boa continuidade de fornecimento de energia eléctrica, efectuando constantes trabalhos de reparação e ampliação das nossas redes.

Por isso, no próximo Domingo, será interrompida a corrente para trabalhos urgentes, nos Sectores e Zonas seguintes, durante as horas abaixo indicadas:

1.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Cd.ª do Galvão, Trav. do Galvão, Rua das Terras, Rua Domingos Tendeiro, L.º do Figueiredo, Rua da Correnteza e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

4.º Sector — Rua Professor Reinaldo dos Santos Estrada de Benfica entre Av.ª Marechal Carmona e Est.ª do Calhariz de Benfica. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Rua 1.º de Dezembro 2 a 2-C, P.ª D. Pedro IV 16 a 26 seguidos. (Das 8 ás 12 horas).

9.º Sector — Rua Gualdim Pais e imediações, Trav. da Amorosa, Est.ª de Chelas (parte). (Das 8 ás 12 horas).

10.º Sector — Est.ª das Amoreiras á Charneca Quinta da Vinha Galega e imediações, L.º Defensores da Republica. (Das 8 ás 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras. ALGÉS:** Parque Anjos, Rua de Olivença, Rua João Chagas e imediações. (Das 9 ás 15 horas).

2.ª Zona — **LINDA-A-VELHA:** Rua Fontes Pereira de Melo, Rua do Malvar Est. das Biscoitaras, Est.ª da Rocha, B. da Bela Vista, Impasse de St.ª António e imediações. (Das 8 ás 15 horas).

3.ª Zona — **OEIRAS:** Rua Desembargador Faria e imediações. (Das 8 ás 15).

4.ª Zona — **Concelho de Sintra:** Ribeira de Sintra, Fonte da Prata e imediações (Das 8 ás 15 horas).

5.ª Zona — Chão de Meninos, São Pedro de Sintra e imediações. (Das 8 ás 15 horas).

6.ª Zona — S. Marcos (Das 10 ás 15 horas).

7.ª Zona — **Concelho de Cascais: CASCAIS:** Rua Tenente Coronel João Luís de Moura, B. dos Bem Lembrados e imediações (Das 8 ás 15).

8.ª Zona — **ALTO DO ESTORIL:** Rua Afonso Henriques, Rua da Inglaterra Rua do Brasil e imediações (Das 8 ás 15 horas).

9.ª Zona — **PAREDE:** Rua 1.º-Rua A, Quinta do Alto da Parede, Mato Largo e imediações. (Das 8 ás 15 horas).

10.ª Zona — **Concelho de V. F. de Xira: POVOA:** Rua da Republica e imediações. (Das 7-30 ás 14 horas).

11.ª Zona — **Concelho de Alenquer: ALENQUER:** Pedrógão, Santa Catarina; Paredes. (Das 7-30 ás 14 horas).

RUA TOMÁS ALCAIDE

Na terça-feira, ás 15 horas, efectua-se o descerramento da lápida toponímica da Rua Tomás Alcaide, na Malha 1 de Chelas. A cerimónia, organizada, com o patrocínio da Câmara, por uma comissão constituída para o acto inaugural assistirá o presidente do município.

De vez em quando

Andar de automóvel em Lisboa, nas chamadas horas de ponta, começa a ser uma séria e longa aventura. Para percorrer sete quilómetros, entre a Avenida da Igreja e a Rua Luz Soriano, por exemplo, gasta-se o melhor de trinta e cinco minutos. Claro que isto não é novidade para ninguém e se trazemos o assunto a lume é só para perguntar a quem de direito: que está a fazer-se CONCRETAMENTE, para solucionar o problema? Mas, por favor, não me respondam com vagas promessas — um viaduto de discutíveis vantagens, uma «onda verde» que de tanto esperar possivelmente já mudou de cor, um sentido proibido aqui, um sinaleiro além. Acabemos com as panaceias. Se cá por casa só houver «clínicos gerais», não hesitem: chamem um «especialista» estrangeiro. O trânsito de Lisboa está gravemente doente. Já lá não vai com mezinhas. É preciso recorrer ao bisturi.

V. D.

REPORTAGEM DO IV RALLYE TARGA

(AUGUSTO VILELA)

motor

SAIU ONTEM

NESTE NÚMERO:

- Mudou-se a face da Terra para se testarem os «Vauxhall» (AVELÃS COELHO e MARIA DO CÉU)
- Luanda vai ter um Autódromo (ARTUR FERREIRA)
- O «Peugeot 304» em Portugal
- Como nasce uma carroçaria (PINA DA SILVA)
- Karting: falemos de equipamento (HERLANDER GARCIA)
- Página de Aviação (ALVES SARAIVA)
- Noticiário e as habituais secções

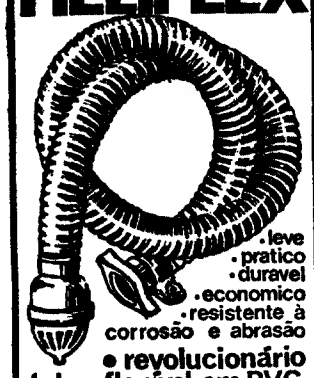
motor ensaio

BMW 2800

(PHILIPPE TOUSSAINT)

28 PÁGINAS **PREÇO: 2$50**

HELIFLEX



• leve
• pratico
• duravel
• economico
• resistente à corrosão e abrasão
• revolucionário

tubo flexível em P.V.C. para moto-bombas

Fabricado por — **HELIFLEX PORTUGUESA L.da**
AVEIRO - APART. - 130
Lisboa - R. Cor. Bento Roma, 12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

RELÓGIOS ÓMEGA
TODOS OS MODELOS
agência oficial especializada
Ourivesaria Pimenta
RUA AUGUSTA, 255—LISBOA

BAB

BIBLIOTECA ARCADIA DE BOLSO

UMA BIBLIOTECA EM PERMANENTE ACTUALIZAÇÃO

A BAB, no oitavo ano de existência, é uma colecção destinada a todo o público e cobre a generalidade dos interesses culturais do homem moderno. Criada em função da era em que vivemos, o seu formato de bolso permite uma boa utilização do espaço exíguo de que hoje dispomos. As suas características enciclopédicas resumem ao essencial e ao indispensável o tempo consagrado à leitura, considerando igualmente o poder muito importante do poder de compra. Vindo a abranger todos os ramos do conhecimento, a BAB pretende informar em termos concisos, claros e actuais com o objectivo progressivo de inventariar a cultura universal

O LIVRO DA QUINZENA

REMÉDIOS PARA A VIDA MODERNA

pierre vachet

O autor de «A Mulher, esse Enigma» e «Viva com Saúde» descreve-nos nesta sua obra o drama do homem moderno, obrigado a viver num turbilhão cujo ritmo não cessa de se acelerar e o nervosismo contemporâneo de que todos, mais ou menos, somos vítimas. Quase esgotando o assunto na multiplicidade dos seus motivos, Vachet ensina-nos depois de como nos devemos proteger dessas «agressões» e aconselha-nos algumas regras de uma nova arte de viver indispensável à preservação do nosso «capital-saúde».

Vol. 184/5 — 30$00

os bónus da quinzena

PASTORES DE ASPROMONTE
CORRADO ALVARO
Vol. 17 — 15$00

A ESCULTURA GREGA
GIOVANNI BECATTI
Vol. 49 — 15$00

FORMAR, SEM DEFORMAR, UMA CULTURA VIVA

PEÇA O PROGRAMA GRATUITO DA BAB PARA 1971 EM QUALQUER LIVRARIA OU DIRECTAMENTE A ESTA EDITORA

ARCÁDIA S. A. R. L.
Campo de Santa Clara, 160 — Lisboa 2

MESA REDONDA

Funcionalismo e pensão de sobrevivência

Uns têm outros não

O NOSSO LEITOR JOAQUIM PEDRO DA CONCEIÇÃO, de Coimbra, *modesto funcionário que vive angustiado com a ideia de deixar a mulher na miséria*, escreve-nos a recordar a necessidade de focarmos o problema das pensões de sobrevivência para os servidores do Estado, interpretando o sentimento unânime de todos os seus colegas. Aqui está um daqueles assuntos que é preciso não esquecer, neste tempo em que, segundo afirmou na Assembleia Nacional o deputado Lopes Frazão, em 20 de Janeiro último, estamos tão habituados a ouvir falar de milhões enquanto na bolsa de tantos zelosos trabalhadores do Estado, tilintam uns magros tostões que nem dão para pagar a renda de casa. O problema da retribuição insuficiente à imensa maioria dos funcionários públicos (onde está a validade, face ao encarecimento da vida, dos parcos aumentos de 1969?), agravado pela demora da anunciada reforma administrativa, torna-se mais agudo, dramàticamente angustiante na ausência da pensão de sobrevivência para os familiares directos, em caso de falecimento do funcionário.

Ora, também aqui os contratos de trabalho com o Estado fogem ao espírito e à realidade da própria lei geral do trabalho. A pensão de sobrevivência é obrigatória para os servidores de empresas particulares, através de taxas e descontos fixos e obrigatórios. O exemplo colhe, igualmente, no que respeita ao sector dos professores eventuais, que aqui temos abordado: também estes estão sujeitos a um regime de trabalho que é a negação dos direitos conquistados e reconhecidos à maioria dos trabalhadores em todo o mundo.

Acontece, ainda, que dentro do funcionalismo público há diferenças incompreensíveis e perfeitamente injustas: há ministérios e serviços onde existe pensão de sobrevivência, onde existem bons ou razoáveis serviços médico-sociais, onde funcionam processos de regalias que grande parte do funcionalismo não goza.

É difícil arranjar o dinheiro, reconhece-se. A ânsia e a necessidade de progresso tem de ser paga por alguém. De lamentar é que sejam sempre os mesmos. E é discutível que possa haver progresso autêntico sem progresso social. Todos sabemos que a conquista de melhorias para a vida do funcionalismo público tem de ser feita à custa de agravamentos fiscais. Aqui, todavia, um parêntese se impõe: é tempo de ser feita justiça no esquema de tributação. O ano passado, foram isentos do pagamento de imposto profissional os trabalhadores que ganhem menos de 30 contos anuais, enquanto os outros, aqueles que lutam, sabe-se bem com que sacrifício, por uma vida minimamente equilibrada, viram os seus impostos agravados, tendência que este ano foi ainda mais vincada. Enquanto isso, que acontece com as grandes acumulações de capital? Que sucede àqueles que vão fazendo sair divisas do País, dinheiro que vai tornar mais fácil a vida de outros? Comparemos, mediante uma simples regra de três, a tributação fiscal imposta a um trabalhador que ganhe setenta contos por ano (e que são eles na Lisboa de hoje?) e a que o é a um outro português que tenha rendimentos anuais de setenta mil contos. E veremos a diferença, a razão por que, talvez, os milhares e milhares de servidores do Estado continuam a ganhar mal e a sofrer de insónias quando, por força das circunstâncias, pensam no futuro, na mulher e nos filhos

A. P. da S.

Temas para um debate

Democratização e «democratização»

HELENA NEVES

«Um sistema de ensino adequado é a primeira condição para o desenvolvimento»

«Democralização», eis uma das palavras mais em voga a propósito do Projecto sobre a Reforma do Ensino. Entende-se essencialmente como causa deste clima de esperança democrática, o acesso de mais vastas camadas de população ao ensino. A mesma ilusão animou a reforma de Edgard Faure, quando em eloquentes discursos, este ministro rebatia aos «princípios de selecção da entrada nas faculdades. Assim, a 10 de Outubro de 1968, o senhor Faure declarava: «a selecção não significará a ruptura explícita da lei e do compromisso implícito que o Estado tomou para com todos aqueles que conduziram os filhos para o ensino secundário? Como explicaremos a estes pais que lhes recusamos o acesso anteriormente prometido? As vítimas não serão as famílias deprovidas de dinheiro ou de relações? A selecção não significará a ruptura do compromissos tomado pelo Estado depois da Libertação quando encorajou a natalidade?. Aos jovens que nos batem á porta, iremos responder que o ensino não foi concebido para grandes números e que a França não tem dinheiro? A questão mantinha-se no simplismo característico das brilhantes frases demagógicas: grandes efectivos de alunos = democratização em marcha: O Figaro anunciava-o expressamente a 7 de Maio de 1968: «a democratização está em marcha e nós esperamos este ano 10% de operários na Universidade». Também Robert Bréchon, reitor dito progressista, autor de uma obra celeumática «Le Fin des Lyedes» (O Fim dos Liceus), referia as futuras unidades de ensino de gestão totalmente democráticas «dentro do ensino» esclarecendo simultâneamente que o objectivo do mesmo e reformar especialistas (não diz que especialistas ao serviço de quem e de quê..).

Nesse momento, vozes se ergueram numa conclusão actual além fronteiras «A escola é utilizada como um meio de planificação social para adaptar a estrutura da população activa francesa aos imperativos da economia».

Diz o ministro Vega Simão: «o objectivo é o de garantir a todos os portugueses uma maior formação básica e proporcionar uma igualização progressiva nas condições culturais de ingresso nos diferentes graus de ensino» e noutro passo da sua exposição: «...a concepção das estruturas educativas deve atender não só ás capacidades e propensões de cada indivíduo, mas permitir também a obtenção de qualificações concretas para um exercício profissional socialmente dignificado e útil». Esta linguagem suficientemente clara e objectiva não pode ser responsabilizada pela criação de ilusões democráticas. Também em França, aqueles que acreditavam na reforma do ensino não deixaram de, aqui e além, serem suficientemente claros nas limitações inevitáveis. A «democratização de que Bréchon fala prepara o indivíduo «para entrar na vida activa, isto é, no ciclo da produção de bens e serviços». E Faure, declarou várias vezes que a democratização não era uma questão de número, mas de organização, de pedagogia, de conteúdo de ensino. É sobre este conteúdo que o projecto da «nossa» reforma é tão parco em esclarecimentos e esperanças de alteração. No entanto, não era por uma mutação de conteúdo (seria essa mutação possível?) Que nós sairíamos da Universidade, todos «democratizados...».

Enfim, as críticas á reforma supõem, na maioria dos casos, um princípio errado, baseando-se na ficção de que a reforma poderia ser diferente do que é. Todo o sistema de ensino supõe uma opção política, e como tal, a actual reforma que se avizinha no ensino português, é a única reforma possível.

Nascida pelas exigências postuladas pela integração europeia, procurando abrandar pressões latentes, e resolver problemas de uma economia que se pretende em expansão, esta reforma aparece como a adequada a uma sociedade industrial em busca de «maturidade». É esta ideologia de «maturidade» e «desenvolvimento» que se detecta nas preocupações do eng. Rogénio Martins «quando lembra que, em 1960, «do conjunto de pessoas que trabalham no total da nossa indústria, mais de 64% eram operários não qualificados e apenas 0,9% dirigentes e quadros superiores; e que destes só 18% tinham cursos universitários e havia 37% apenas com instrução primária», e concluiu «pela importânc a verdadeiramente histórica, que mesmo sob uma óptica, exclusivamente desenvolvida, tem o recente anúncio por parte do senhor ministro da Educação Nacional do seu plano de reforma integral do sistema educativo português».

O que não impede de quanto ao futuro, a reforma permaneça uma incógnita».

Prof. Mário Silva

Aos setenta anos de idade, o prof. Mário Silva, que foi o mais jovem académico, um dos mais jovens catedráticos e dos mais brilhantes cientistas portugueses deste século, volta ao lugar que por direito lhe deveria pertencer sempre: a sua cátedra na Universidade de Coimbra.

(Ler em «Nós escolhemos», na pág. 5)

OUTROS TEMAS EM DEBATE

UMA DÉCADA HISTÓRICA

A década de sessenta ficará gravada de maneira dramática na história de Portugal. Por muitas razões, algumas das quais são expressivamente apresentadas num livro recente do economista Sérgio Ribeiro. Desse problema (e do referido livro) nos ocupamos (pág. 3).

PORQUE SE UNEM OS JOVENS

Nunca como agora os jovens tiveram tão vincada consciência da necessidade de viverem em comunidade. Sobre o como e o porquê desse magnífico fenómeno, escreve Helena Neves na pág. 5 deste número de «Mesa-Redonda».

PROBLEMA HABITACIONAL DOS UNIVERSITÁRIOS

Para onde vão as «Repúblicas» tradicionais dos estudantes de Coimbra? Que pensam os interessados, neste tempo de crise, das condições de habitação ao seu alcance no segundo centro universitário do País? Nas páginas centrais, publicamos uma mesa-redonda que poderá esclarecer muita gente, ao mesmo tempo que desfará equívocos que não aproveitam a ninguém.

ASSIM VAMOS NÓS

Regionalismo

O «Jornal Português de Economia e Finanças» incluiu no seu último número, um artigo de Renato de Caldevilla, «Norte. As possibilidades da Indústria», *onde se afirma a certo passo:*

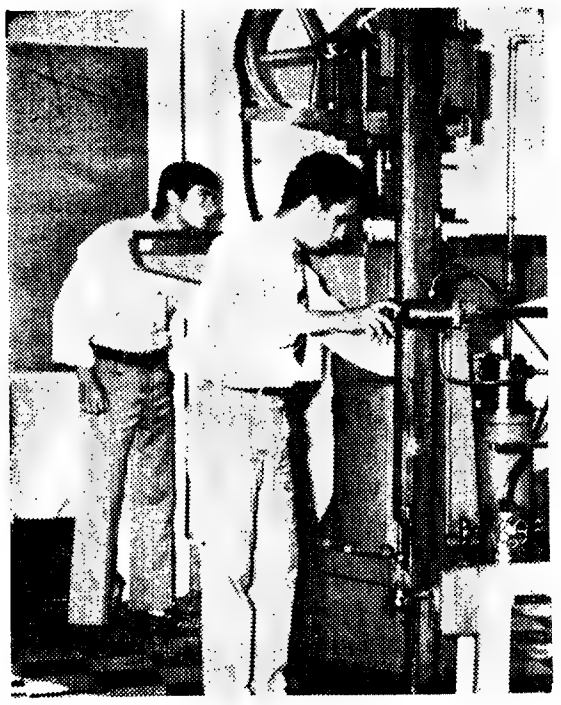
«O problema económico do Porto e da zona de influência desta cidade equaciona-se por um lado, na falta de capitais agravada pelo facto dos capitais existentes não se agruparem em núcleos mais poderosos e influentes, capazes de fomentarem a criação de empresas a nível europeu de concorrência e, por outro lado, na desconfiança atávica que o nortenho tem de ser relegado para um plano secundário pelos seus próprios conterrâneos que se instalaram no Sul. Nestas condições, por razões de autodefesa querem conservar a maioria dos seus interesses financeiros junto aos locais onde residem para sobre eles exercerem uma fiscalização que tantas vezes se tem revelado inútil. Criou-se, assim, um regionalismo sem horizontes, mesquinho, um tanto ou quanto provinciano, que exerce sobre as possibilidades de desenvolvimento industrial do Norte uma acção depressiva.»

Vinho

Ao vinho nosso de cada dia levantam-se mais obstáculos. O Mercado Comum do Vinho anuncia-se superlotado. A produção de 1970 ultrapassa todas as anteriores e vai pôr os países produtores europeus, em situação difícil.

Os Ministros de Agricultura dos Seis reuniram para debater o problema. A França e a Itália, pediram para serem subidos ainda mais, os direitos aduaneiros de importação de terceiros países. Únicos países que, a pedido da França, não seriam atingidos; Argélia, Marrocos e Tunísia, dadas as relações comerciais com a França.

A nós a notícia atinge-nos especialmente. Os vinhos espanhóis e portugueses serão os principais prejudicados, com estas medidas restritivas.



S. E. D. E. S.

Na Seara Nova *(n.º de Fevereiro), Alberto Costa e António Reis põem-nos de sobreaviso quanto á correspondência mecanica de transformações da instancia económica e ideológica na instancia política: «É que se a questão é promover um mais livre jogo dos factores económicos, sociais e ideológicos do capitalismo monopolista, o mesmo não acontece com os factores «políticos» que certos espíritos simplistas geralmente lhe associam: conformemente ao que se passa, por exemplo, ao nível do aparelho e da movimentação sindical. Uma abertura no sentido* democrático-burguês *não está dentro das necessidades nem dos imperativos do sector que constrói a sua hegemonia no bloco que detém o poder. Pensá-lo é fazer a análise de Cazal Ribeiro* á l'envers».

O artigo a que este extracto pertence chama-se «S. E. D. E. S., aparelho de Estado e etc.».

«Responsáveis»

Os problemas da psiquiatria estão na ordem do dia. Recordemos, a propósito, a intervenção do dr. António Esteves, no «Colóquio sobre Psiquiatria do Sector», tal como foi registada em fita magnética:

«A equipa psiquiátrica tem de dispor de um serviço hospitalar com características especiais que cumpra e realize as condições mínimas técnicas e até de humanidade. Não vamos fazer assistência psiquiátrica num Hospital ou Serviço onde os doentes passem frio, andem mal vestidos, onde os doentes passem fome, onde não haja enfermagem. Temos de rever tudo isso; temos de ter a noção das responsabilidades.

Se não for dada à equipa um serviço hospitalar em que estejam realizadas as funções fundamentais para servir o doente, então nós temos de parar, temos de fazer uma tomada de consciência e não nos envergonharmos disso.

Há 10 anos, há 15 anos teria sido difícil termos tomado consciência dessas contradições. Mas agora temos essas contradições na nossa frente; temos de as enfrentar se pretendermos resolver esse todo. Porque todos somos responsáveis. Desde o Director até aos serventes, passando pelos médicos e os médicos são os mais responsáveis porque é netes que o doente confia e o médico neste sector já deixou de ser aquele ayente da ordem pública que no hospital continua a acção social cá de fora; tem de ser o médico que tem de sentir fundamentalmente os problemas do doente; tem de ser ele a fazer as «demarches», a esforçar-se, a fazer as pressões necessárias seja contra quem for, para que o doente mental passe a ser assistido em condições diferentes, em condições próprias da nossa época».

ASSIM VAI O MUNDO

O vírus...

«Mas não será necessário nenhum sismo para deitar por terra o colossal edifício do império norte-americano. Os seus alicerces estão a ser minados pouco a pouco pela dupla acção dos inimigos do interior e do exterior, não sendo difícil prever que em poucos anos o edifício virá abaixo

No plano interno a decadência dificilmente pode ser mais completa. Reconhece-se, claramente, a acção do mesmo vírus que abateu o Império Romano. Quando em 70 Tito destruiu o Templo de Jerusalém, desencadeou o processo que acabaria por abater o Império. «Não somos senão de ontem — escrevia Suetonio — e já infiltrámos as vossas legiões, o vosso pretório, o vosso senado e o palácio imperial».

Nos Estados Unidos de hoje o processo está a repetir-se a ponto por ponto. O exército está paralisado a partir de dentro por infiltrações promovidas expressamente para solapar os seus esforços; todos conhecem as recentes controvérsias á volta do Supremo Tribunal dos Estados Unidos e do estranho comportamento dos seus juízes; os senadores norte-americanos são «feitos» por aqueles que dispõem dos «mass media»; quanto ao «palácio imperial», basta ler o livro «The making of a president», para constatar que não há grande diferença entre o acesso ao cargo de um presidente norte-americano actual e o dos últimos imperadores que compravam a coroa por uma soma que ia de 50 a 200 milhões de sestércios.

A sociedade norte-americana representa o exemplo típico da corrupção de um país pelo dinheiro.»

Assim se refere ao «declínio e queda do império norte-americano», Mário Pereira dos Santos, a certo momento dum seu artigo com aquele título publicado no último número do Jornal Português de Economia e Finanças.

Contradições

(...) «o Brasil, onde o regime se comprometeu numa política de industrialização a marchas forçadas, cujo objectivo confesso é fazer do país o Japão da América Latina» (André Fontaine).

De um certo ponto de vista, o facto alegra os norte-americanos. O êxito dos militares brasileiros mostraria ao Continente que a descolagem do subdesenvolvimento é possível sem um sistema socialista. Mas de outro ângulo... Voltemos a dar a palavra a André Fontaine: «Na medida todavia em que a industrialização conduz a criar no mercado sul-americano um concorrente dos Estados Unidos — o Brasil anuncia já uma produção anual de 1 milhão de viaturas — isso tende a perturbar a longo prazo as próprias bases da prosperidade dos norte-americanos, compradores de matérias-primas a preço baixo e vendedores de produtos acabados».

Chama-se a isto **contradições**...

Japão

O produto nacional bruto japonês subiu, em termos reais, segundo a taxa anual, de 14 % no primeiro trimestre de 1970. A subida de preços, entretanto, foi da ordem dos 7,9 %.

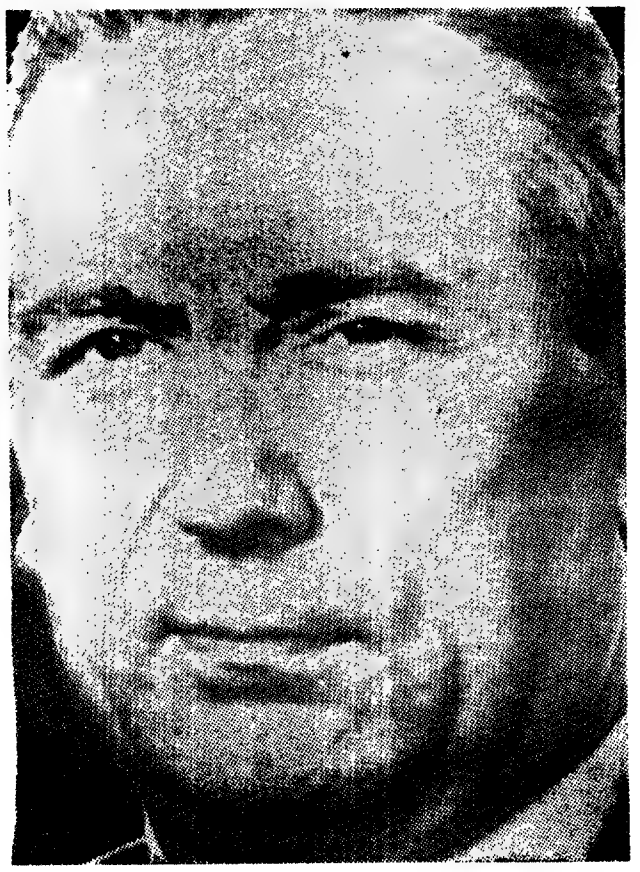
Revolução na revolução?

(...) «os motins do Báltico não tomaram um carácter anti-socialista. Mais: as delegações eleitas pela base para a negociação com as autoridades compreendiam 40 % de membros do Partido. (...) «O monumento aos mortos soviéticos, cercado em pleno motim pela multidão, não sofreu qualquer mossa. E se as reivindicações — em 25 pontos — muito duras, apresentadas a Gierek pelos grevistas, contêm reivindicações materiais de monta (um aumento de salários de 30 %), reivindicações políticas fundamentais (eleições livres dos quadros sindicais, separação total do Partido e da Administração), o que é certo é que não há nenhuma reivindicação liberal á ocidental. (...) «Acaba de se passar no Leste algo de absolutamente novo: a primeira contestação «total» dentro do quadro do sistema. Alguns diriam: a primeira oposição de «esquerda».

De qualquer modo, a revolução na revolução.

Fenómeno especificamente polaco? Talvez... Em 1956, a explosão húngara, nascida no seio do Partido, tomou uma dimensão reaccionária no sentido exacto da palavra. Em 1968, subjacente á Primavera de Praga havia uma vaga ideologia social-democrata e humanista. Este Dezembro polaco, profundamente proletário, é talvez a longo prazo mais perigoso, porque pode ganhar fàcilmente a realidade soviética ou alemã do Leste. Um teste significativo: as reivindicações checas ou húngaras visavam regalias ou liberdades satisfeitas nas democracias ocidentais. Certas reivindicações dos operários polacos, pelo contrário, poderiam muito bem ser retomadas pelos assalariados de Tours ou de Nantes».

(Jean François Kahn, em «L'Express»)



Um censo difícil

COMEÇAM A SER conhecidos alguns resultados parciais, ao nível de freguesia ou de concelho, do censo populacional referente à década que findou. Até agora, uma conclusão que se virá a repetir longamente, se bem que não venhamos a tomar conhecimento, via censo, da sua real amplitude: o decréscimo nítido da população residente. A essa conclusão chegámos pela leitura de um livrinho muito significativo em que a realidade dos números dá uma ideia antecipada da verdade do censo.

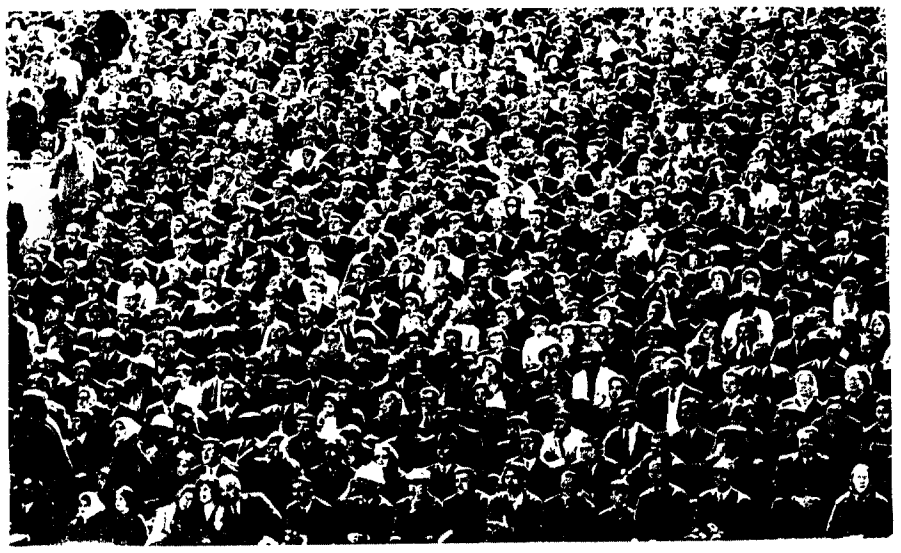
CENSO: QUANTOS SOMOS, COMO SOMOS, ou como um economista profundamente interessado pela situação socioeconómica dos seus concidadãos antevê, baseado na linguagem aliciante dos números, um censo populacional de resultados (possíveis) extremamente ambíguos. Para lá mesmo das dificuldades de ordem técnica ligadas com o preenchimento de impressos adaptados de processos estrangeiros sem ter em conta as reais limitações da imensa maioria da população (dos «chefes de família») portuguesa, acontece que a posição indefinida de dezenas (se não centenas) de milhares de compatriotas, emigrados clandestinamente ou deslocados a título temporário em operações militares no continente africano, mais irá complicar o apuramento que se deseja fiel para que possa cumprir a sua missão de instrumento precioso na planificação de toda uma época na vida nacional.

É evidente que, aproximativamente, eram e são previsíveis certos resultados. Agarrando nos números estatísticos disponíveis, Sérgio Ribeiro analisou-os e, antes do próprio acto de recenseamento ocorrido em Dezembro último, veio apresentar-nos uma série de sugestões de grande interesse: para a compreensão do próprio acto e para uma visão crítica da situação em que ele se inseriu.

Sérgio Ribeiro teve o mérito de não se deixar entusiasmar na análise do material recolhido, restando nos limites impostos pelo nível de compreensão do público a quem o livro se dirige. A manipulação dos números é atraente mas perigosa. A ciência estatística serve a muitos fins, embora manipulada por espíritos honestos e interessados numa interpretação didáctica (como é o caso), fale da realidade com mais clareza do que todos os comentários ou tomadas de posição crítica.

O livro de Sérgio Ribeiro, a que nos referimos, é exacta[illegible]isso: uma análise objectiva de números conhecidos capazes de dar uma ideia ao leitor comum sobre o mundo fascinante que está por detrás do longo questionário a que os chefes de família portugueses foram convidados a responder, durante um simples serão. Livro de consulta fácil, leitura breve e acessível, preço comportável: 80 páginas, formato de bolso, vinte escudos. Uma edição da Prelo Editora, colecção «Bibliotèca Popular», onde, ainda há poucos meses, saiu outro livrinho exemplar nesta missão de nos mostrar quem somos e como somos: «Portugal através de alguns números», de Blasco Hugo Fernandes

SÉRGIO FERREIRA RIBEIRO, 35 anos, formado em Economia pelo I. S. C. E. F. de Lisboa (1958). Começou a colaborar na «Revista de Economia» em 1961, publicando trabalhos sobre o Mercado Comum, a EFTA e a integração da Grã-Bretanha na Comunidade Económica Europeia. Em 1965 iniciou a sua colaboração na «Seara Nova», assinando Ferreira Ribeiro: artigos sobre a inflação. No ano seguinte, começou a dirigir a colecção «Biblioteca de Economia» da Prelo Editora. Em 1968 dedicou-se á Página de Economia do «Diário de Lisboa». Livros publicados: «O quase diário de uma desvalorização» (da libra), em 1967; «Proposta da Lei de Melo, 1969», em 1968; «O Orçamento Geral do Estado», em 1970; «Política económica nacional» (diálogo com Francisco Pereira de Moura) e «Dossier candidatura — Leiria, 1969». Em 1970, nasceu a revista «PEEP», de que foi um dos fundadores. Colaboração em obras colectivas sobre os direitos da mulher e ainda no livro «Crítica ao III Plano de Fomento».



Uma década histórica

SÉRGIO RIBEIRO

Já várias vezes escrevemos e dissemos que a década de 60 será uma década histórica. É possível afirmá-lo sem qualquer dose de melodramatismo, embora emprestemos à adjectivação «histórica» todo o peso que se lhe possa dar. Foram anos de «sangria», em que centenas de milhares de portugueses romperam o seu círculo social, e se lançaram à aventura de procurar outros lugares onde o seu trabalho lhes possibilitasse condições de vida diferentes daquelas para que não sentiam (ou conheciam) força para romper de outro modo.

Não será de mais salientar o significado da diminuição absoluta da população em certas idades (15 aos 24 e 40 aos 44) que os números mais afastados da realidade apesar disso denunciam, e fácil (e doloroso) é de prever a que ponto as possíveis correcções estatísticas poderão levar esses números para que bem representem a realidade.

No movimento geral da população, o primeiro termo é o dos nados-vivos, e vamos tirar desses elementos algumas observações que julgamos esclarecedoras e justificativas da gravidade afirmada.

Desde o começo do século, as médias anuais de nados-vivos por períodos de 5 anos, foram as seguintes:

	mil nados-vivos
1901 — 1905	177,3
1906 — 1910	179,3
1911 — 1915	203,1
1916 — 1920	185,8
1921 — 1925	204,8
1926 — 1930	206,9
1931 — 1935	204,7
1936 — 1940	198,0
1941 — 1945	196,1
1946 — 1950	208,9
1951 — 1955	205,7
1956 — 1960	210,7
1961 — 1965	215,5

Depois de 1965, os valores observados foram:

	mil nados-vivos
1966	206,9
1967	202,1
1968	195,0
1969	189,7

Desde 1954, e este foi um caso isolado, não se verificava a existência de menos de 200 mil nados-vivos. O número observado em 1969 só encontra paralelo com números de antes de 1910, ou 1916-20 que é número resultante da grave epidemia a que se chamou «pneumómica» e que teve grandes repercussões na evolução demográfica portuguesa, como os valores de nados-vivos de 1936-45 o podem traduzir. Na verdade, a quebra de nados-vivos em 1916-20 representará, cerca de 20/35 anos depois, quebra derivada de menor população em idade jovem e procriadora. De igual modo, o número de nados-vivos em 1956-65 deveria também apresentar uma certa quebra, embora amortecida pela recuperação que os anos sequentes à quebra anterior verificam, e ser já uma quebra resultado de quebra-reflexo.

Para o presente trabalho, o que importa salientar é que, depois de 1962-64, a quebra tem sido acelerada e impressionante (1962 — 220,2 e 1964 — 217,1 mil nados-vivos).

Claro que esta evolução tem maior significado se for apreciada em termos de taxa de natalidade, isto é, número de nados-vivos por 1000 habitantes.

As «E. D.» facultam-nos esses elementos, a partir de cálculos próprios, que nos parecem de aproveitar tal como apresentados.

	nados-vivos por mil hab.
1901 — 1905	31,95
1906 — 1910	30,94
1911 — 1915	34,00
1916 — 1920	30,89
1921 — 1925	32,82
1926 — 1930	31,16
1931 — 1935	29,01
1936 — 1940	26,36
1941 — 1945	24,82
1946 — 1950	25,27
1951 — 1955	24,08
1956 — 1960	24,11
1961 — 1965	23,74
1966	22,17
1967	21,46
1968	20,53
1969	19,80

A evolução que se vinha verificando de tendência segura de baixa da taxa de natalidade, aparece subitamente acelerada. Em 1969, a taxa de natalidade baixa, pela primeira vez, de 20.

Na elaboração deste trabalho, é verdade que nos chegámos a entusiasmar e avançámos por um tratamento de números que nos levou a resultados curiosos.

Assim, procurámos determinar, até 1960, duas evoluções das taxas de natalidade. Uma, de longo prazo, ajustando uma curva de 2.º grau à série de taxas médias de períodos de 5 anos entre 1901-1965 e 1956-1960; outra de curto prazo, ajustando também uma curva de 2.º grau à série das taxas de natalidade verificadas entre 1951 e 1960. As duas curvas extrapolavam valores da ordem dos 21,94 e 23,97, para o ano de 1968 e dos 21.76 e 23,94 para o ano de 1969.

Estes cálculos, embora tivessem também sido feitos para a mortalidade e excedente de vidas, e suas taxas, não foram continuados, nem parecem de grande interesse para este trabalho, ficando só como confronto que dê a medida de como os 19.8 ‰ estão longe do que se poderia estimar por extrapolação.

O que importa referir, mais do que fazer demonstração de manipulação sobre números, é que o valor de 19,8 ‰ se pode considerar e ser publicitado, como resultado de uma evolução de sinal positivo. Na verdade, à medida que as condições socioeconómicas se mostram melhores, as taxas de natalidade observam valores sempre mais baixos (na Europa 18 ‰, contra 34 ‰ no Mundo e 45 ‰ em África).

Deixa, no entanto, de ser assim quando a baixa natalidade resulta, não de menor número de nados-vivos relativamente à população em classes etárias jovens e adultas mas de uma sangria nessas classes.

Em Portugal, os sinais ou indicadores de evolução positiva derivam, quase sempre, de condições que são a negação de uma evolução positiva.

A inflação característica do sistema resulta, normalmente, do processo de desenvolvimento económico não ser possível de concretizar coordenado à escala global, mas visando interesses de classes e grupos. Em Portugal, todas as nefastas consequências de uma situação inflacionista aparecem sem decorrerem de um processo de desenvolvimento económico.

Também a taxa de natalidade «civilizada« resulta, não reflexo de uma situação social em processo de promoção, mas de uma «fuga» da população jovem e adulta para lugares onde essas taxas se observam, e aí concordantes com um estádio de evolução socioeconómica.

(DO LIVRO «CENSO QUANTOS SOMOS COMO SOMOS»)

espelho da imprensa

Alentejo, terra de «imigrantes»

Segundo os jornais britanicos, mais de trinta lavradores ingleses teriam vendido os seus bens nas Midlands para se fixarem na nossa província do Alentejo, «dando uma esperança ao sector agrícola do País».

A notícia acrescenta que os lavradores «aproveitaram as grandes reformas de crédito introduzidas pelo Governo português num esforço para reformar a agricultura» e «estão a fazer grande uso da maquinaria em substituição da mão-de-obra que lhes falta». No dizer desses jornais a produção em 1970 foi muito boa.

Já não é a primeira vez que o assunto é tratado na Imprensa. Mas da ultima que o foi — há cerca de dois anos — dizia respeito a um ou alguns casos isolados. Agora trata-se de uma experiência que já envolve dezenas de explorações agrícolas. E ao que se diz todas com bons resultados.

É possível que haja exagero. É também possível que o êxito da iniciativa seja apenas relativo — que a situação seja apenas melhor que a das Midlands, hoje empobrecidas. Ou que tudo resulte, apenas, do facto de o empate de capital ser menor que o necessário para alcançar o objectivo habitual da emigração dos lavradores britanicos: a Austrália. Mas um facto parece dever ser considerado. Enquanto os portugueses afirmam não obter lucro nem benefícios e nada poderem fazer porque lhes falta mão-de-obra, capitais, facilidades, máquinas e tudo o mais, os ingleses mostram-se satisfeitos.

É certo que os portugueses têm o hábito de se lamentar de tudo — para pagar impostos menores, para conseguir créditos, para dar aos outros a ideia da grandeza dos seus problemas, e para se convencerem de que trabalham para além das suas próprias forças. Não poucas vezes, convencem-se, de tal modo com as suas próprias lamentações que lhes falece coragem para fazer seja o que for.

Há porém, uma outra explicação. Os ingleses — e não são só os ingleses — vêm trabalhar a terra com máquinas e capitais próprios.

Os nossos agricultores geralmente compram máquinas e trabalham as suas terras com capitais emprestados. Quem tem dois ou três mil contos — base necessária para uma exploração agrícola média — compra prédios de rendimento e vem viver para Lisboa.

(Jornal Português de Economia e Finanças).

DIA E DATA
100% IMPERMEÁVEL
AUTOMÁTICO
CALENDÁRIO
INCABLOC
RESISTENTE
Mudança de data ultra-rapida.

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

CAUNY
MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

«BOND STREET»
OFERECE ÀS SUAS CLIENTES
4 DIAS DE VERDADEIROS
SALDOS
RUA BRAAMCAMP, 9-A

ALUGAM-SE APARTAMENTOS
E LOJAS NO CENTRO DE CASCAIS

ALUGAM-SE APARTAMENTOS E LOJAS EM EDIFÍCIO DE LUXO E NO CENTRO COMERCIAL DE CASCAIS.

Proprietário: BARAONA & BARAONA, LDA.
«EDIFÍCIO CASCAIS»
AV. VALBOM, 28-1.º

AS RAZÕES

«Eu vim para o estrangeiro só por causa dos meus filhos. Queria ver se lhes dava um futuro melhor que o meu...»

«Mas muitos pais nada nada fazem pela saúde, nem pela instrução dos seus filhos. Batatas na barriga e calças nas pernas, e basta. Malditos marcos que tanto engano e mentira fazem!

O que de melhor podes deixar a teus filhos é uma boa saúde, uma cuidada educação e instrução. Se os teus marcos te não ajudam a dar-lhes isto, então fica sabendo que és um mau pai. Também a educação se não dá só aos berros e ameaças, ou dizendo que no meu tempo... que eu...

Porque bem conhecem o valor da Escola é que a grande nação alemã desde há séculos a promove. Gastarios de dinheiro com ela. Com boas escolas é que se consegue um povo instruído e rico.

Os estrangeiros que não mandem os filhos á escola estão sujeitos a serem expulsos. E está certo.»

(«Diálogo do Emigrante», jornal que se publica na Alemanha).

«A HERANÇA DE TERRÍVEIS HÁBITOS»

«Nasceu doente e continua doente o Grémio da Imprensa Não-Diária. A prova da sua doença congénita evidencia-se na incapacidade de resolver qualquer dos problemas que afectam a existência dos agremiados. tudo continua como dantes — sem se dar conta, a não ser pelo pagamento da quota, de que haja um organismo a zelar pelos intereesses comuns.

A prova de que a doença persiste pode colher-se na sentença do tribunal que veio anular a ultima eleição dos corpos directivos, por irregularidades na as-embleia geral.

Que chegue a hora da verdade, para real benefício dos pequenos jornais, são os votos sinceros de quantos por vilas e cidades se batem, como podem, pelo progresso material e moral do povo.

No acto eleitoral participavam poucos votantes, salvo erro, nem duas dezenas. Pois nem mesmo assim, num grupo reduzido e com pessoas responsáveis se entrou pela porta franca da legalidade. É a herança de terríveis hábitos de não acreditar no valor da liberdade responsável. Daqui um critério supremo: empalmar, de qualquer forma, os outros — o que é humilhante para os jornalistas que, além de *informar*, vivem a missão de *formar*.»

(«Correio de Coimbra»).

ULME

O recenseamento eleitoral — como tem sido noticiado, o prazo para a entrega dos requerimentos prolonga-se até ao dia 2 de Março, no entanto a entrega dos requerimentos tem sido feita com lentidão, o que é de lamentar; pois é nosso dever fazê-lo com rapidez para bem do nosso concelho e da Nação. Julgamos que a pouca afluência deve-se não só á despolitização do povo como também ao receio de organização de comissões regionais que autorizadas pelo Governo Civil teriam situação legal, pois segundo nos parece deveria existir uma comissão no Semideiro, lugar distante da nossa freguesia cerca de 13 quilómetros e de caminhos de «cabras». Nós apenas desejamos eludir o que é o recenseamento, e que nunca é demais encarecer a importancia deste recenseamento para a vida futura. Pois, somos nós, chefes de família, a quem cabe escolhermos os homens para representar a nossa freguesia, para que eles em Conselho Municipal, possam escolher os vereadores e dar o parecer sobre o plano normal das actividades da Camara Municipal, além de discutir e votar os relatórios da gerência. Na freguesia têm as atribuições de organizar a revisão anual do recenseamento dos chefes de família; organização do recenseamento dos pobres e dos «indigentes» que são as pessoas que vivem na extrema pobreza. Por isso devemos correr a entregar o nosso requerimento para que a organização das autarquias locais que é a quem entregamos a administração e realização dos interesses e problemas, sem termos de aguardar as morosas decisões do Poder Central.

(«Vida Ribatejana»).

Bragadas e Quintais

Pela Comissão de habitantes de Bragadas e Quintais foi-nos enviada uma carta de agradecimento pela publicação de oportuna reportagem em que aqui se focaram os seus problemas mais instantes:

«A Comissão de Bragadas e Quintais vem agradecer a publicação feita nesse jornal, suplemento «Mesa Redonda» de 8-1-71, dos problemas que afectam estes dois bairros, dando conhecimento a todo o público assim como ás entidades responsáveis».

Bragadas e Quintais, tal como o Bom Sucesso, a que já também aqui nos referimos, são bairros clandestinos construídos em regime de quase autoconstrução na zona industrial do concelho de Vila Franca de Xira.

Porque se unem os jovens

«Estou num colégio onde me educam e onde posso aprender alguma coisa, é muito bom não ser eu só, também são as minhas colegas» — (Redacção de uma criança de 12 anos, num internato feminino).

NA CRIANÇA e no adolescente, o impulso que leva á formação do grupo é extremamente vivo. O individualismo, a oposição de interesses, própria do adulto, (de determinado tipo de adulto em determinada sociedade), não os contaminaram ainda. Daí a acusação das crianças de Barbiana á professora, representante de certo mundo de muitos adultos: «sobre os homens a senhora sabe menos do que nós. O ascensor é uma máquina em que se ignoram os outros locatários. O automóvel uma máquina em que se ignora as pessoas que viajam de autocarro. O telefone uma máquina para que se não olhe frontalmente os outros e não se entre em casas deles. Talvez não seja totalmente verdadeiro para a senhora, mas quantos dos seus alunos que conhecem bem Cícero e outros conhecem intimamente a família? Quantos deles entraram na cozinha?... Se não tivesse havido a inundação não conheceriam ainda a família que vive no rés-do-chão. Passei um ano na escola com estes camaradas e não sei nada das suas famílias. E no entanto, eles não se calavam.. Mas cada um escuta apenas o som da sua própria voz». E mais adiante, ainda as crianças de Barbiana, mais incisivamente: «O Livre Desenvolvimento da Personalidade é o vosso credo supremo Quanto á sociedade e ás suas necessidades, isto deixa-vos indiferente».

A criança, geralmente mais sociável do que o adolescente, relaciona-se com outras crianças de modo espontâneo e fácil. O sentimento de grupo, porém não parece muito desenvolvido na infância e daí a mobilidade e uma certa instabilidade na escolha dos companheiros. O companheiro, o **outro,** é considerado tão importante na educação social da criança, que na Declaração Universal dos Direitos da Criança (ª), se afirma (...A criança deve ser educada num espírito de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal e na convicção de que é sua obrigação consagrar a energia e o seu talento ao serviço dos seus semelhantes».

O ADOLESCENTE E O GRUPO

No jovem, o «grupo» é algo definido e concreto. A participação ou criação comum de objectivos considerados justos, funciona entre a juventude como elemento fortemente coeso. O prof. Georges Lerbet, autor de «soisir des Jeunes», concede entre todas as mediações que podem favorecer o acesso a uma cultura, durante os tempos livres, um lugar importante á mediação constituída pelos movimentos de juventude». E, num estudo especialmente dedicado ao assunto, assegura a influência positiva que os movimentos de juventude exercem sobre a educação social dos jovens.

A questão fundamental está em averiguar se a participação e as atitudes dos jovens, nos seus movimentos, é suficientemente estimulada.

Segundo o estudo do prof. Georges Lerbet, 10% da juventude francesa aderia a movimentos de juventude, (não incluindo, evidentemente, os movimentos oficiais mais ou menos impostos pelo Governo ou de carácter paternalista).

Na amostra, englobando jovens de 15 a 18 anos, de que se serviu o prof. Lerbet, 25% dos moços e 23% das raparigas faziam parte de movimentos autónomos. A idade, o habitat e a classe socio profissional dos pais, são factores que influenciam o grau de participação que se revela mais constante na cidade, entre as moças e entre os grupos de maior cultura: 42% nos alunos do ensino técnico, 27% entre os aprendizes, 24% nos estudantes de liceu e apenas 8% nos agricultores.

RAPARIGAS: MAIOR ADESÃO

As raparigas, talvez pelo maior isolamento e rígidez na vida familiar, manifestam aderência muito favorável aos movimentos de juventude: 46% de aderência para 8% de hostilidade. Nos rapazes, as percentagens são respectivamente de 35 e 12%. Vejamos estas variações:

ATITUDE	RAPARIGAS		RAPAZES	
	rurais	urbanas	rurais	urbanos
Favorável	45%	80%	37%	40%
Neutra	47%	17%	56%	49%
Hostil	8%	3%	7%	11%

Entre os grupos socioprofissionais são os aprendizes que se mostram mais receptivos á actividade nestes movimentos: 39% contra 9% de hostilidade. É natural que assim aconteça, pois em grupo inserido na classe trabalhadora os problemas que os unem promovem uma profunda solidariedade e coesão.

Os alunos do ensino técnico, grupo que se distingue pela preocupação em prepararem-se para a vida colectiva autónoma, «lutando contra a massificação dos prazeres e enriquecendo-se no contacto mútuo num clima democrático», aderem com a percentagem de 42%, contra 14% nos estudantes liceais, 29% de participantes e 26 de hostis. Nos jovens agricultores, e como consequência directa da fraca penetração dos movimentos de juventude no campo, existem 70% de opiniões neutras e a percentagem de aderentes e de hostis é equivalente: 15%.

MOVIMENTOS DE JUVENTUDE: VALOR SOCIAL

Na sequência da sua pesquisa, o nosso professor, pelas respostas dos jovens inquiridos, concluiu que, em relação ao valor educativo dos movimentos juvenis, as opiniões se distribuiam deste modo:

ELEMENTOS EDUCATIVOS	VALOR EDUCATIVO FORTE	MÉDIO	FRACO
Conhecimento do outro	67%	31%	2%
Aptidão á vida em grupo	60%	36%	4%
Sentido das responsabilidades	40%	54%	6%
Consciência cívica	40%	52%	8%

A DEMOCRACIA NA FORMAÇÃO DOS JOVENS

Como se vê, pela observação do quadro, a maioria dos jovens considerava como elementos de forte valor educativo o conhecimento do outro e a aptidão da vida em grupo. De notar, que entre os jovens dos cursos técnicos estes dois aspectos de relevo na iniciação da vida social, tiveram uma forte valorização: 81%. Talvez porque os cursos não técnicos possibilitem, devido a deficiências estruturais, um maior desenvolvimento do individualismo.

Independentemente de outras apreciações, uma verdade maior ressalta do estudo de G. Lerbet: «a cultura que os movimentos de juventude proporcionam é fortemente adequada ás aspirações dos jovens».

Cumpriria, portanto, conceder independência e estimular estes movimentos para que, ainda no dizer de G. Lerbet, «a democracia exista entre os jovens e que eles se tornem cidadãos maiores...»

H. NEVES

«A participação ou criação comum de objectivos considerados justos, funciona entre a juventude como elemento fortemente coeso»

nós escolhemos

Prof. Mário Silva

Mário Silva, professor, académico, nasceu em 1901 e doutorou-se em Paris pela Faculdade de Ciências. Em 1928 começou a sua carreira na Universidade de Coimbra onde, em 1931, se tornava professor catedrático. Tinha 30 anos, era um dos mais jovens cientistas portugueses e o mais jovem dos professores catedráticos. Eleito em 1938 sócio correspondente da Academia de Ciências, era também o mais jovem correspondente da Academia. Director do Laboratório de Física da Universidade de Coimbra teve como discípulo o Prof. Veiga Simão.

Os anos cinquenta e os anos sessenta, para Mário Silva, foram anos de afastamento coercivo, nos quais conheceu dificuldades económicas. O afastamento dos companheiros de trabalho. Teve de ganhar a vida como explicador. Viveu anos amargos. Descobriu que, em Portugal, era difícil ser-se jovem e cientista.

Em 1970, quando dissecámos a Academia de Ciências, e estivemos em Coimbra, na sua casa, para o entrevistar para a «Mesa Redonda», ouvimos-lhe palavras magoadas. Falou-nos de Valadares, da sua dimensão de cientista internacional, das suas esperanças enquanto cientista jovem. Leu?nos cartas de amigos, contou-nos o Centenário de Madame Curie, na Polónia.

Em 1971, naturalmente, Mário Silva voltou para o seu lugar na Universidade de Coimbra. Veiga Simão que se orgulhava de dar Física Atómica no seu Laboratório, restituiu-lhe o lugar a que tinha direito. Organizou-se um banquete. O Prof. Veiga Simão esteve presente. Surgiram palavras sentidas. Coimbra emocionou-se. O País acompanhou Mário Silva ao reocupar a sua cátedra.

Estamos em 1971, o jovem cientista tem setenta anos. Marcados pelos anos amargos.

J. J. L.

O problema do alojamento dos universitários de Coimbra

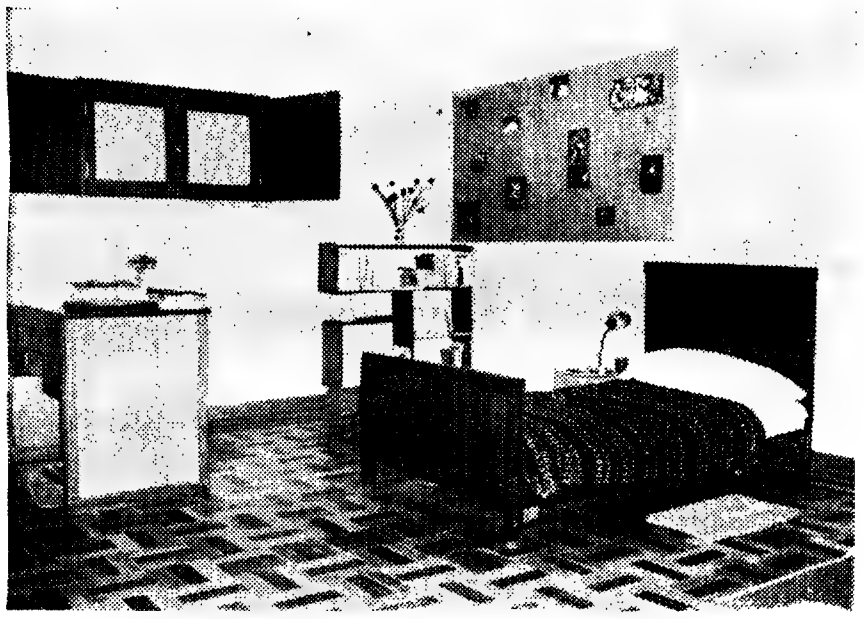


Imagem do interior de uma «república»: algo está a mudar, como a própria mentalidade

Segundo um inquérito promovido pelas Direcções-Gerais da Juventude Universitária Católica, em 1964, só 31% dos estudantes da Universidade de Coimbra residiam junto da família, 22,7% viviam em quarto alugado e 16,3% em lares. Estes valores antigos não se modificaram para melhor actualmente. O problema do alojamento dos universitários de Coimbra é grave. Ainda há pouco, em entrevista concedida ao Diário de Lisboa, o reconheceu o reitor daquela escola.

Por isso, «MESA REDONDA» se debruçou sobre a questão. Assim, Manuel Guerra e Silva, aluno do 5.º ano de Direito, Júlio Maria, do 4.º ano de Medicina, Filomena Delgado, do 3.º ano de Direito e Maria Madalena Marques, aluna do 4.º ano de Clássicas, dissecaram o problema, tendo moderado José A. Salvador .

MODERADOR — Sabendo-se que a maioria dos universitários de Coimbra não são naturais da cidade compreende-se que para muitos deles seja difícil encontrar instalações adequadas às suas necessidades. Têm-se seguido várias soluções, para a maioria das quais o Estado em nada tem contribuído. Assim, e para começar proporia que cada um expusesse a sua experiência pessoal.

GUERRA E SILVA — Quando cheguei a Coimbra, por indicação de um amigo entrei no CADE (Centro Académico de Democracia Cristã), onde permaneci seis meses. A meio desse ano saí, não por imposição, mas por uma questão de coerência. Já não me encontrava nas condições exigidas pela organização interna daquela casa. Por motivos económicos vim, então, a entrar numa casa da M. P. (Mocidade Portuguesa), na qualidade de bolseiro. Beneficiei de alimentação e alojamento gratuitos. Durante três anos lá estive. Em 1969 por não poder continuar naquela casa, ingressei numa República, «O Ninho dos Matulões». Éramos vizinhos. Há dois anos que vivo lá e percebi que ela é uma autêntica escola da vida, e a habitação mais adequada para um estudante de Coimbra. Não é o nome de «República» que aqui defendo, mas a vida que nela existe. A fase boémia, irresponsável, que a caracterizou, está ultrapassada. Hoje lá se convive, e se aprende a viver em comum no respeito mútuo entre todos.

JULIO MARIA — Quando vim optei por uma casa particular, na expectativa de encontrar bom ambiente para o estudo. Ao fim de quase um ano saí, zangado até com a senhora. Era deficiente a alimentação e era explorado. Renitente no princípio vim a entrar numa casa da M. P. a convite duns amigos. Garantiram-me que o facto de ir para lá não implicava qualquer adesão ao rótulo. Serviamo-nos da casa na perspectiva duma mera prestação de serviços. Não havia democraticidade interna, mas um chefe. Estive nela dois anos. Saí e entrei numa República. Aí encontrei o melhor ambiente: convívio, discussão de problemas estudantis, nacionais e internacionais, e hábitos de vida em comum.

«REPÚBLICAS FEMININAS»

FILOMENA DELGADO — Ao vir para a Universidade era a primeira vez que saía da família. Custou-se imenso. Instalei-me numa casa particular. Tinha lá amigas e tive sorte. Nem por isso deixo de estar convencida que este sistema não é nada bom. A certa altura, senti que no aspecto das relações humanas ela não me satisfazia. Não havia autêntica camaradagem. Foi, então, que umas amigas propuseram que saíssemos várias das casas particulares, e alugássemos um apartamento. Seria gerido por nós. Fizemos a experiência e ainda estou nela. O sistema tem deficiências. Não será, talvez, ideal, mas apresenta inequívocas vantagens em relação às casas particulares.

MARIA MADALENA — Estou num apartamento idêntico ao descrito pela Filomena. É aquilo a que chamo «República feminina». Considero o sistema ideal, porque elimina preconceitos pessoais. Além disso, dele resultam vantagens económicas e sociais. Sem poder comparar com os quartos particulares, creio que o nosso sistema se torna mais económico. As moças que saem dos quartos particulares sentem que o apartamento é mais económico, mas sentem dificuldades em se adaptarem à sua vida. É que é necessário perder-se a noção do teu e do meu. Este tipo de casa para mim foi o melhor processo educativo, pois, sempre lá fui solicitada para a discussão de problemas de diversa ordem.

MODERADOR — Posto isto, propunha que indicásseis as características essenciais do regime interno das vossas casas.

GUERRA E SILVA — No que se refere à minha República, e creio que a todas, dois princípios base a orientam: democracia interna e autogestão. Somos nós, os que lá estamos, quem determina a sua vida interna, desde a distribuição dos quartos até à alimentação, coisa que não sucede noutro qualquer tipo de casa. Para recusar a solução do problema habitacional como a que em parte (mínima) nos é oferecida por uma organização estadual, a M. P., fundamentamo-nos no facto de a direcção dessas casas ser imposta através da nomeação dum «chefe» pelo Centro Universitário.

MODERADOR — Como é feita a selecção dos «Républicos», e qual a vossa actividade cultural interna.

GUERRA E SILVA — Os estudantes que vão para as Repúblicas são em geral amigos dos que já lá estão, ou estiveram. Depois, a casa tem uma vivência própria e é uma questão de um indivíduo se adaptar ou não a ela. Quanto ao problema cultural, não se pode falar na existência de realizações culturais internas. O que sucede é que em qualquer momento se discutem problemas de vária ordem: política estudantil, ensino, questões nacionais e até internacionais. Isto é muito frequente após as refeições. De resto, a existência de diversos organismos culturais na nossa Academia, apesar das restrições permite levar a cabo realizações culturais diversas.

MODERADOR — Julio Maria, creio que os princípios da vossa casa são idênticos aos atrás apontados. Nestes termos, para evitar repetições vou pôr perguntas concretas. Em quanto ficam as vossas despesas mensais?

JULIO MARIA — Em média 950$00, distribuídos deste modo: 500$00 para despesas gerais e 400$00 para despesas diárias de alimentação. O maior ou menor número de elementos alojados diminui ou aumenta essa mesada.

MODERADOR — Quantas empregadas tendes?

JULIO MARIA — Uma só.

MODERADOR — Tem seguro?

JULIO MARIA — Pagamos-lhe 600$00 mensais, tem folga ao domingo, e tem seguro

OS PRÉDIOS E OS SENHORIOS

MODERADOR — Quantos elementos tem a casa? O prédio apresenta condições de estudo?

JULIO MARIA — O prédio é velho, por isso só estamos seis no Palácio da Loucura. Nós pensamos mudar de casa mas isso vai levantar-nos problemas económicos. O nosso prédio actual não tem sequer condições de habitabilidade. Chove lá dentro porque foi abalado pelo

Filomena Delgado

MIRAGENS DA MINHA TERRA

ENTRE A PONTE E A VILA passa o rio (Sul, claro! Que para S. Pedro o rio é o Sul. Até de nome se vê. O Vouga chega e corre a deslado. E não é só por isso. O Vouga não é de cá; vem sabe-se lá de donde. Quando menos se espera, por detrás de uma curva do caminho, dá um pulo; azanga um fraguedo que lhe travou o passo e aqui estou. Parece um cabrito ou um salteador. Traz ainda aquele ar meio samarrão de recoveiro-malhadinhas, galgando trancos e barrancos, Lapa abaixo, pensando já na fartura e descanso dos nateiros da Mourisca ou fiturando a melhor forma de engrampar os «cagareus» de Aveiro, ou Costa Nova.

A verdade é esta: o Vouga só se torna o «rufia» da paisagem, depois de se haver encontrado com o Sul (ali na Ponte). A partir de então, deixa de ser o rapazola fugido da Nave. Ruxa do espelho que trazia na algibeira, de mistura com a merenda; dá um jeito ao bigode que virou de penugem em pêlo arrebitado; compõe o chapéu ás três pancadas — mesmo á carneireiro aquele chapéu! E

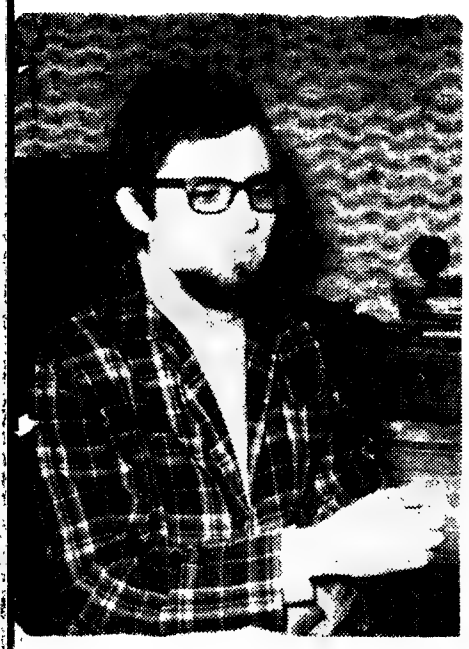
muda o ritmo á p
Toma, assim, um a
marialva, ignorando
ta compra nos Re
Atira por entre os
ros (que até parece
lheres a correr só
verem passar — q
de gente!) empiscad
margens, senhor de
guro e seguro
mais bocados menos
do, elas lhe vão cair
po, num
tos que o caminho

(E, depois, o fruto
amor-foto-vela, to
pulsos de primeira
romantismo ultrapass
está para quem o
ver: a pobreza e
desse Vale entre a
ra e o Caramulo,
mente á espera de
ou namorados, e
rói pedras ou mast
vas! Entretanto o
dorme, burguesment
dona Ria, lá pró m
quecido já das av
de rapaz!...)

Pois entre a Pon
Vila passa o rio...

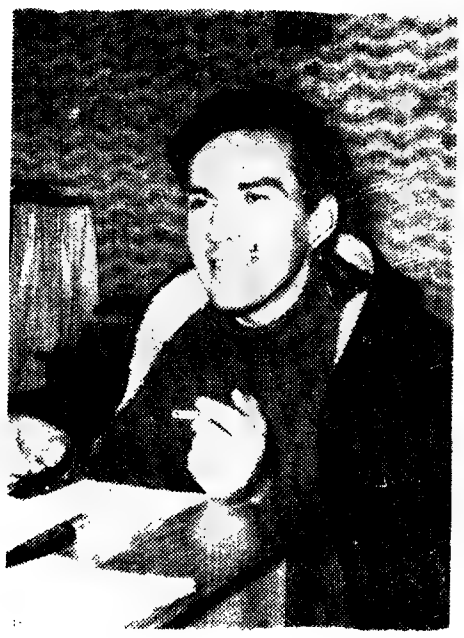
A Ponte é um ba
Vila; faz parte da Vi
entre uma e outra p
rio.

Nem se diga que
tão grande com



Manuel Guerra e Silva

Maria Madalena Marques



Júlio Maria

terramoto, e o senhorio não quer fazer obras. Somos vítima da exploração dos senhorios e alguns dizem mesmo: «para estudantes qualquer coisa serve».

MODERADOR — E vocês? Têm tido problemas com a gestão?

FILOMENA DELGADO — Sim, alguns, devido ás dificuldades económicas de certos elementos da casa.

MODERADOR — Quanto pagais de renda?

FILOMENA DELGADO — A casa é mobilada. Pagamos 1650$00.

MODERADOR — Em quanto vos fica a mesada?

FILOMENA DELGADO — Uma média de mil escudos, quantia demasiada para algumas de nós. Neste momento, nem sabemos se todas estão em condições de suportar esta despesa. Isto levanta problemas e mostra a gravidade das deficiências deste sistema, que não compete a nos resolver. Não comemos todas em casa. Os elementos economicamente mais débeis costumam ir comer a *tascos*, porque lhes fica mais barato. Daqui resultou a nossa divisão, o que desde logo dificulta a criação do ambiente e tipo de vidas pretendido com a fundação da casa. Internamente não há chefe. Há reuniões semanais onde as decisões são tomadas por votação maioritária. O ano passado fizemos também reuniões para discutir problemas estudantis e do País, e procedemos a leituras colectivas de livros. Saliento que a casa não era fechada. Amigas e amigos iam lá também. Este ano as questões económicas têm-nos tirado tempo e disposição para continuar a iniciativa.

MODERADOR — Tens alguma coisa a dizer, Madalena?

MARIA MADALENA — No aspecto de gerência seguimos muito de perto as Repúblicas de rapazes. Sucede também que quando recebemos alguma moça com dificuldades económicas, sujeitamo-nos a que ela pague menos. Pagamos 800$00 de renda, e dispomos de seis quartos individuais. Um dos problemas que se nos depara é o de arranjarmos raparigas para lá. As convenções familiares opõem-se muito a este sistema de alojamento.

A INTERVENÇÃO DO ESTADO

FILOMENA DELGADO — Queria dizer uma coisa que diverge um tanto da Madalena. Nós nunca pensámos seguir aquilo que os rapazes faziam nas suas repúblicas quando formámos a nossa casa. Até porque, nós discordâmos do sistema vigente em muitas republicas de Coimbra. Por outro lado, nunca utilizamos o regime de auxiliar as colegas débeis económicas. Isso seria uma atitude paternalista, individual, e este não é um problema a resolver-se por opções individuais. Tem raízes muito mais profundas que nos ultrapasam individualmente.

MODERADOR — Salientas que estas questões exigem soluções que não podem partir de pessoas individualmente consideradas. Creio estares a apontar que o Estado deve intervir neste assunto. Concretamente o que sugeres neste sentido?

FILOMENA DELGADO — Acho que a solução ideal consistiria na abertura de casas por iniciativa do Estado. Esta ideia não é nova, e há até um decreto que se aplica ás residências de estudantes. Simplesmente, tal decreto, o 46 834, de 11 de Janeiro de 1966, regula as residências estudantis em termos inaceitáveis. As condições de admissão e a escala de preferências não têm razão de ser. Repara: estatui-se nesse diploma que «as residências académicas não podem alojar simultaneamente estudantes de ambos os sexos». Este ponto pretende sugerir que os estudantes não são pessoas adultas, não sabem aquilo que querem. Sinceramente, os universitários são adultos, e dispensam responsávelmente esse paternalismo. Outra condição para ser-se admitido nas casas do Estado é ter-se «bom comportamento moral, cívico e académico». Assim, casas com estas limitações não têm qualquer interesse.

MODERADOR — Está sumáriamente dissecado o problema do alojamento dos universitários em Coimbra. Creio desta conversa ter resultado como nítida a necessidade de o Estado abrir casas para estudantes, sem, todavia, interferir na sua gestão e orientação internas. Assim é, resta-me agradecer a vossa colaboração.

A ponte

...mo á passada. ...n, um ar meio ...rrastando a bo... ...a nos Remédios. ...ntre os salguei... ...é parecem mu... ...rrer só para o ...ar — que raio ...empiscadelas ás ...nhor de si, se... ...seguro de que ...o, menos boca... ...vão cair no pa... ...sses mil recan... ...aminho oferece. ..., o fruto deste ...vela, todo im... ...rimeira vista, ...ultrapassado, aí ...quem o quiser ...preza enfeitada ...entre a Gralhei... ...ramulo, eterna... ...pera de poetas ...ados, enquanto ...ou mastiga sil... ...anto o Vouga ...uésmente, com ...á pró mar, es... ...das aventuras

...e a Ponte e a ...o rio...

...é um bairro da ...te da Vila. Mas ...e outra passa o

...iga que o rio é ...e como isso.

No Verão nem areia tem já que fica de leito quase seco, mas recoberto de erva fina e verde prás ovelhas do Zé Salgueiro tasquinharem. Mas é o bastante!

Senão vejam: a Ponte tem luz eléctrica. Também era o que faltava. Mas não tem mais nada que a Vila tenha: não tem esgotos, não tem água, não tem limpeza das ruas... Nada!

Atentem só nisto: a feira mais importante do Concelho realiza-se ali, na Ponte. É a «Feira Velha». Estica-se desde cá debaixo da estrada até, quase, a Cotos, por umas ruelas e largos de terra batida, inclinada, de morros, de pedras incertas da calçada á portuguesa. Todos os meses é ali um «mundão» de gente.

Sabem onde é a retrete? Atrás da capela de São Bartolomeu (S. Mértolameu da minha infância!) no meio da feira! Muitos maus cheiros e ruídos tem de suportar o pobre do Santo...

Ainda se se dissesse que não havia sítio par fazer as retretes, vá que não vá. Mas ele há tanto sítio, Senhores da Câmara!

E depois, caramba, o Santo pode fechar os olhos, tapar o nariz, fingir que é surdo, mas os vizinhos do Santo? Ficam proibidos de vir á janela, e até de a abrirem? Não só no dia de feira mas nos seguintes!

E se fosse só isso!...

Os da Ponte também têm os seus animais domésticos: galinhas, porcos, etc., conforme os da Vila. E, alguns, o seu quarto de banho e demais instalações sanitárias.

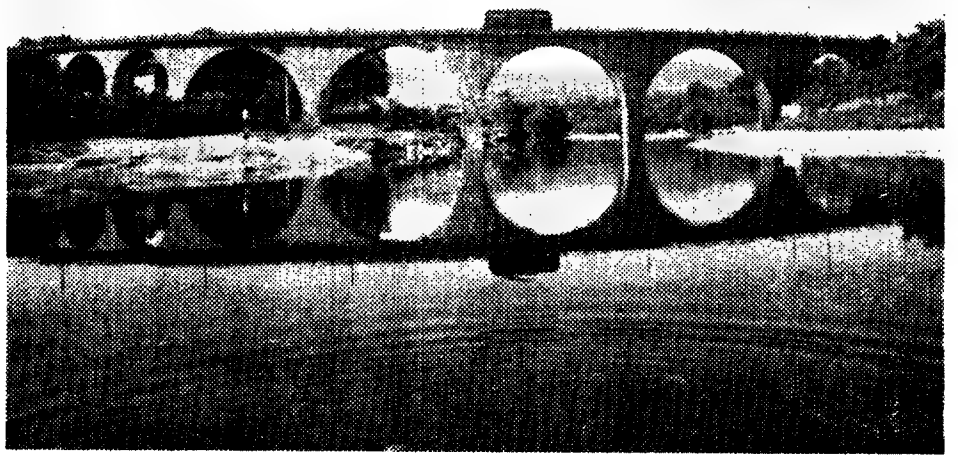
Só que os da Vila (não falando nos das Moitinhas, claro, mas isso fica para outra altura) escorrem para os esgotos publicos. Na Ponte as escorrências ou são absorvidas pela terra sobre que assentam os currais ou lojas, ou escorrem para a rua.

Mas... os da Ponte perguntam: como é que há-de evitar-se esta porcaria?...

Entre a Ponte e a Vila passa o rio... e é o bastante.

A ponte que se governe. Mas isto é pecha velha.

Antigamente rapaz da Vila que fosse catrapiscar moça á Ponte, o mínimo que lhe acontecia era ser corrido com as costas quentes por umas arrochadas.



Depois era a garotada da escola rebentando ódios velhos em batalhas campais de fragada que zunia. E os da Ponte, normalmente, levavam a melhor.

Mais modernamente as guerras da pedrada foram substituídas por guerras de pontapé á bola.

No fim da escola, ou nos domingos de manhã, formam-se os grupos. Vai tudo para o Campo da Pedreira. A coisa anima, a coisa aquece, e, no fim de contas, não se substituiu nada: os da Vila são corridos á calhoada como nos velhos tempos.

E então a garotada da Ponte vinga-se: é um exército vitorioso, jornais espetados em paus, bandeiras de glória, bola debaixo do braço:

— «Não há pai p'ra Ponte! A Ponte é uma Nação! Vamos tornar a Ponte independente!)

O raio dos garotos [illegible] cada ideia!...

A verdade é que já lhe chamam os «espanhóis»...

JAIME GRALHEIRO

Professores eventuais

Amplo movimento de apoio

Mais de oitenta por cento dos professores que leccionam nos nossos liceus e escolas técnicas são eventuais ou provisórios. Já aqui debatemos os problemas, inclusive através de uma mesa-redonda em que os próprios interessados disseram publicamente da sua justiça. Posteriormente, houve uma reunião magna na Escola Francisco de Arruda, a que se seguiu a visita de uma comissão ao ministro da Educação Nacional, que, implicitamente reconheceu a justiça das suas pretensões.

Este sector importantíssimo da Escola Portuguesa continua a debater, a estudar e a propugnar para que justiça lhe seja feita. Nesta luta, justa e oportuna, devemos inserir o número considerável de cartas e telegramas através dos quais, individualmente ou em grupo, os professores provisórios e eventuais apoiam a mesa-redonda aqui publicada e as afirmações nela produzidas. São já centenas de assinaturas em nosso poder. Dispensando-nos de publicar a lista de nomes, transcrevemos o texto de alguns dos telegramas recebidos:

«Professores Escola Preparatória Pero Vaz de Caminha agradecem publicação mesa-redonda 29-1-71 sobre situação actual professores eventuais. Aproveitam testemunhar colegas intervenientes seu apoio posições tomadas e corroboram necessidade lutar por solução urgente e conjunta problemas levantados».

★

«Profundamente irmanados angustioso problema mesa-redonda 29 Janeiro, sentindo inteira justiça ideias conclusões directrizes maior relevo enviam caloroso apoio professores eventuais liceu Póvoa de Varzim».

★

«Professores eventuais escola industrial de Santo Tirso agradecem publicação mesa-redonda de 29-1-71 sobre a situação professores eventuais e apoiam e subscrevem declarações feitas pelo participantes».

«SOLUÇÃO CONJUNTA DOS PROFESSORES DO ENSINO PREPARATÓRIO»

«Professores eventuais ciclo preparatório Santo Tirso agradecem e apoiam incondicionalmente declarações dos participantes feitas mesa-redonda 29-1-71 felicitam Diário de Lisboa».

«Professores em serviço escola preparatória Vila do Conde manifestam seu apoio mesa-redonda publicada 29 de Janeiro sobre situação actual professores eventuais e corroboram necessidade solução conjunta e urgente problemas levantados professores escola preparatória».

★

«Professores eventuais escola industrial comercial Póvoa de Varzim ciclo preparatório agradecem publicação mesa-redonda 29-1-71 situação actual mesmos professores. Aproveitam comunicar colegas intervenientes seu apoio posições tomadas corroborando necessidade solução conjunta urgente problemas levantados».

Galinheiras, um mês depois

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, como primeiro ponto da ordem do dia, da última reunião municipal, falou da população das Galinheiras. Lembrou que estimava a população, falou de anteplanos necessários.

Realizámos uma reportagem, publicada neste suplemento, sobre a situação das Galinheiras. Estivemos na Azinhaga da Póvoa. Soubemos como se vivia, com aquela fossa incrível no meio das barracas.

A população das Galinheiras ainda, um mês depois, como oportunamente referimos, uma petição á Câmara Municipal exigindo o desaparecimento da fossa, pedindo a escola, falando, em linguagem simples, das suas misérias.

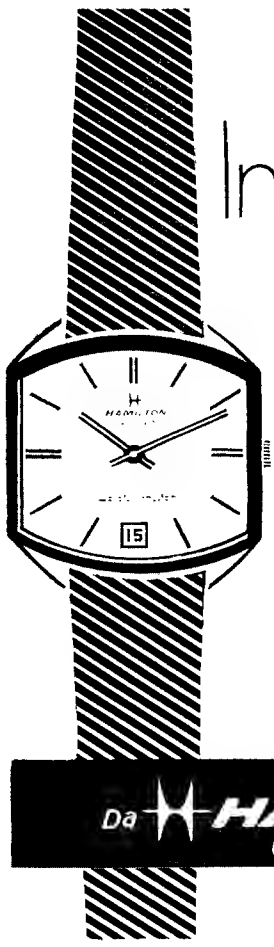
Galinheiras, um mês depois, continua a ter a fossa, menos esperança nos seus jovens, **desesperados de não conseguir casas melhores, não tem mercado, vai ter uma igreja.**

O presidente da Câmara fala de anteplanos, concorda que é uma população esquecida, mas adia. A população quer que a fossa, para já, desapareça urgentemente, e quer depois a escola, o mercado, com ou sem ante-planos.

J. J. L.

belarte

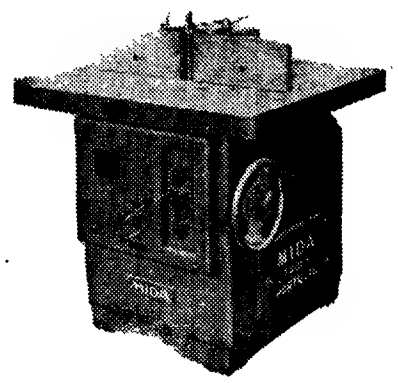
Intra-matic



O relógio automático mais baixo e elegante do mundo

Da HAMILTON Suíça
Os Inovadores

«MIDA»



TUPIA VERTICAL
Modelo TV-6

UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

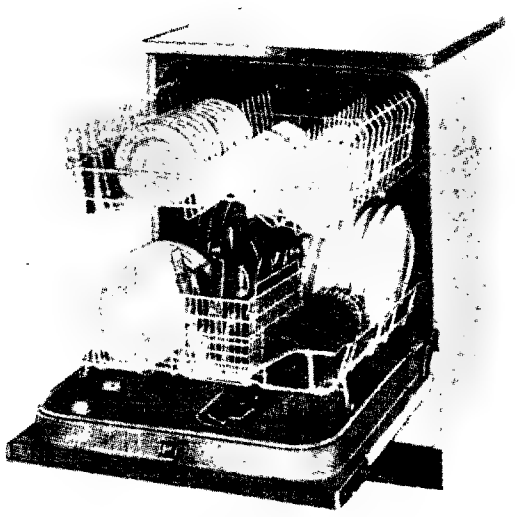
Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5

FILIAL EM LISBOA:
AV DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF 44147)

A NOVA MÁQUINA DE LAVAR LOUÇA DA AFAMADA MARCA ALEMÃ

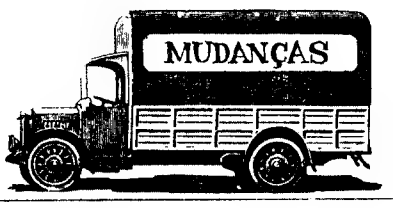
ELEGANTE
ROBUSTA
ECONÓMICA

Linde



LINDE UMA UTILIDADE EM CADA LAR

SUPERMANOS
Largo do Mastro, 3 a 9 — LISBOA
Distribuidores Gerais em Portugal — Apartado 13 PORTO



SInASE
Novas Instalações
Rua Braamcamp, 9-7.º/Telef. 536276/Lisboa 1

Próximos seminários:

- Aperfeiçoamento de métodos pedagógicos e estruturas de ensino / Início - 13 de Fevereiro
- Análise da Imprensa e técnicas de valorização / Início - 1 de Março
- Eficiência e resultados na Empresa / Início - 5 de Março
- Tecnologia dos meios colectivos de Informação / Início - 6 de Março

Cursos de Informática

Início - 1 de Março

- Programação
- Análise de sistemas

SINASE — Sociedade de Investigação Aplicada ao Serviço da Empresa, S. A. R. L.

Objectivo na Cooperativa «VIS»

Ir ao encontro das necessidades culturais da Amadora

«VIS» É A DESIGNAÇÃO de uma cooperativa d eensino e cultura da Amadora. Os seus objectivos são o comércio de livros, de material didáctico e audiovisual, a criação de serviços escolares, e outras actividades que os órgãos sociais considerem necessárias. «Vis» procura ir ao encontro das necessidades duma população, ela também, num processo de esclarecimento. Apalpando o caminho, «Vis» vai procurando os seus reais objectivos. Trabalho com as crianças (cinema, modelação), colóquios, venda de livros, cinema para os sócios.

A modelação, pintura e desenho para e das crianças tem entusiasmado um sócio, Fernando Cruz. Foi ele quem nos deu uma ideia sucinta dos objectivos do seu trabalho.

OBJECTIVOS

«Explorar as faculdades sensoriais na criança, faculdades essas existentes no seu interior e fàcilmente exteriorizáveis através de qualquer actividade mímica; neste caso o desenho, a pintura e a modelação. Na verdade, quaisquer destas actividades de expressão são um jogo que interessa à criança desde que lhe seja permitida toda a liberdade, quer na escolha dos temas, dos materiais ou das dimensões do papel.

Pintar, desenhar ou modelar, são actos, perfeitamente naturais para a criança desde que as tais condições de liberdade e ambiente o permitam: ela não hesita, ela cria, uma criação espontânea mas inspirada, com prazer e alegria.

CINEMA: «AINDA NÃO TEMOS MÁQUINA DE PROJECTAR»

O cinema interessa à Cooperativa. Intervir no processo de divulgação deste meio audiovisual, decorre naturalmente dos objectivos da «VIS».

Joaquim Assunção Leal, vice-presidente da direcção, procurou sintetizar-nos, muito ràpidamente, a situação do cinema na Amadora, o papel da Cooperativa no meio e a acção realizada, até agora.

— Qual é a situação do cinema na Amadora?

— *Dadas as características de «dormitório da capital», a Amadora tem uma vida cultural pràticamente nula. As pessoas deslocam-se a Lisboa onde encontram toda a oferta (no capítulo cinema, como nos outros). Existem na localidade duas salas: o Lido (sala de luxo, dirigida à massa media) e os Recreios (sala dirigida a público de bairro, com exploração baseada nos filmes de aventuras, westerns, fitas sentimentais).*

Quanto à Venda Nova Damaia e localidades vizinhas — pertencentes à freguesia da Amadora há uma sala de cinema em cada uma delas também com um tipo de exploração dirigida ao «público de bairro». A única sala que dá sessões de matinée e soirée diàriamente, é a dos Recreios. O «Lido» só ao sábado e domingo dá matinées, mantendo-se nos restantes dias com soirée.

Nas sociedades recreativas locais não há pràticamente qualquer actividade no respeitante a uma cultura audiovisual.

O aparelho de TV não falta, em contrapartida.

— Qual pretende ser o papel da Cooperativa nesse meio de apatia?

— *Uma actividade de divulga-se parece-nos essencial. Para tanto, há que ultrapassar os limites da própria Cooperativa, e da sua massa associativa, realizando sessões, com filmes seleccionados, nos cinemas locais; sessões de divulgação do cinema, a efectuar nas sociedades recreativas, fábricas e empresas locais; sessões especificamente dedicadas a crianças, ou a público juvenil: palestras; colóquios; cursos sobre história do cinema; organização de ciclos sobre determinados temas, em colaboração com as colectividades locais.*

— E até agora, o que realizaram neste campo?

— *No capítulo de sessões extracooperativa foram realizadas 9 sessões (com filmes de 35 mm) no Cine Portugal (cinema da Venda Nova), salas da Amadora (Lido ou Recreios), ciclos sobre determinados temas, aperfeiçoar as sessões infantis e editar textos sobre cinema.*

«APROXIMAR O TEATRO DAS OUTRAS SECÇÕES DA COOPERATIVA»

Josefa Correia de Almeida é um elemento do Grupo de Teatro da «Vis», tendo o conhecimento da sua inexperiência, um grupo de sócios lançou-se a fazer teatro. Os sócios gostaram e os actores-sócios passaram a um plano novo, o da consciência das suas limitações e do papel que a Cooperativa, também aqui deve ter. A Amadora necessita do teatro.

— Se não tinham experiência porque enveredaram pelo teatro?

— *Essa mesma pergunta foi feita por nós, mas concluímos que o teatro era um tipo de arte que atraía muitas pessoas e, portanto, deveria ter como fim a informação e a consciencialização dos problemas humanos. Assim era nosso objectivo principal chamar a atenção das pessoas menos [illegible] para o mundo que as rodeia e para a função que nele devem desempenhar.*

— Quando começaram?

— *Começámos em Junho de 1970, estamos em Fevereiro de 1971 e levámos a cabo duas encenações. A 1.ª chamava-se «Feito», a 2.ª «Subdesenvolvimento». O «Feito» resultou de uma colagem de textos, alguns de autores conhecidos, mas a maior parte escritos por elementos do grupo. Não houve um trabalho puramente individual, mas sim colectivo, pois sempre que aparecia um novo texto era discutido por todos e muitas vezes ali mesmo modificado. Em Maio havia apenas quatro pessoas a trabalhar, mas chegámos a Junho com 12, todas elas colaborando de um modo mais ou menos activo no «Feito».*

Novas ideias surgiram. Até ali não tínhamos pensado bem como chegar até à população da Amadora, depois isso passou a ser alvo da nossa preocupação. Não interessavam apenas os sócios da cooperativa «Vis».

Para além disso resolvemos ainda aproximar o teatro das outras secções, da cooperativa. Assim, após uma série de colóquios submetidos ao tema «Subdesenvolvimento», o grupo de teatro decidiu fazer uma síntese, do que havia sido dito neles. Fizemo-la também por meio de colagem de textos, utilizando jograis.

Neste momento estamos pensando em representar uma peça de colaboração com o «1.º Acto» de Algés. Peça essa que será levada a outras localidades, iniciando deste modo o contacto com o exterior.

O grupo de teatro da «Vis» é constituído na sua maioria por estudantes, colaborando, no entanto, alguns trabalhadores.

ENSINO: TENTATIVA DUMA RESPOSTA ÀS ACTUAIS CARÊNCIAS

O interesse da Cooperativa pelo ensino filia-se, nas graves carências fàcilmente constatáveis na Amadora. A resposta da cooperativa teria de corresponder às suas possibilidades económicas actuais, mas este campo seria para ela fundamental.

Carlos Manuel Tavares da Costa sócio-professor, procurou dar-nos uma ideia da actividade no sector:

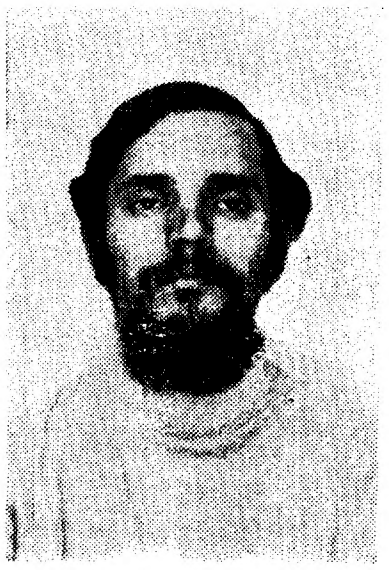
— *Sendo a «Vis» uma Cooperativa de Ensino e Difusão Cultural, uma das suas preocupações fundamentais é, sem dúvida nenhuma, o Ensino. Apesar da Amadora ser o maior núcleo populacional do concelho de Oeiras, sofre de carências enormes no aspecto do ensino (falta de instalações técnicas e liceais capazes, ausência total de ensino nocturno oficial, etc.).*

Numa primeira tentativa de resposta (necessàriamente limitada) a estas carências, por parte da cooperativa, criámos o Ciclo Preparatório de Ensino Secundário, que nos pareceu ser o que melhor serviria os interesses da população local. Iniciámos o ano lectivo com cerca de 35 alunos.

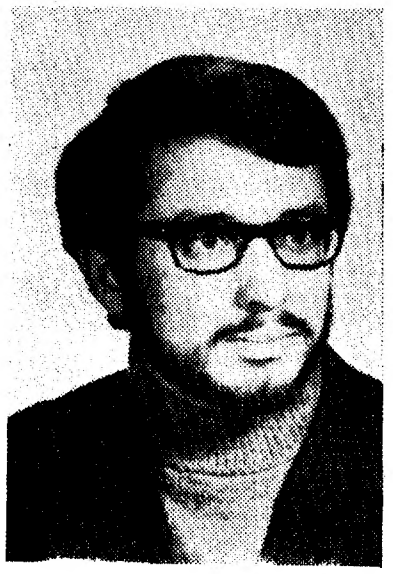
As aulas são orientadas gratuitamente por sócios (estudantes e alguns professores oficiais). Os alu-

(Continua na pág. 10)

Josefa Maria



Fernando Cruz



Carlos Tavares da Costa

Herculano Carvalho

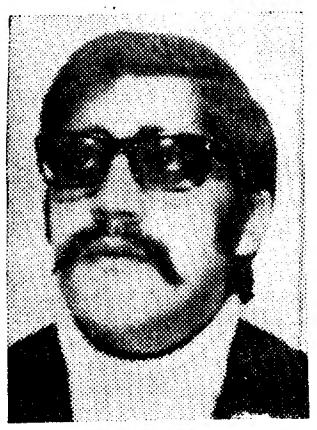
Cooperativa «Vis»

(Continuação da pág. 9)

nos pagam uma quota de ensino de 35$00.

Pensamos no próximo ano lectivo estender as aulas ao 2.º ciclo liceal, o que só será possível por colaboração com outras colectividades locais, devido à nossa falta de instalações.

Assumpção Leal



Amaro Espírito Santo

«SEIS CONTOS DE LIVROS POR MÊS»

Herculano Carvalho é o presidente da direcção da cooperativa. O elemento indicado para nos dar uma ideia geral das outras actividades e responder a algumas questões que lhe foram apresentadas sobre o panorama cultural da zona:

— *Além das actividades referidas nas intervenções dos vários elementos que trabalham nas secções, temos de acrescentar uma breve nota sobre a biblioteca e a livraria. Uma e outra, funcionando embora com um movimento reduzido, têm vindo a aumentar regularmente, e merecem-nos uma atenção especial, no sentido da sua maior dinamização. A livraria, com uma média de vendas de 6000$00 mensais de obras seleccionadas para além da sua efectiva função como veículo cultural, dá aos sócios, regalias na compra dos livros e dispõe de um sistema de crédito bastante favorável.*

Parece-me importante abordar alguns aspectos sobre o panorama cultural da zona onde a Cooperativa se insere, a Amadora, o que poderá permitir uma melhor compreensão das limitações e possibilidades da «Vis».

Entre 1950 e 1960 a Amadora aumentou a sua população em 28 000 habitantes. Crescendo a um ritmo da ordem dos 70 por cento tem cerca de 120 mil habitantes, actualmente. Apesar da possibilidade havida em prever o crescimento actual, a verdade é que os equipamentos urbanos não precederam a instalação da sua população, sendo notória a falta de medidas efectivas por parte das entidades competentes no sentido da promoção sociocultural junto das classes trabalhadoras da Amadora.

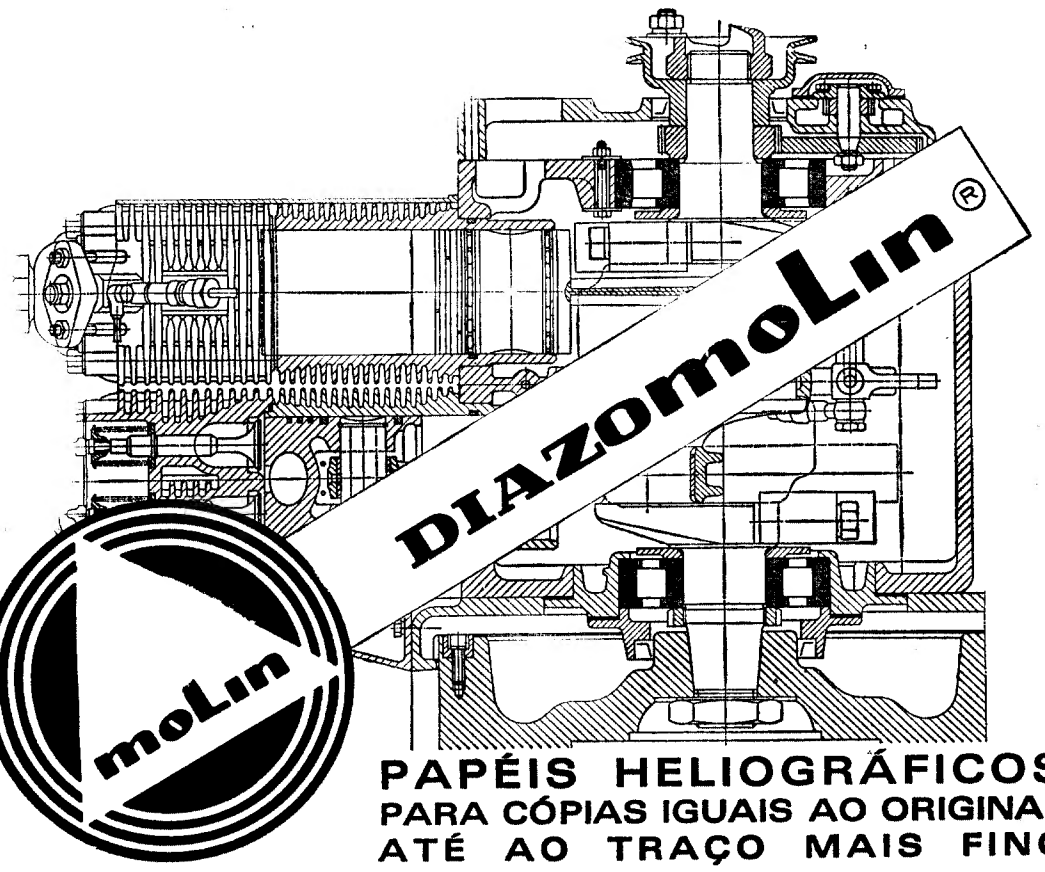
A freguesia não dispõe de instalações para ensino liceal e técnico, convenientes, há uma ausência total de creches, equipamentos de tempo livre; também o panorama existente quanto a colectividades locais é confrangedor. Ausência total de cooperação, transformaram estas colectividades, na sua generalidade em meros locais de jogo de matraquilhos e bilhar ou salas de televisão para um muito reduzido número de sócios. (No ano de 1970 uma das principais colectividades da Amadora teve 6 livros requisitados da sua biblioteca).

Apesar da perfeita consciência que temos de que sòmente profundas alterações económicas, políticas e sociais permitiriam a efectivação de uma verdadeira promoção cultural junto dos trabalhadores e de que é ao Estado que compete a educação das pessoas, tenta a «Vis», apesar disso, criar Serviços que ocorram às necessidades mais flagrantes e que contribuam de certo modo para a valorização e consequente libertação do maior número de pessoas.

É por isso que existe o teatro, o ensino, a venda dos livros, o cinema para as crianças...

Com esta perspectiva, julgamos estar a dar um contributo válido com a Cooperativa «Vis».

Os primeiros contactos com a máquina (fascinante) de projectar



PAPÉIS HELIOGRÁFICOS
PARA CÓPIAS IGUAIS AO ORIGINAL
ATÉ AO TRAÇO MAIS FINO

moLin V. N. GAIA SALOES DE VENDAS - NO PORTO-R. DE JULIO DINIS, 887-TEL. 692202 - EM LISBOA-R. DO TELHAL 8-C-TEL. 324878

SENSACIONAL

Vá a Madrid, na Pascoa, OFERTA JOVICA, 30 Viagens (15 prémios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em auto-pluma de luxo, Hotel de 1., visita à cidade e Vale dos Caidos, etc. Sorteio a realizar em 27/3/71, autorizado pelo Ex.mo Sr. Governador Civil de Lisboa. E na altura da compra receba logo o BRINDE JOVICA para todos os clientes.

TELEVISORES
Desde 3500$00, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS
Desde 2100$00

ESQUENTADORES
Desde 1300$00, com montagem a cromados

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
Desde 4750$00, AUTOMÁTICAS

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA
Desde 5000$00, AUTOMÁTICAS

...E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA
LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-C
Telef. 53 45 36
Avenida 5 de Outubro, 53-C
Telef. 4 77 69
FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS
VENDA NOVA

KONI
O PREÇO ESQUECE A QUALIDADE FICA

Quando comprar os seus amortecedores KONI verificará que o seu preço é um dos mais elevados do mercado. Temos, no entanto, argumentos suficientes para lhe provar que comprou os amortecedores mais baratos do mundo. E não só. Aqueles que lhe darão maior satisfação e segurança. Terá melhor aderência das rodas sobre a superfície da estrada. Maior segurança nas curvas a média ou alta velocidade. Desgaste mínimo de pneus e molas. Carro em posição perfeitamente equilibrada, sem ceder ao peso da carga. Reguláveis, ajustáveis e reparáveis, os amortecedores KONI não acabam mais.

O amortecedor mais barato por Km percorrido

Representante em Portugal:
SOGERIM • SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23 - B - LISBOA
TELEF. 560156

Redistribuição do rendimento nacional

UM POR CENTO dos agregados familiares portugueses têm um rendimento mensal superior a 10 500 escudos; treze por cento um nível de rendimento inferior a 1000 escudos e em vinte e um por cento, o rendimento familiar oscila entre 1000 a 1500 escudos. Entre estes pólos extremos: 46 por cento das famílias portuguesas usufruem de 1500 a 3500 escudos mensais e 16 por cento de 3500 a 6500.

REALIDADES muito esquecidas, foi com natural interesse que assistimos ao levantar da questão em Assembleia Nacional. Efectivamente, o deputado Francisco Balsemão, numa recente sessão, salientou *«a necessidade de evitar que não apenas entre os indivíduos, mas também entre as regiões de um mesmo país, os ricos sejam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres»*. Analisando as carências locais e gerais, este deputado afirmou, no seu discurso

Riqueza mais igual para todos os sectores da população: urgência maior

«É preciso redistribuir o rendimento nacional, passar á acção na canalização do investimento, atrair pessoas e bens onde eles são mais necessários, proporcionar decisão ao nível local»

A propósito desta intervenção, e no sentido de revelar a sua actualidade, vejamos alguns dos dados sobre a realidade portuguesa, que nos são presentes num estudo de José Sousa Monteiro, *«Distribuição de classes e de níveis de rendimentos familiares em Portugal continental»*.

Com base numa amostra populacional a 4500 famílias, recolhida em Maio de 1969, e utilizando para classificação das classes socio-económicas os conceitos de instrução e ocupação do chefe de família, nível dos rendimentos familiares, forma de recebimento, tipo de habitação e zona de residência na localidade respectiva, verificava-se que 64% da população portuguesa considerava-se, em função da distribuição do nível de rendimentos familiares, como pertencendo á classe baixa e 5% constituiriam as classes alta e média. A escala nacional, os grupos sociais mais pobres predominam com um peso de 85%, 85% e 75%, nas regiões de Beira Interior, Trás-os-Montes e Beira Litoral. Para termos uma ideia das deficiências de equipamento sanitário, económico e do nível de vida, vejamos como amostra algumas cidades. Em Trás-os-Montes, nas cidades de Vila Real e de Bragança, a taxa de mortalidade infantil é de 81,7 e de 84,2% e a percentagem de partos sem assistência de 85,6 e de 76,2. Tomando agora os indicadores económicos, temos um consumo de energia industrial por habitante de 31 e 26 Kw, sendo a contribuição industrial por habitante de 26,3 e 25,1 escudos. Como indicador de nível de vida, notemos que, em cada 1000 habitantes, existem 7 televisores em Vila Real e 5 em Bragança.

Na Beira Interior, cidades de Viseu e Guarda, os dados que nos surgem são claros: mortalidade infantil, 74,5 e 77,2w respectivamente; percentagem de partos sem assistência, 71,8 e 68,5, consumo de energia, 31 e 51, contribuição industrial por habitante 40,2 e 39,0; numero de televisores em 1000 habitantes, 8 e 10.

É nestas zonas, que, evidentemente, se acentua a necessidade da redistribuição (necessidade aliás geral) do rendimento nacional. Assim, em Trás-os-Montes, mais de 60% da população tinha, em 1969 um rendimento mensal inferior a 1000 escudos mensais, cerca de 15% um rendimento de 1000 a 1500 escudos, não se apresentando praticamente rendimentos superiores a 6500 escudos, circunstância, também verificável na Beira Interior. Com rendimentos inferiores a 1500 escudos, temos ainda Trás-os-Montes (78%) Beira Interior (58%), a Beira Litoral (46%).

Neste panorama, Lisboa aparece como o centro privilegiados Mas quantos desequilíbrios nesta cabeça brilhante do País, onde as carências exigem urgência de soluções!

Lisboa, neste **«país macrocéfalo» é excepção que turista** visita e nós contemplamos embevecidos nas **estatísticas** pródigas Ora vejamos: apenas 4% da população da capital tem um rendimento inferior a 1000 escudos; cerca de 5%, um rendimento de 1000 a 1500 escudos; 60% um rendimento entre 1500 e 3500 escudos e 30% um rendimento compreendido entre 3500 a 6300 escudos e 12% um rendimento superior a 6500.

Os indicadores sanitários são igualmente de excepção: 43,8 de taxa de mortalidade infantil, 8,6% de partos sem assistência, 428,6 (kwh) de consumo de energia industrial por habitante; 548 (escudos) em contribuição industrial por habitante; 81 televisores por 1000 habitantes. No entanto, mesmo na periferia, «á portinha de casa», deparamos com exemplos que nada abonam uma imagem de progresso (ainda que localizado e sem ambições): Loures, 82,9 como taxa de mortalidade infantil, Arruda dos Vinhos, 51,7% de partos sem assistência; 5,5 (kwh) de consumo de energia industrial por habitante; Azambuja 42,8 (escudos) de contribuição industrial por habitante; Lourinhã, 9 televisores por 1000 habitantes.

Na urgência das urgências, até Lisboa não escapa á necessidade de redistribuição do rendimento nacional, tal como oportunamente Francisco Balsemão acentuou na Assembleia Nacional. Resta saber se a distribuição ou redistrizuição do rendimento, de que o País carece é adaptável aos esquemas vigentes

Orgãos femininos: alta percentagem de cancros fatais

inquerito

Há possibilidade de aumentar o número de casos de cura de tumores malignos dos órgãos femininos?

Dr.ª Purificação Araújo:

«Muitos casos de tumores malignos podem ser curados quando diagnosticados a tempo. Exemplo corrente: o carcinoma do colo do útero pode atingir uma percentagem de 80 % de cura quando diagnosticado precocemente. Mas, para isso, era preciso que os meios de diagnóstico precoce e tratamento oportuno fossem acessíveis a toda a população. Ora, lamentávelmente, e, como acontece noutros sectores, há uma grande diferença entre o que pode ser feito e o que está a ser feito.

O diagnóstico precoce do carcinoma do colo uterino pode ser realizado mediante um método muito simples, chamado teste de Papanicolaon, e que consiste no exame citológico do ensudado vaginal. Este exame tem permitido um rastreio em massa, e torna curável esta forma de tumor maligno, porque é diagnosticado na sua forma inicial.

Desde há uma dezena de anos que nalguns países se estão fazendo campanhas intensas com o objectivo de todas as mulheres de mais de 21 anos se submeterem a este teste. E, assim, a taxa geral de cura do carcinoma do colo uterino aumentou nos últimos anos de 38 % a 50 %. As taxas mais altas de cura registam-se na União Soviética Japão e Estados Unidos, e as mais baixas na Índia e União Sul-Africana.

É nas mulheres de níveis socioeconómicos mais carenciados que a frequência desta forma de carcinoma, em estados mais avançados, é mais alta, e isto porque, além de não existir uma educação sanitária que permita elucidar sobre a necessidade de exames médicos preventivos, também nas nossas consultas hospitalares o se efectuam por rotina os exames que permitiriam um diagnóstico precoce, e consequentemente um tratamento eficaz com um aumento do número de curas.

É pois [illegible] os poderosos meios de que se dispõe já para a detecção em tempos dos tumores malignos não estejam a ser utilizados em toda a sua extensão.»

Dr.ª Purificação Araújo

Um dos casos mais graves de mortalidade antes de 5 anos de internamento no Instituto de Oncologia relaciona-se com a mama, útero, ovário e órgãos genitais da mulher. Vale a pena dar uma ideia sintética de mortalidade de tumores malignos nestes órgãos em relação ás inscrições globais. Fizeram-se nos dados gerais, referências aos períodos de 1954-59 e 1963-68, tal como no artigo anterior.

INSCRIÇÕES

Vamos escolher três anos, 1954, 1959, 1963 como anos de referência e portanto daremos uma ideia inicial das inscrições de tumores malignos nestes anos.

INSCRIÇÕES de tumores malignos:

a) MAMA — 1954 — 404; 1959 — 509; 1963 — 556.

b) COLO DE ÚTERO 1954 — 352; 1959 — 323; 1963 — 320.

c) CORPO DE ÚTERO — 1954 — 59; 1959 — 55; 1963 — 69.

d) GENITAIS DA MULHER — 1954 — 35; 1959 — 37; 1963 — 40.

Nestes números encontra-se uma certa regularidade nas inscrições anuais: cerca de 500 tumores de mama, 300 e poucos de colo de útero, 50 de corpo de útero e 30-40 de genitais da mulher.

FALECIMENTOS APÓS CINCO ANOS

Quantas pessoas morreram destes tumores, cinco anos depois?

Os números são muito significativos em relação, á mortalidade no próprio instituto: Assim, segundo os diversos tumores a situação foi a seguinte:

a) Mama:

Período	*Falec.*	*%*
1954-59	191	47,3
1959-64	269	52,8
1963-68	261	46,9

b) Colo de útero:

Período	*Falec.*	*%*
1954-59	176	50,0
1959-64	202	62,5
1963-68	174	54,4

c) Corpo de útero:

Período	*Falec.*	*%*
1954-59	28	47,4
1959-64	32	46,4
1963-68	26	47,3

d) Genitais da mulher:

Período	*Falec.*	*%*
1954-59	21	60,0
1959-64	27	68,0
1963-68	28	65,1

FALECIMENTOS + + PERDIDOS DE VISTA

O conceito «Perdidos de Vista» aparece em alguns casos como referência à mortalidade no exterior do instituto. Em 1959, 1964 e 1968, os resultados de falecimentos + perdidos de vista relativos aos tumores malignos inscritos em 1954, 1959 e 1963 eram:

a) Cancro de mama: **66,6 por cento em 1954-59; 66,6 por cento em 1959-64; 62,4 por cento em 1963-68.**

b) Cancro de colo de útero: **76,4 por cento em 1954-59; 62,5 por cento em 1959-64; 70,3 por cento em 1963-68.**

c) Cancro de corpo de útero: **72,9 por cento em 1954-59; 60,9 por cento em 1959-64; 69,1 por cento em 1963-68.**

d) Genitais da mulher: **91,4 por cento em 1954-59; 82 por cento em 1959-64 e 67,4 por cento em 1963-68.**

Estes dados mais objectivos permitem escrever que no caso de tumores malignos na mama há uma mortalidade de cerca de 60 por cento, no caso do colo de útero de 60-70 por cento, do corpo de útero entre 60-70 por cento e órgãos genitais e não especificados a mortalidade varia muito, sempre para mais do que 60 por cento (60-90), devido ao número relativamente pequeno de inscrições.

JOSÉ JOÃO LOURO

Sobralinho
à procura do progresso

Quem tem medo de D. Quitéria?

JOSÉ JOÃO LOURO

História duma viagem ao Sobralinho e de como se vive na zona mais industrial de Lisboa. Da falta de água, de esgotos em condições, da ameaça do tifo.

Da dona Quitéria educadora cheia da sua razão. Em que também se fala do perigo das bibliotecas e do mal que elas podem trazer às pessoas que não tenham dicionários.

Uma aldeia ribatejana onde se pensam coisas muito sérias

SOBRALINHO-ALDEIA onde o Sttau Monteiro menino e os filhos dos homens que não o foram brincaram, passou a Sobralinho-dormitório de operário da Cimentos Tejo, da Penteação de Lãs, da Previdente, da Cima, da Sonadel, das Construções Técnicas, da Macol.

O «Columbófilo» Clube com a sua biblioteca e televisão vai dar passagem ao Centro Social de Sobralinho, como jardim de infância, um centro de convívio, biblioteca, apesar de D. Quitéria ter lá as suas razões para não haver biblioteca. Fomos ao Sobralinho, falámos com as pessoas e soubemos coisas...

A PRIMEIRA REUNIÃO: PROBLEMAS E NECESSIDADES

Os Serviços de Promoção Comunitária da DGA., proporcionou a reunião de pessoas interessadas. Houve discussão e os presentes concordaram nos principais problemas:

a) A falta de esgotos em condições;

b) A falta de água na maior parte da área urbanizada;

c) A falta de limpeza nas ruas e consequente acumulação de lixos;

d) Os problemas das crianças em idade pré-escolar, filhas de operárias que não tem creches nas suas empresas;

e) O encarecimento constante dos produtos de consumo essencial.

E, consequentemente, as pessoas pensaram na necessidade de uma comissão que tratasse junto da Câmara e outras autoridades dos problemas dos esgotos, da água, dos lixos, da limpeza: e de outra que lutasse por uma associação, talvez cooperativa, que criasse um centro de convívio, uma creche, um jardim de infância e um serviço cooperativo de consumo.

«TERRENO + + ASSOCIAÇÃO + + BOA VONTADE OFICIAL = JARDIM DE INFÂNCIA»

A Dona Quitéria (Quitéria Margarida Soares Constantino Meireles) foi quem convidou as pessoas. Também é quem mais tem falado. Daí para cá tem encaminhado as coisas. Educadora infantil interessou-se pelo jardim. Ajudava o povo e ajudava-se a si própria. Cooperativa de consumo. Não, os serviços de promoção comunitária não podiam ajudar e os comerciantes de Alhandra não estavam de acordo. Grupo de trabalho para melhor esgoto e melhor urbanização? Entraves municipais. Biblioteca? Não. A Dona Quitéria pensa qeu há livros perigosos e inúteis, para os quais são precisos dicionários.

D. Quitéria é educadora infantil. Dona Quitéria tem razão. Tem livros lidos, tem frequências de escolas. Com Dona Quitéria, não se pode falar. E como D. Quitéria tem razão vamos para o Centro Social (para já jardim infantil).

E com Dona Quitéria á frente (a Dona Quitéria é activa), fizeram-se bailes, garraiadas, bailes e garraiadas, pagou-se ao guarda para guardar o baile, ao guarda para guardar as baladas, ao guarda para guardar a garraiada. A tesoureira, feliz, já tem 15 contos e um terreno para o Centro Social (sem biblioteca).

E a Dona Quitéria promete lutar contra aquele e aqueloutro para haver jardim de Infância no Sobralinho. E vai fundar a Associação para o Desenvolvimento do Sobralinho, com estatutos da DGA. E se não houver jardim de infância, Dona Quitéria, ficará em casa, triste. Eu vos juro isto porque fui ao Sobralinho, falei com a Dona Quitéria, com o Senhor Amâncio, com o Sr. Meireles da Biblioteca, com jovens, á tesoureira, homens velhos entusiasmados, jovens também e eu vi o terreno, o lanche para o Presidente da Junta de Alverca e como a Dona Quitéria, apesar de todas as injustiças, acreditava: — *Temos o terreno. Vamos fazer a Associação. Com a boa vontade oficial teremos o jardim de infância.*

D. Quitéria Meireles: para quê a biblioteca?

O SENHOR ALEIXO LEMBRA-SE DE TUDO

Amândio Aleixo da Silva é o computador da aldeia. Um computador entusiasmado com o trabalho de tornar o Sobralinho melhor. E ele e os outros homens idosos: o pai de Dona Quitéria, outro velhote de olhos brilhantes que mostrou um lagar com cebolas a secar numa trave e com quem estivémos a falar de *«perdizes assadas caídas do Céu»*. Do senhor Amâncio é que vêm os números, as informações, as datas. As 18 tmpresas. Os 3500 habitantes. A informação dos obstáculos burocráticos á urbanização do Sobralinho. E outras: não há médico, nem serviço de enfermagem. Quatrocentas crianças em idade pré-escolar. Mil escudos, a renda de uma casa, três assoalhadas sem água. Os esgotos passam ao pé da fonte. Conseguimos três bidons para o lixo. O chafariz e a primeira escola foram feitos pelo povo. Não há dinheiro municipal para o reservatório e as crianças estão proíbidas de beber a água que vem para a escola

O sr. Amâncio conta e as pessoas, à volta, concordam. Lembra-se de tudo. Há vinte anos, isto... Quando fomos à Câmara, aquilo... Sabe cada pormenor e vive tudo com entusiasmo E às vezes lembra coisas importantes. O senhor Amâncio desde que tem o terreno para o Centro Social é uma alma nova. Fala. Fala e ouve entusiasmado. Conta coisas...

JOSÉ CABRITA ACREDITA NOS LIVROS

A Dona Quitéria discorda da biblioteca no Centro Social. Ninguém lê os livros. Ela conhece bem o assunto. Já os leu todos. Fez estudos de frequência da da biblioteca. A Dona Quitéria sabe que ninguém lê os livros. Mas o José Cabrita não concorda. Ele e outros jovens operários. O José Cabrita pensa que uma biblioteca é sempre útil, que não se deve esquecer a Cooperativa de Consumo, que se deve criar a comissão de urbanização, que o Centro Social não deve ser só bailes e jardim infantil. O José Cabrita e outros jovens, acreditaram na possibilidade de trabalhar pelo Sobralinho, acreditaram na possibilidade de ler, de se organizarem para ter esgotos, água e as ruas limpas. E pensam que a Associação de Desenvolvimento do Sobralinho não deve ser preestabelecida. O Senhor Amâncio também concorda.

Concordam todos, que devem discutir os estatutos da Associação, antes de os aprovarem. A Dona Quitéria, explica que os estatutos só podem ser aqueles, porque só aqueles serão aprovados no mínimo de tempo.

Cá fora, no Sobralinho, á porta das tabernas há quem ainda discuta só futebol. A água corre nas canaliza-

... Mas os jovens do Sobralinho acreditam. E a «comissão» de habitantes (incluindo D. Quitéria) acredita, também, no progresso. Apesar de tudo

ções, mas só até á torre. Um homem velho apanha sol. Os jovens da comissão tiram uma fotografia todos. A junta de freguesia de Alverca, encostada á parede, espera, sorridente...

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 12 DE FEVEREIRO DE 1971 — N.º 81